



Universidade Federal do Ceará
Faculdade de Educação
Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira

A função do Jornal *O Lavrador* como meio difusor da formação do professor ruralista de Juazeiro do Norte

Mirelle Araújo da Silva

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Juraci Maia Cavalcante

Fortaleza
Junho
2009

A função do Jornal *O Lavrador* como meio difusor da formação do professor ruralista de Juazeiro do Norte

MESTRANDA: Mirelle Araújo da Silva

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Maria Juraci Maia Cavalcante

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, como requisito final, para obtenção do título de mestre, conforme exigência formal e obrigatória, constante no Estatuto do referido Programa.

"Lecturis salutem"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

S581f

Silva, Mirelle Araújo da.

A função do jornal O Lavrador como meio difusor da formação do professor ruralista de Juazeiro do Norte / por Mirelle Araújo da Silva. – 2009.

123f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza(CE), 25/06/2009.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Maria Juraci Maia Cavalcante.

Inclui bibliografia.

1-ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE – 1934-1974.

2-O LAVRADOR(JORNAL) – 1934-1974.3-JORNALISMO ESCOLAR – JUAZEIRO DO

NORTE(CE) – 1934-1974.4-PROFESSORES DE ENSINO PRIMÁRIO – FORMAÇÃO –

JUAZEIRO DO NORTE(CE) – 1934-1974. 5-ESCOLA NOVA – JUAZEIRO DO

NORTE(CE) – 1934-1974. 6-EDUCAÇÃO RURAL – JUAZEIRO DO NORTE(CE) –

1934-1974. 7-ESCOLAS RURAIS – JUAZEIRO DO NORTE(CE) – 1934-1974.

8-JUAZEIRO DO NORTE(CE) – CONDIÇÕES RURAIS – 1934-1974.I- Cavalcante, Maria

Juraci Maia, orientador. II. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em

Educação Brasileira. III-Título.

CDD(22ª ed.) 370.7108131091734

64/09

Mirelle Araújo da Silva

A função do Jornal *O Lavrador* como meio difusor da formação do professor ruralista de Juazeiro do Norte

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito final para obtenção do título de Mestra em Educação.

Defesa em 25 de junho de 2009

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Maria Juraci Maia Cavalcante
(Orientadora)

Prof^a Dr^a Fátima Maria Leitão Araújo - UECE

Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade - UFC

Agradecimentos

À Deus pela sua presença sempre tão real em minha vida, pela sua fidelidade que em todo o meu caminho sempre me protegeu com seu cuidado.

À minha família pelo amor e apoio incondicionais dedicados a mim em todos os momentos da minha vida, pela força que sempre tive para que eu pudesse terminar o mestrado.

Ao meu namorado André Luiz pelo companheirismo com que acompanhou todo este processo de escrita, pelo amor a mim dedicado que em muitos momentos foi apoio seguro e sinal de ternura.

A minha orientadora Profa. Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante pelo aprendizado que me foi proporcionado através do seu conhecimento no desafiante mundo da escrita, pela sua paciência diante da minha ansiedade e pelos valiosos momentos de orientação.

À Profa. Dra. Fátima Leitão Araújo por suas significativas contribuições para a elaboração deste trabalho desde a graduação, pelas indicações de leituras e pela sua presença nesta banca.

Ao Prof. Dr. Francisco Ari de Andrade pela generosidade e disponibilidade com que aceitou fazer parte desta banca.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) por proporcionarem o auxílio financeiro para a realização desta pesquisa.

Ao Renato Casimiro por ter tido a “consciência histórica” de guardar os exemplares do Jornal *O Lavrador*, possibilitando a preservação destas preciosas fontes primárias da educação cearense.

Ao Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Docente e Sociedade (EDUCAS) da Universidade Estadual do Ceará, coordenado pela Prof^a Dr^a Isabel Maria Sabino de Farias, por ter permitido o acesso as fontes desta pesquisa.

Dedicatória

Aos meus pais pelo amor e dedicação que sempre
iluminaram a minha vida.

Resumo

Trata da formação docente no meio rural cearense, enfocando o ideal de professor formado na Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte tendo como objeto de pesquisa o jornal *O Lavrador*, no período de 1934 à 1974, que compreende os primeiros anos do seu funcionamento e até o fechamento desse Estabelecimento de Ensino. Evidencia que o surgimento da referida Escola, baseia-se no propósito de oferecer aos seus alunos uma educação rural, teve relação estreita com o momento histórico de valorização da agricultura pela elite agrária e nordestina, como meio indispensável para a conquista do progresso, após a Revolução de 1930. Os objetivos desta pesquisa foram: 1) Traçar a cronologia comentada da Escola, possibilitando uma reflexão de sua trajetória; 2) Compreender as bases pedagógicas da Escola, enfocando o pensamento ruralista e o apoio das diretrizes da Escola Nova; e 3) Identificar e analisar as mudanças e continuidades na proposta de formação de professores através do estudo das 113 edições publicadas no período de 1934 a 1974. Utiliza fontes historiográficas e impressas, compreendendo-as em suas múltiplas possibilidades de materialização, cruzamento e interpretação, privilegiando 113 exemplares do periódico *Jornal O Lavrador*, cujo valor consiste em ter sido produzido pela própria escola, que iniciou sua circulação ainda no primeiro ano de fundação daquela instituição. Apresenta os resultados obtidos na análise de conteúdo realizada, destacando a ênfase dada por aquele jornal aos assuntos ligados à vida do lavrador, principais eventos e práticas pedagógicas da escola e diversos artigos escritos pelos próprios alunos. As cinco décadas estudadas e pelas quais o jornal atravessou, permitiram delimitar diferenças e podemos considerar as seguintes características: 1) 1930 – marca o início da fase áurea da Escola evidenciando o prestígio e a notoriedade que o Ruralismo Pedagógico ocupava na educação cearense; 2) 1940 – a continuidade da década anterior com intensas atividades; 3) 1950 – é marcado pela publicação de palestras sobre o Ruralismo e a comemoração do aniversário de Dona Amália; 4) 1960 – o início do declínio da publicação dos jornais; e 5) 1970 – o fim da Escola é marcado pela ausência do fervor ruralista que iluminou a Escola durante todo o seu funcionamento. Evidencia a trajetória de circulação do jornal *O Lavrador* é assinalada por intensas dificuldades no que se refere ao custeamento do periódico. Vale ressaltar, que a palavra *luta* que sempre aparece vinculada a comemoração do aniversário do periódico demonstrando as dificuldades travadas de cunho econômico.

Palavras-chave: Ensino Normal Rural – Formação de Professores – Imprensa Escolar

The role of the newspaper *O Lavrador* as a propagation means in the formation of rural teacher in Juazeiro do Norte

ABSTRACT

The present work deals with the teacher's formation in the rural area of the State of Ceará, focusing on the teacher's ideal of the Normal School of Juazeiro do Norte having as topic of research the newspaper *O Lavrador* during 1934 through 1974, a period that corresponds to the early years of functioning of that School until its closing. This research found that the foundation of that educational institution had as its main goal to make available to the students a rural education because this objective is directly related to the historical valorization of the agriculture by the northeastern rural agrarian elite, as a vital way to achieve the progress after 1930 Revolution. The aims of this research were: 1) Set up the commented chronology of the school in order to allow a reflexive appreciation of its trajectory. 2) Understand the pedagogical bases of the school, focusing on the rural thought and the support of the New School directrices. 3) Try to identify and to analyse the changings and the continuities in the formation proposals of the teachers through the 113 issues published during the period of time mentioned above (1934-1974). We used historic and printed sources, these understood in their multiple possibilities of materialization, cross reference and interpretation, using as an universe of search 113 editions of the *O Lavrador*, once this newspaper was published for this very school, and distributed by it in the first year of his foundation. We tried to show the results obtained in the contents examining, emphasizing the attention given by that paper on subjects related to the agricultural worker's life, main events and pedagogical practices of the school and the divers articles written by the very students. The five decades studied in which the paper existed, allowed us to delimitate differences and we were able to identify the following features: 1) 1930 – it was the beginning and also the golden era of the school showing the prestige and the notoriety of the Pedagogical Ruralism had in the education of Ceará State; 1940 – the continuity of the previous decade with intense activities; 3) 1950 – is remembered as the time of the publication of many speeches on Ruralisms and the celebration of the birthday of Mrs. Amélia; 4) 1960 – it is the beginning of the decline of the issuing of the newspaper and 5) 1970 – it is the end of the school due to the lack of the rural spirit that animate the school during its entire life. The trajectory of the paper was one of deep financial difficulties. The word "fight" is always linked to the celebration of the anniversary of the paper as a demonstration of the financial difficulties faced by that institution.

Key words: Rural Normal Teaching – Formation of Teachers – School Press.

SUMÁRIO

1. Introdução	
1.1. Percurso de pesquisa	9
1.2. Esclarecimentos Metodológicos	12
2. A Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: uma cronologia comentada	
2.1. A marcha pela vitória na terra da luz	18
2.2. Início dos tempos áureos no sertão cearense	25
2.3. Fim do projeto Normal Rural Cearense: poucas justificativas	28
3. O Pensamento Ruralista e as Bases Pedagógicas da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte	31
4. O Jornal O Lavrador: 113 edições entre 1934 a 1974	
4.1. Estrutura do Jornal <i>O Lavrador</i>	41
4.1.1. Contexto de circulação	41
4.1.2. Projeto editorial	43
4.1.3. Matéria de capa inaugural: pistas para a compreensão da publicação do jornal <i>O Lavrador</i>	45
4.2. Década de 1930: início dos tempos áureos do ensino normal rural cearense	47
4.2.1. Grandes eventos da Escola Normal Rural	48
4.2.2. Instituições escolares: mediadoras do aprendizado rural	50
4.2.3. Noções de economia: aprendizado necessário para o casamento	52
4.2.4. Metodologia de Ensino: valorização das práticas agrícolas	53
4.2.5. Datas Comemorativas	58
4.3. As continuidades da Década de 1940	59
4.3.1. Ruralismo: continuidades pedagógicas	59
4.3.2. Imagens do professor	61
4.3.3. Temas políticos	63
4.3.4. Conteúdos ministrados – Educação Doméstica	65
4.4. Década de 1950: redução no número de periódicos	68
4.4.1. Ruralização do Ensino	69

4.4.2. Presença permanente de Amália Xavier de Oliveira	70
4.4.3. Atividades Pedagógicas Ruralistas	72
4.4.4. Festividade de Aniversário da Escola e Datas Comemorativas	75
4.4.5. Conduta do professor	76
4.5. Década de 1960: declínio da era ruralista	80
4.6. Década de 1970: extingui-se o Ensino Normal Rural Cearense	85
5. Considerações Finais	91
Referências Bibliográficas	95
Fontes	98
Anexos	
Anexo I	
Cópia do Jornal O Lavrador	105
Anexo II	
Depoimento de Pedro Barros	111

INTRODUÇÃO

1.1. Percurso da Pesquisa

Este trabalho tem como objeto de pesquisa o jornal *O Lavrador* produzido pela Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte no período de 1934 a 1974.

O interesse em pesquisar o tema remonta à minha inserção no Programa de Bolsa de Iniciação Científica¹ da Universidade Estadual do Ceará. Ingressando no *Grupo de Pesquisa Política Educacional, Docência e Memória* (GPPEM), equipe que estuda a política educacional sob diferentes aspectos e enfoques metodológicos, tive oportunidade de participar da pesquisa integrada “Política Educacional e Magistério: cenários históricos e contemporâneos na capitania do *Siará Grande*” (PEMAC)². Esta iniciativa realizou, em 8 municípios cearenses, um inventário de fontes sobre política educacional, entre os quais estava o município de Juazeiro do Norte, ocasião em que se coletou diversos documentos sobre a Escola Normal Rural, ali localizada. Minha aproximação a essa instituição de formação docente está vinculada a essa experiência.

Durante o trabalho de campo realizado pelo GPPEM em Juazeiro do Norte (julho de 2005) foi possível conhecer mais de perto a história da Escola Normal Rural deste município, através do mapeamento de fontes impressas e entrevistas com ex-professores e ex-alunos que pertenceram a esse estabelecimento de formação docente. Então, a partir dessa experiência pude perceber a importância que essa escola ocupou no âmbito social, político e econômico no Ceará e no Brasil, por ser segundo a historiografia educacional brasileira, a primeira escola de ensino voltado para a formação de professores especializados para as escolas rurais do país (LOURENÇO FILHO, 2001; OLIVEIRA, 1984; CASTELO, 1951).

Foi também nesta pesquisa de campo que tive o primeiro contato com os documentos escolares que em parte reconstituem a história da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, dentre eles o periódico escolar *O Lavrador*.

Este jornal produzido pela própria escola iniciou sua circulação ainda no primeiro ano de fundação da instituição, em 1934. Seu conteúdo centra-se em assuntos

¹ Em minha experiência como bolsista de iniciação científica tive a oportunidade de ser contemplada com o apoio de duas instituições de pesquisa, quais sejam: Fundação Cearense de Apoio Científico e Tecnológico e Conselho Nacional de Apoio Científico e Tecnológico no período de 2004 a 2007.

² Esta pesquisa contou com o apoio do CNPq (Edital Universal 2002). Durante sua vigência iniciada em 01/07/2003 e concluída em 31/07/2005, foi realizado um inventário de fontes no município de Juazeiro do Norte, ocasião em que se coletou diversos documentos sobre a Escola Normal Rural ali localizada.

ligados à vida do lavrador e nos principais acontecimentos da escola e apresenta diversos artigos escritos pelos próprios alunos. A escrita do jornal era ativamente realizada pelos alunos, professores e gestores, assim é possível perceber a participação de todos os setores da escola. O periódico surgiu com o objetivo de valorizar a figura do homem do campo, definido em diversas passagens deste documento como a “célula base de nossa riqueza”, o progresso do Brasil. Esta concepção é reveladora de uma certa sintonia entre o pensamento pedagógico da escola e as idéias do Ruralismo Pedagógico em relação à exaltação extremada do meio rural.

Como fruto desta aproximação inicial ao ensino normal rural cearense, escrevi minha monografia de graduação intitulada *O pensamento pedagógico da escola nova na proposta de formação da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte (1934-1945)*, apresentada em janeiro de 2007. Seu objetivo central foi analisar o pensamento pedagógico que orientou a formação dos professores ruralistas e sua relação com as idéias da Escola Nova. Este trabalho utilizou como metodologia à pesquisa documental, tendo como documentos básicos o *Jornal O Lavrador*³ e os *Anais da Semana Ruralista*. A análise destas fontes evidenciou a proximidade existente entre o pensamento *escolanovista* e a prática formativa das professoras ruralistas.

Outro motivo de aproximação com o tema desta pesquisa foi o interesse em conhecer a história da profissão de professor no Ceará. Nesse aspecto, a minha graduação em Pedagogia sempre me despertou o desejo de conhecer as raízes da docência em suas variadas facetas, e o Ensino Normal Rural apresentou-se como possibilidade fecunda para os primeiros passos em busca deste conhecimento.

Assim, embora o estudo sobre a história da educação constituísse espaço recente de descobertas, pois tendo sido caracterizado como programa político e social de reflexão e ação, na segunda metade do século XIX, com o impulso das intenções publicistas e nacionais de escolarização dos povos, especialmente na Europa, foi ao longo do século seguinte que houve real interesse por estas pesquisas, constituindo um ramo da História. (CAVALCANTE: 2000,18)

No Brasil, este campo de estudo é um ramo do conhecimento histórico, afora algumas iniciativas consideradas pioneiras, que tem estado em crescimento nos

³ Os exemplares do jornal *O Lavrador* utilizados nesta pesquisa pertencem ao senhor Renato Casimiro, que gentilmente cedeu o material para reprodução ao Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Sociedade (EDUCAS) da Universidade Estadual do Ceará coordenado pela Profa. Dra. Isabel Maria Sabino de Farias. Estes periódicos estão arquivados em CD-ROM e tiveram também reprodução impressa encontrando-se a disposição para os estudiosos da área.

últimos quarenta anos, a partir da criação dos programas de pós-graduação em Educação no país, sendo os educadores os primeiros a se preocuparem em pesquisar a história do seu fazer. (NUNES,2008:455)

O projeto de pesquisa para o mestrado, por nós apresentado em 2007.2 inicialmente almejava realizar uma investigação das práticas pedagógicas ruralistas da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, com base no jornal escolar *O Lavrador*, no período de 1934 a 1945.

Todavia, após muita reflexão sobre a proposta de pesquisa e o momento da qualificação do projeto de dissertação foram incorporadas sugestões pertinentes para o bom andamento do estudo. Entre as mudanças indicadas temos a análise do conjunto dos 113 jornais publicados abrangendo assim, o período de 1934 a 1974⁴. Conforme o quadro a seguir:

Quadro I

Jornal O Lavrador - Distribuição por décadas

Período	Quantidade de exemplares
1934-1939	42
1940-1949	53
1950-1958	13
1965-1967	02
1970-1974	03
Total	113

Optamos por dividir o estudo destes jornais através da periodização em décadas. Assim, nas cinco fases estabelecidas para o período de 1934 a 1974, abordaremos, especificamente, os artigos que fazem relação à formação dos professores ruralistas, procurando perceber as continuidades e mudanças que a caracterizam, da fundação ao fechamento da Escola.

Compreendemos que a periodização é elaborada de acordo com as referências teórico-metodológicas do pesquisador no seu exercício de responder os questionamentos feitos ao objeto de estudo em questão.

⁴ No capítulo 4 deste trabalho abordaremos o porquê das lacunas existentes em algumas décadas de publicação dos jornais, pois por mais que conste até o número 140 em Set/1974 só temos 113 periódicos disponíveis para estudo. A identificação dos periódicos por número, data e manchete; estão na bibliografia no tópico Fontes Analisadas.

Mas, por mais falhas que sejam as periodizações históricas, delas não se pode prescindir. A necessidade que nos impulsiona para a periodização não é outra senão a de eliminar a trama obscura dos fenômenos históricos, compreender e ordenar as relações históricas. A periodização tem como fim descobrir a estrutura de uma época histórica e como método a formação de conceitos que exprimem o ser próprio da época. (MALERBA,2006:112)

Para melhor delinear a periodização é importante indagar se este debate remete apenas ao espaço temporal ou se existe vínculo com algum traço específico, um tipo de fenômeno, a transformação de estruturas sociais ou uma mudança cultural. (Rodrigues,2008:444)

Seguindo essa orientação metodológica, salientamos, que o objetivo geral deste trabalho é compreender a função do Jornal *O Lavrador* como meio difusor da formação do professor ruralista de Juazeiro do Norte, no período de 1934 a 1974. Proponho um exercício de investigar este jornal escolar como um “personagem ativo” pela sua abrangência de temas relevantes para o entendimento do percurso da Escola. Em consonância com esta finalidade, definimos os seguintes objetivos específicos que constituem seus capítulos: 1) Traçar a cronologia comentada da Escola, possibilitando uma reflexão de sua trajetória; 2) Compreender as bases pedagógicas da Escola, enfocando o pensamento ruralista e o apoio das diretrizes da Escola Nova; e 3) Identificar e analisar as mudanças e continuidades na proposta de formação de professores através do estudo das 113 edições publicadas no período de 1934 a 1974.

1.2.ESCLARECIMENTOS METODOLÓGICOS

Iniciamos os esclarecimentos metodológicos deste trabalho, partindo da concepção de que os questionamentos feitos aos documentos são necessários para a busca de novas respostas e compreensões, como vemos a seguir:

(...) é preciso conhecer a fundo, ou pelo menos da melhor maneira possível, a história daquela peça documental que se tem em mãos. Sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem? Essas perguntas são básicas e primárias na pesquisa documental, mas surpreende que muitos ainda deixem de lado tais preocupações. (BACELLAR,2005:63)

Para tanto, visamos uma historiografia comprometida com a busca de novos protagonismos históricos, em contrapartida àquela centrada da história política, que ignora os agentes cotidianos que dão materialidade às práticas sociais e

culturais. Alguns autores têm defendido esta concepção, como indica o seguinte trecho:

“A história era, antes de tudo, obra de justificação dos progressos da fé ou da razão, do poder monárquico ou do poder burguês. Por isso, durante muito tempo ela se escreveu a partir do ‘centro’. Os papéis representados pelas elites do poder, da fortuna ou da cultura pareciam ser os únicos que contavam.” (LE GOFF, 1993:261)

É com a intenção de romper com a visão historiográfica desatenta ao estudo do papel de outros protagonismos sociais que extrapolem a ação das elites, que se inscreve essa pesquisa. Ela busca, através da apreciação dos elementos formativos contidos em documentos escolares, encontrar novas possibilidades e respostas para a construção de uma História comprometida em desvelar as práticas efetivas que permeiam nosso cotidiano.

Esta pesquisa também se orienta observando a nova concepção de fontes históricas que visa trabalhar com documentos que estão à margem de nossos estudos (LE GOFF, 1995), ponderando *a importância de que a pesquisa... considere múltiplas e diferentes fontes* (SGARBI, 2003:92).

Neste trabalho serão enfocados os documentos escolares que estão relacionados com a vida e atuação da instituição escolar. (NUNES,2008:462) Considerando a visão ampliada do conceito e utilização de documentos no campo de história da educação, adotamos o uso de fontes em suas diversas manifestações como nos indica Campos e Cury (2006) *As fontes não se limitam a documentos, sobretudo os impressos, como habitualmente se pensa já que se vive numa sociedade grafocêntrica, sob a hegemonia da palavra escrita. E acrescentam os autores: o cotidiano escolar abrange diversas formas de registros... as carteiras escolares gastas pelo uso, os livros e material didático..., as fotos, os símbolos...*

Apesar dos obstáculos encontrados a cada vez que se almeja quebrar os silêncios dos documentos silenciados, será este desafio que possibilitará descobertas e nos fará perceber que *falar do silêncio traz em si mesmo uma grande dificuldade. Mas este talvez seja o maior desafio da história e memória da educação.* (CAVALCANTE, 2007:52).

Ao adentrarmos no campo temático da imprensa escolar percebemos que este espaço apresenta-se rico em possibilidades de enfoques de estudo, fontes de

pesquisa e sujeitos diversificados. Salientamos ainda que as investigações nesta área de pesquisa tornam-se mais fecundas à medida que respeitam as especificidades locais e regionais de cada instituição escolar e consegue olhar para além da sala de aula, percebendo-se como parte integrante da sociedade em todos os seus aspectos.

A imprensa pedagógica – jornais, boletins, revistas, magazines – feita por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou por outras instituições – sindicatos, partidos políticos, associações de classes, Igreja – contém e oferece muitas perspectivas para a compressão da história da educação e do ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e as filiações ideológicas, as práticas educativas. (BASTOS,2002)

Encontramos no periódico escolar *O Lavrador* um “personagem ativo” pela sua abrangência de temas relevantes para a compreensão do percurso da Escola, tais como: economia, política, práticas pedagógicas, ruralismo pedagógico, nacionalismo, religião e higienismo.

Esclarecemos que não temos o jornal escolar como um documento isolado e nos apoiamos nas contribuições da bibliografia existente sobre o tema em estudo. Partimos da concepção de que os questionamentos feitos aos documentos são necessários para a busca de novas respostas e compreensões, como vemos a seguir:

(...) é preciso conhecer a fundo, ou pelo menos da melhor maneira possível, a história daquela peça documental que se tem em mãos. Sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem? Essas perguntas são básicas e primárias na pesquisa documental, mas surpreende que muitos ainda deixem de lado tais preocupações. (BACELLAR,2005:63)

Em consonância com a citação acima, consideramos como passo inicial e primordial buscar extrair do documento, elementos que nos indiquem a possibilidade de avançar no estudo. Estas perguntas que iremos tentar responder ao longo desta exposição serão importantes por elucidar os caminhos a serem percorridos por esta investigação.

Após definirmos o significado do periódico estudado, iremos discorrer sobre a forma de analisá-los. Para tanto, utilizaremos a análise de discurso que se apresenta como um campo desafiante e repleto de possibilidades ao pesquisador.

O autor Norman Fairclough, em sua obra *Discurso e Mudança Social*, nos auxilia sobre o entendimento quanto à definição de discurso e sua concepção tridimensional. Este pesquisador nos indica que devemos considerar o discurso como

construção social, considerando o seu contexto histórico-social e suas condições de produção.

Em consonância com esta concepção, associada com outras contribuições nessa área, a noção de discurso apóia-se também no entendimento de que este é mais do que um conjunto de signos que serve apenas para instrumento de comunicação, e sim, como decorrência de interação, e um modo de produção social, sendo assim desprovido de neutralidade e carregado de intencionalidade/ideologia. (BRANDÃO,1995:12)

Para Fairclough (2001) o discurso *deve ser estudado histórica e dinamicamente*. Nesse sentido, ele traça um esquema tridimensional de análise, tendo como componentes o texto, a prática discursiva e a prática social. O autor nos explica de forma sintética cada um desses elementos. Assim sendo, podemos sintetizar a estratégia de análise de discurso por ele proposta da seguinte forma: 1) Texto – é o discurso que é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação; 2) Prática Discursiva – envolve os processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais; e 3) Prática Social – apresenta várias orientações de ordem econômica, política, cultural e ideológica e o discurso pode estar implicado em todas elas. A seguir temos o esquema tridimensional da análise de discurso. Esta síntese pode ser também assim representada:



De modo geral, aplicando esta orientação ao presente trabalho, podemos enquadrar o objeto de estudo desta pesquisa da seguinte maneira: o texto/discurso são os

artigos do jornal escolar *O Lavrador* relacionados à formação de professores, a prática discursiva no que se refere ao processo de produção tem de forma marcante o corpo editorial do jornal que em muito contribui em seu resultado final, a distribuição com a caracterização do público alvo deste periódico e o consumo faz menção a quem lia e absorvia o que era escrito, e na prática social temos as variações econômicas como o ruralismo, os interesses políticos, as idéias escolanovistas, as mudanças culturais e ideológicas.

Para além da análise de conteúdo do periódico em questão, tratamos de somar esta fonte à entrevistas orais com sujeitos ligados à vida e à memória da Escola Normal Rural do Juazeiro do Norte. A entrevista realizada com Pedro Ferreira Barros, um ex-aluno daquela escola, realizada em novembro/2008, foi um momento muito importante para o nosso aprendizado como iniciante no mundo da pesquisa, pela riqueza em detalhes de suas memórias e reconstruções nelas contidas sobre o cotidiano daquela Escola, na década de 1950.

O entrevistado apresenta uma compreensão muito ampla sobre sua permanência na Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, que envolvem suas impressões sobre Amália Xavier de Oliveira, diretora da referida escola por um longo período, bem como as mudanças que incidem sobre a sociedade, no período considerado, que modificam também o perfil e significado daquela Instituição, como agente educacional no Juazeiro.

A oportunidade de entrar em contato com a fonte oral, acrescenta outros olhares possíveis e questionamentos pertinentes neste trabalho. Destacamos, que apesar de alguns estudiosos ainda permanecerem céticos em relação a esta fonte, devido ao caráter seletivo da memória dos entrevistados, ressaltamos que em todo registro humano existem, seja na forma escrita ou oral, omissões e silêncios adormecidos, assim *...Muitos podiam nessa altura ser um pouco mais generosos e admitir a história oral – a história escrita com evidência acumulada de uma pessoa viva.* (PRINS,1992:164)

A vivência de Pedro Barros na Escola permite que o mesmo faça perguntas valiosas como alguém que experimentou como aluno o ensino normal rural. Assim, é evidenciada a importância das fontes, em sua multiplicidade, a necessidade que temos de cruzá-las, para obter uma compreensão mais ampla e profícua do objeto de estudo investigado.

Certamente, outros entrevistados poderiam ajudar a compor o quadro de memórias acerca da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, especialmente no que

diz respeito à vivência com o jornal *O Lavrador*. Porém, devido às alterações ocorridas no decorrer desta pesquisa, coube-nos, em função dos limites institucionais impostos para o tempo de sua realização, realizar somente esta entrevista.

O resultado deste trabalho está sistematizado em cinco capítulos, que serão detalhados conforme o que se segue. O Capítulo 1 compreende a presente introdução, detalhando o interesse pelo tema pesquisado e os esclarecimentos metodológicos utilizados na análise dos jornais escolares. No Capítulo 2, tratamos de oferecer um comentário sobre a cronologia da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, destacando o seu significado histórico; ressaltamos a relevância deste registro para a compreensão dos significados atribuídos aos fatos históricos e, por fim, buscamos delinear o percurso da Escola, desde sua fundação, ocorrida em 1934, enfatizando as influências econômicas, políticas, educacionais da época, até seu fechamento em 1974. O Capítulo 3 traz o pensamento ruralista e as bases pedagógicas da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, com o intuito de traçar as bases pedagógicas da Escola, onde enfocamos o pensamento ruralista e o apoio as diretrizes da Escola Nova na formação dos professores ruralistas.

O Capítulo 4 aborda a estrutura editorial do jornal para melhor conhecer suas especificidades, ressaltando o contexto de circulação, projeto editorial, público alvo, e os assuntos publicados; em seguida, expõe a divisão do período de funcionamento da Escola (1934-74) por década, em cinco diferentes fases, abrangendo a análise dos artigos que fazem alusão à formação dos professores ruralistas, querendo perceber as continuidades e mudanças da fundação ao fechamento da Escola.

Por último, o capítulo 5 traz as nossas considerações finais, onde tratamos, após todo o caminho percorrido por esta pesquisa de tecer alguns comentários sobre achados e perdidos, que longe de terem a ambição de “encerrar” este assunto, visam nortear de forma geral os resultados deste trabalho, suscitar novos questionamentos sobre o tema e abrir novos horizontes de pesquisa sobre a história educacional do Ceará.

2. ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE: UMA CRONOLOGIA COMENTADA

2.1. A marcha pela vitória na terra da luz

O subtítulo deste capítulo é uma alusão ao episódio da criação da Escola Normal Rural do Estado de Juazeiro do Norte simbolizada como a marcha pela vitória no meio rural cearense. A inspiração destes termos vem do Hino desta Escola que apresenta em uma de suas estrofes: “*Marchemos garbosos/Estudando assim/ Cantando vitória enfim/Viva a Escola/Viva o Brasil/ Em nosso peito juvenil/Avante Escola Normal/Orgulho do nosso Ceará/ Na terra do sol e da luz.*”

Assim, compreendemos os trinta e nove anos (1934-1974) de funcionamento desta Escola, como uma marcha, onde o conflito de interesses econômicos, políticos e sociais, regiam cada fase do ensino rural juazeirense, por trás dos brados entusiasmados que erguiam a bandeira da defesa dos princípios ruralistas.

Ao nos debruçarmos sobre a cronologia da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, ressaltamos a relevância deste registro como *espinha dorsal de qualquer trabalho historiográfico* e instrumento primordial para a compreensão dos significados atribuídos aos fatos históricos e seus desdobramentos (CAVALCANTE, 2008). Ainda segundo a autora:

Compreendemos a importância da cronologia nos estudos históricos por considerá-la um lugar de observação privilegiado acerca do modo como as sociedades e nações, especialmente, modernas, representam a si mesmas e a ela recorreram como técnica de registro de ação política, que teve como desdobramento o ordenamento arquivístico e historiográfico dos acontecimentos por ela produzidos ou a ela afectos, sob a forma de discurso e escrita, que revelam um modo temporalmente situado de representarem a si mesmas, um reconhecimento de percursos e tomada de consciência acerca de tudo aquilo que elas consideram relevante e merecedor de registro. (CAVALCANTE,2008:277)

De acordo com o conceito apresentado, iniciamos este capítulo discorrendo sobre a economia cearense na década de 1930, já que um dos fatores preponderantes para a criação da Escola está marcado por buscar atender às necessidades dos grandes latifundiários, com a finalidade de estabilizar economicamente o campo, que estava atravessando mudanças e sofrendo ameaças, devido ao fantasma do êxodo rural.

O ideário de fixação do homem no campo ganha força no Brasil, de forma particular no nordeste, paradoxalmente, com o processo de industrialização e

urbanização do país, quando as oportunidades de trabalho são buscadas não mais no campo, e sim na cidade, por um conjunto expressivo da população rural. Esta situação é assim retratada por Raimundo Girão ao escrever sobre a História Econômica do Ceará.

Continuou a evasão do homem do campo, seduzido como mariposas, pelas ilusões urbanas e vítima participe do grande erro comum; num país como o Brasil, em que 92% dos produtos exportáveis vêm da lavoura, não têm destinado os governos nem 1% dos seus dinheiros anuais ao fomento da produção. (GIRÃO, 1947:458)

O discurso governamental começa a se fazer, acossado inclusive por temores de proprietários rurais diante da crescente evasão de braços no setor, em torno do fortalecimento da economia agrícola e da fixação do homem no campo, sendo impulsionado pela difusão de apelos como o “amor à terra”, ou seja, propagando a idéia de que, através da valorização da agricultura, o país alcançaria a riqueza e o progresso.

Com o passar das primeiras décadas da República, mais especificamente durante o período getulista, advoga-se que o país precisa preparar mão-de-obra que permita garantir o desenvolvimento econômico e social do país, tanto na cidade, quanto no campo. Esse contexto econômico se torna propício à implementação dos princípios do Ruralismo Pedagógico, cujas idéias foram fortemente disseminadas na década de 1920. Segundo Calazans (1993), este movimento defendia uma educação voltada para a formação de um indivíduo com consciência nacionalista e cívica; tem a valorização do trabalho do homem do campo como um elemento fundamental para alcançar o progresso do país; enfatiza a vocação histórica que o Brasil herdou para ser uma nação alicerçada no meio rural, mesmo quando trata de sua modernização econômica. É esta ideologia que vai dar sustentação à emergência de estabelecimentos de ensino normais rurais no país.

Neste sentido, a *I Conferência Nacional de Educação*, realizada em Curitiba, em 1927, com a presença de 400 congressistas, incluindo trezentos alunos da Escola Normal Secundária de Curitiba, que se faziam presentes no Teatro Guaíra. Uma das teses defendidas neste evento foi *Rumo ao campo...*, de autoria de Deodato de Moraes, pertencente à *Associação Brasileira de Educação*, que naquela ocasião afirma:

O futuro do Brasil está no desenvolvimento das nossas indústrias agrícolas; assim, não preparar a criança para compreendê-las, senti-las, amá-las é não prepará-la para a vida nacional. Grande parte da população rural carece de conhecimentos vários que a riqueza e o progresso da Nação exigem. Não se

prezam, como é necessário, os trabalhos do campo; não se considera a lavoura uma ocupação honesta e nobre, e esta é, sem dúvida, a causa de nosso camponês preferir ainda doutorar o filho a fazê-lo bom agricultor. (I Conferência Nacional de Educação 1927,195)

Para tanto, a formação de professores ruralistas que defendessem o ideal de fixação do homem no campo surge com a necessidade de assegurar ... *a progressiva adaptação... do homem ao meio, capacitando-o, por uma instrução adequada, acorde com suas necessidades, em consonância com os imperativos mesológicos, étnicos e sociais do nordeste...* (Castello, 1951:8). Todavia, uma das maiores dificuldades para concretizar este ideal era a carência de professores preparados, com conhecimentos pedagógicos adequados, e que atendesse de maneira particular às necessidades do meio rural. Alguns motivos da falta de mestres era a dispersão demográfica de nosso país que dificultava o acesso aos lugares mais isolados e a falta de recursos do poder público para o investimento devido na formação dos professores primários.

Para “conscientizar” o brasileiro da sua missão de permanecer no campo, a educação se tornou importante instrumento de propagação desse ideal. A escola seria o espaço para formar alunos e professores preparados para enfrentar as dificuldades do meio rural. Em consonância com esta tarefa imprescindível, atribuída à área de educação, qual seja, de fixar o homem no campo, para o caso do Ceará, Raimundo Girão, nos aponta a seguinte solução:

Ousaríamos propor, em primeiro lugar, a criação de liceus, escolas normais e especialmente profissionais em cidades mais importantes do interior, que seriam sedes de zonas de ensino e, concomitantemente, a limitação progressiva das matrículas nos estabelecimentos das capitais. Em lugar, também gradativamente, seriam as atuais escolas primárias adaptadas ao espírito rural do ensino, para o que, aos poucos, seria treinado e renovado o corpo de professores. (GIRÃO, 1947:466)

A propagação desse ideário, cujos princípios defendiam a ruralização do ensino, terá, portanto, apoio e colaboração da instituição escolar que, tida nesse caso como aparelho ideológico do Estado, assumiu a...*tarefa de formar a mentalidade de acordo com as características da ideologia do Brasil-país-essencialmente agrícola, o que importava, também, em operar como instrumento de fixação do homem no campo.* (Nagle, 2001:302)

As idéias e valores disseminados pelo Ruralismo Pedagógico emergem nos escritos dos alunos da Escola Normal Rural, conforme permite perceber o trecho do artigo da aluna Maria Luiza Linhares Gondim do primeiro ano normal pedagógico.

O Ruralismo é **vida, sonho, riqueza e futuro glorioso** da Pátria! É no Ruralismo que está contido o mistério: “O Brasil é rico, mas, não sabe o que possui.” Quando o Ruralismo se propagar por todo o País, o mistério de um Brasil encantado em riquezas ocultas, desvendar-se-á e surgirá então, o Brasil radiante, vasto, forte, cuja riqueza promanará facilmente a cada instante. (Jornal O Lavrador, 1945:2) (grifo nosso)

As palavras grifadas revelam a importância que o meio rural assumia para os futuros professores ruralistas, estes por sua vez teriam a missão de transmitir os princípios do Ruralismo Pedagógico para os seus alunos. Para o lavrador a vida representa os frutos da terra que sustentam a ele e sua família, o sonho e a esperança de alcançar uma vida digna no meio rural, a riqueza as possibilidades de crescimento econômico e o futuro glorioso seria consequência da educação rural bem ministrada.

A discussão sobre a educação no campo que se delineia nesse momento destaca a existência de duas correntes de pensamento predominantes: o ruralismo pedagógico e a educação de base. (Lourenço Filho, 2001).

A corrente do “Ruralismo Pedagógico” tinha como seus principais pensadores Silvério Romero e Alberto Torres. Estes defendiam que a solução para os problemas educacionais consistia em formar a consciência do indivíduo para fixá-lo no campo, o que deveria ser feito através do ensino ministrado por professores primários formados em instituições especializadas para o meio rural. Em contraposição a esta corrente, os defensores da Educação de Base queriam mudanças que julgavam menos simplistas e de caráter político e social, com modificações no regime agrário, distribuição de crédito para os lavradores, implantação de novas técnicas de produção. A Educação de Base almejava alterações mais profundas na sociedade e tinha como um de seus mais importantes representantes Fernando de Azevedo.

Este discurso do ensino normal rural encontrou apoio na sociedade cearense, sobretudo no município de Juazeiro do Norte. Assim como tantos municípios cearenses, esta região sofria com as mudanças climáticas, e principalmente as secas que castigavam o interior. Não sendo diferente para o município que abrigou a primeira Escola Normal Rural do Estado, Juazeiro do Norte, que é descrito a seguir de forma detalhada.

Em 1875, o arraial ainda conservava os traços essenciais de uma fazenda de cana-de-açúcar; sua população era em torno de 2 mil habitantes. Cinco famílias, os Gonçalves, Macedos, Sobreiras, Landins e Bezerra de Menezes eram as que lá se encontravam como proprietários importantes. O restante da população consistia de trabalhadores ligados às fazendas de açúcar das

famílias mencionadas ... O povoado ostentava uma capela, uma escola, uma escola e 32 prédios com tetos de palha.” (Della Cava, 1976:36)

Esta pequena cidade destaca-se pela sua religiosidade que permeia todo o seu desenvolvimento histórico, econômico, político, educacional e social. A Escola Normal Rural deste município foi fundada no mesmo ano da morte de Padre Cícero – contando inclusive com o apoio dele - (1934), este homem polêmico, venerado e respeitado pelos moradores de Juazeiro, porque trata-se de uma cidade cuja fundação está intimamente a ele associada. Na Semana Ruralista de 1935, o palestrante, médico e veterinário Dr. Carlos Furtado Lobo inicia sua fala da seguinte forma:

Falar em Juazeiro é evocar essa figura notável e saudosa do velho Patriarca Padre Cícero Romão Batista, o virtuoso e humilde sacerdote, cujo nome pronuncio com veneração e respeito e cujo valor empolgou durante mais de meio século a vida política e administrativa de nossa terra. (Anais da Semana Ruralista de Juazeiro, 1935:61)

Um dos indicativos para a predominância da elite juazeirense a frente do projeto de encampação da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte foi o sentimento de pertença por essa instituição gerada em parte pela disposição de contribuição financeira efetiva para conseguir o prédio e aparelhá-lo com o necessário para o seu funcionamento já que o Governo inicialmente não subdisiou este projeto.

Podemos ainda indagar sobre o porquê desta Escola não ter tido o apoio imediato do Governo vigente já que um dos principais interessados na sua fundação era Joaquim Moreira de Sousa, homem de muito prestígio, diretor da Instrução Pública do Estado pelo segundo mandato e de contatos com educadores de renome nacional como Lourenço Filho e Anísio Teixeira.

Alguns indícios apontados por (CAVALCANTE,1999) e que podemos compreender como elemento desencadeador para falta da ajuda governamental foi a derrota de Joaquim Moreira de Sousa em 1933 no concurso público para a vaga de Pedagogia da Escola Normal Pedro II, que foi assumida, após demorada batalha judicial, pela normalista Edite Braga.

Joaquim Moreira de Sousa perdera a sua batalha. A bordo do navio Almirante Jaceguay, viu a cidade de Fortaleza e as dunas do Mucuripe desaparecerem, com a sensação amarga de ter sido em vão a luta que travara para ocupar a Escola Normal Pedro II, que lhe permitiria realizar a tão desejada renovação educacional do Ceará. (CAVALCANTE,1999:87)

A aprovação de Edite Braga abriu novo tempo para a vida profissional de Joaquim Moreira de Sousa que, em função de uma derrota também política na referida disputa, pediu demissão do cargo que ocupava e aceitou o cargo de Técnico Interino, no Rio de Janeiro. De certa forma, o enfraquecimento do seu prestígio político que pode ter influenciado a decisão da “não adesão” do Estado pela fundação escola normal rural.

Na falta de apoio do governo estadual, por meio do Decreto nº 1.218, em 10 de janeiro de 1934 (Castello, 1951:9) o Capitão Roberto Carneiro de Mendonça, Interventor Federal no Estado do Ceará, cria a Escola Normal Rural do Estado, com a seguinte justificativa.

Considerando que urge a dar ao ensino público no Estado uma orientação prática que vise criar e desenvolver aptidões nos indivíduos para enriquecimento próprio e da coletividade; considerando que, numa região, como o Ceará, cuja economia se baseia nas atividades agrícolas, é de todo ponto necessário ensinar a todos a melhor maneira de cultivar o solo; considerando que, para a criação e desenvolvimento de uma mentalidade agrícola no espírito do povo em geral, é preciso preparar nesse sentido o professorado conveniente.

A Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte destaca-se na historiografia educacional como o primeiro estabelecimento de ensino voltado para a formação de professores especializados para as escolas rurais no Brasil. Esta Escola surgiu com o objetivo de oferecer aos seus alunos uma formação alicerçada em uma educação que valoriza o meio rural, em um momento histórico em que o Brasil via na agricultura um meio indispensável para a conquista do progresso. A referida instituição foi “entusiasmada” pelos princípios dos pioneiros do Ruralismo Pedagógico (Calazans, 1993), cujas idéias mostravam-se consolidadas na década de 1930 no país.

Estes professores devidamente adestrados deveriam ser capazes de modelar a mente dos seus alunos de acordo com o que fosse mais conveniente para o Estado, ou seja, uma instrução que promovesse o crescimento econômico agrícola.

Apesar dessa base de promessa de apoio governamental inicial, as primeiras instalações dessa instituição de formação docente foram possíveis devido ao apoio dado pelo então criado Instituto Educacional de Juazeiro do Norte que ofereceu uma casa, terreno e material didático para o seu funcionamento, como nos aponta Oliveira (1984:23). Passados os primeiros anos, em 1937, os recursos da iniciativa privada

foram complementados com o auxílio do governo federal, proporcionando a construção da nova estrutura da escola.

Foram construídas outras instalações, ainda no perímetro urbano, mas ligadas a 18 hectares de terras férteis e irrigáveis. O novo edifício, para o qual a sociedade mantenedora da escola obteve auxílio do governo federal, compreende cinco salas de aulas, dependências para a secretaria e biblioteca, museu pedagógico e museu agrícola, serviço médico e dentário, e almoxarifado. Um pátio coberto, destinado aos exercícios de educação física, e um auditório suficientemente amplo para as reuniões sociais completam as instalações. (FILHO, 2001:84).

Para a construção destas instalações a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte teve o auxílio financeiro parcial do poder público, mas este empreendimento se tornou realidade, como vimos acima, devido ao financiamento de uma instituição privada. Outra fonte de renda era a utilização do caixa escolar, como nos aponta Oliveira (1984:64) ao escrever sobre o assunto ... *será constituído de: importâncias arrecadas em festivais; venda de material escolar; contribuição mensal dos sócios (200 réis). A renda será aplicada em material escolar e uniformes para os alunos mais necessitados.*

No que se refere à organização da escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, de acordo com Castello (1951:8), a sua atuação estava direcionada para atender as particularidades da vida e clima da região e formar professores com conhecimentos teóricos e práticos sobre o meio rural. O modelo de organização da escola está concebido em sintonia com os fins propostos pelo *Regulamento da Escola Normal Rural do Estado*⁵, que prevê:

- A) Preparar os professores de ensino primário das zonas rurais do Estado, de maneira a torna-los aptos a orientar, racionalmente, as novas gerações nas fainas agrícolas, dando-lhes a conhecer os meios de defesa de saúde e de incentivo ao progresso, no campo;
- B) Contribuir, pelo preparo conveniente do professor, para que a escola primária rural se torne um centro de iniciações econômicas e profissional, com acentuada influencia civilizadora, sobre toda a comunidade do lugar, onde estiver;
- C) Dar, pelo professor que preparar, consciência agrícola e sanitária às populações rurais, além de exata compreensão do valor da previdência e da economia, como condição de felicidade, individual e coletiva;
- D) Despertar, por meio do professor, nos futuros plantadores e criadores, e, ainda, nos atuais, a consciência no valor de sua classe que, organizada e liberta de toda influencia dominadora estranha, deve colaborar, ao lado das demais classes, no engrandecimento e governo do país.” (cap.1, Art.1)

⁶ O Regulamento da Escola Normal Rural do Estado foi expedido pelo Decreto nº 1.269, de 17 de maio de 1934, aprovado pela Interventoria e organizado pela Diretoria Geral da Instrução Pública. Este documento está nos anexos dos Anais da Semana Ruralista de Juazeiro (1935).

A citação acima destaca a relevância da figura do professor ruralista e o seu compromisso de por meio da educação rural modificar a vida do homem do campo.

A notabilidade do Ruralismo Pedagógico no cenário político, social e educacional cearense se faz evidente na *Constituição Estadual* de 1935. Esta carta, no Título VII – *Da Educação e da Cultura* estabelece, no Artigo 113, que:

O Estado criará um departamento autônomo de administração do ensino e um Conselho de Educação, que organizarão um systema educativo dentro das directrizes geraes do plano de educação nacional. Parágrafo único – Subordinada ao Departamento de Ensino, funcionará uma secção destinada ao ensino rural, com as atribuições e a amplitude de acção que lhe der a lei ordinária.

A criação de uma seção especial para o ensino rural demonstra a relevância desta modalidade de ensino para o Ceará, evidenciando a preocupação crescente do Estado com o funcionamento das escolas situadas no meio rural, proporcionando o começo das atividades letivas como expõe o próximo tópico.

2.2. Início dos tempos áureos no sertão cearense

No ano de 1935 iniciam-se as aulas com a matrícula de cinco alunas. Acontece a *Semana Ruralista de Juazeiro* promovida pela *Sociedade Amigos de Alberto Torres*, com o objetivo de difundir a supremacia da vida no campo. Esta Semana foi instalada no dia 22 de junho de 1935 e seu acontecimento foi registrado através da publicação de anais em 1938. O propósito desse empreendimento foi possibilitar discussões e palestras sobre os assuntos pertinentes a vida do homem do campo. Este evento foi considerado pela sociedade da época, segundo a “*Gazeta Rural*” de Recife, como... *o primeiro passo para o maior desenvolvimento da agricultura e pecuária do Ceará* (Anais da Semana Ruralista, 1935).

De acordo com o Regulamento da Escola do Juazeiro, o currículo dos futuros professores ruralistas do Ceará estava estruturado em: Curso Intermediário (visava à preparação dos educandos para a admissão nesta instituição de formação docente) e Curso Normal Rural (habilitava os professores ruralistas).

O Curso Intermediário, ainda segundo este autor era formado pelas seguintes disciplinas: 1) Matemática, 2) Geografia, 3) Francês, 4) Música, 5) Educação Física, 6) Desenho, 7) Trabalhos Manuais, 8) Práticas Agrícolas, 9) Português e 10)

História do Brasil. Este curso tinha duração de dois anos e estava organizado da seguinte maneira:

QUADRO 1

Disciplinas do Curso Intermediário da Escola Normal Rural do Estado (Ceará)

Curso Intermediário	
1º Ano	2º Ano
Matemática	Português
Geografia	Matemática
Francês	História do Brasil
Música	Francês
Educação Física	Música
Desenho	Educação Física
Trabalhos Manuais	Desenho
Práticas Agrícolas	Trabalhos Manuais
-x-	Práticas Agrícolas

O Curso Normal, de acordo com o Regulamento da Escola, compreende três anos com as seguintes disciplinas: 1) Língua Vernácula, 2) Matemática, 3) Fisiografia, Antropogeografia e História do Brasil, 4) Ciências Físicas e Naturais, 5) Educação Sanitária, 6) Psicologia Educacional e Metodologia, 7) Agricultura, 8) Educação Econômica, 9) Desenho e Trabalhos Manuais e 10) Música e Cultura Física. A distribuição dessas disciplinas em três anos era feita conforme mostra o quadro V:

QUADRO 2

Disciplinas do Curso da Escola Normal Rural do Estado

1º Ano	2º Ano	3º Ano
Língua vernácula	Língua Vernácula	Educação Sanitária
Matemática	Matemática	Psicologia Educacional e Metodologia
Noções de Fisiografia geral e especial do Brasil	Fisiogeografia do Brasil	Agricultura e Indústrias Rurais

Historia do Brasil	Antropogeografia	Educação econômica
Antropogeografia	Ciências Físicas e naturais	Desenho e Trabalhos Manuais
Desenho e trabalhos manuais	Desenho e Trabalhos Manuais	Música e Cultura Física
Música e Cultura Física	Música e Cultura Física	— x —

A partir do currículo da Escola Normal Rural verificamos que o Curso Intermediário ofertava duas disciplinas ligadas à prática agrícola, demonstrando que o candidato ao Curso Normal Rural de Juazeiro do Norte era desde os primeiros tempos de sua formação preparado para o meio rural. Além da recomendação do aprendizado realizado através da prática, existia a predominância de disciplinas teóricas, e até mesmo aula de francês, o que nos indica que existia a previsão de um grau de erudição elevado e a interferência dos padrões culturais predominantes da época no Ceará.

Em relação ao Curso Normal Rural, percebemos que o 1º e 2º ano dá ênfase na formação teórica, pois apenas a disciplina de *Desenho e Trabalhos Manuais* explicita a realização prática de atividades dos alunos nesse estabelecimento de formação docente. Em contrapartida, o 3º ano é composto de disciplinas direcionadas para a vida no campo do professor ruralista, tais como: noção de sanitarismo, psicologia da educação, conhecimentos sobre a agricultura e economia.

Outros dois eventos são realizados e se tornam marcantes na História da Escola, quais sejam: *Congresso de Ensino Rural*, realizado em 3 de dezembro de 1944 e o *Seminário Rural*, em julho de 1952, ambos apoiados pelos órgãos de educação e da agricultura. Estes momentos foram tidos como espaços propícios para fortalecer o espírito ruralista dos alunos e professores, pois era possível ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre o ensino rural por meio de palestras e aulas práticas. O registro da presença de autoridades políticas e ilustres convidados dava toda “pompa” a estes eventos que contava com a colaboração de diversos técnicos das áreas de agronomia, higiene rural, estatística e administração.

Na década de 1960, acontece o inesperado. Após vinte e quatro anos ininterruptos, Amália Xavier de Oliveira é afastada da diretoria da Escola, ficando à disposição para prestação de serviços técnicos de especialização rural. O motivo do afastamento não é explicitado e permanece como uma incógnita que se confirma ao lermos o Diário Oficial do Estado.

“O Diário Oficial de 03 de fevereiro de 1960 publica, em sua 3ª página, reservada à Secretaria de Educação, na seção Governo do Estado, ato de 30 de dezembro de 1959, o afastamento da Diretora da Escola Normal Rural, Amália Xavier de Oliveira e nomeando para o mesmo cargo o Pe. Cícero Fernandes Coutinho. Oficialmente não constou o motivo da decisão tomada pelo Governo do Estado, afastando a primeira Diretora da Escola, nomeada pelo Governo do Estado em fevereiro de 1937. Transcrevemos aqui o que consta no mesmo D.O.: - Secretaria de Educação e Saúde (OLIVEIRA:1984,293)

Quais motivos levariam ao afastamento a mulher que desde o início da idéia de criação da Escola foi sempre tão dedicada ao engrandecimento deste estabelecimento de ensino? Qual a repercussão deste acontecimento na escola entre os alunos e professores? Como transcorreram os anos de funcionamento da Escola sem a presença do braço forte de Amália Xavier? Estas indagações nos instigam a buscar respostas que possam nos ajudar a compreender o processo de gestão da Escola.

Após três anos, três meses e dezenove na longe do cargo de diretora, Amália Xavier de Oliveira no dia 19 de abril de 1963 reassume em sessão solene no Auditório da Escola Normal Rural, com a presidência de Aduino Bezerra de Menezes. Conforme nos indica (Oliveira:1984,299) *Seus amigos, a Congregação da casa, alunos ex-alunos, receberam-na festivamente, fazendo um verdadeiro ato de desagravo.* Mostramos aqui o fato do afastamento de Amália da diretoria escrito por ela mesma, em seu livro sobre a história da Escola Normal de Juazeiro do Norte.

Certamente muitos outros olhares e discursos poderiam ser identificados se fossemos a outras fontes, sabendo que nesse caso poderíamos recorrer à oralidade, já que não foram encontrados outros autores que abordem sobre este assunto. O desfecho final do ensino normal rural cearense recebe destaque logo a seguir.

2.3. Fim do projeto Normal Rural Cearense: poucas justificativas

Após atravessar momentos de glória e de notabilidade social, a *Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte*, no ano de 1972, passou a se chamar *Centro Educacional Joaquim Moreira de Sousa*, por força da Lei nº5.692/71. Neste contexto de renovação da educação brasileira, entendia-se serem dispensáveis os saberes específicos do professor ruralista *versus* a aceitação do novo modelo educacional.

Sofrendo as conseqüências das transformações operadas em todo país, a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, também passaria por profundas transformações. Deixaria de ser a Escola Normal Rural para se transformar em Centro Educacional com o advento dos cursos: Ginásial, Colegial e Pedagógico, seu currículo voltado para o homem do campo cederia lugar para uma proposta imposta pelos grandes centros urbanos em total desrespeito as necessidades e anseios do homem interiorano. Desapareceu sem que uma voz sequer, bradasse em sua defesa. A Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, deixou de existir não se levando em conta o muito que ela realizou em benefício do Cariri. (SOUZA,1994:66)

Como percebemos, esta citação nos apresenta um certo tom de revolta pelas mudanças realizadas de forma impositiva e indica o silêncio das “vozes” que não lutaram pela permanência do modelo pedagógico ruralista.

Em 1973, colou grau a última turma do extinto Curso Normal Rural com oitenta e sete professorandas. Até este ano, sessenta e seis turmas foram formadas por este Curso, somando centenas de professoras rurais.

No dia 26 de setembro de 1974, é impresso o último exemplar do Jornal *O Lavrador* de número 140, agora não mais como pertencente à Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte e sim, ao Centro Educacional Professor Moreira de Sousa.

Em apenas cinco páginas o periódico não apresenta mais o fervor ruralista presente ao longo dos seus anos de circulação, traz apenas na matéria de capa saudosista com a foto da antiga fachada e título *Um exemplo de Escola*. Também, mostra adaptação aos novos tempos, ao trazer como matéria o anúncio do *III Encontro Pedagógico de Professores*, sem apresentar o ardor pelo ensino rural que regeu a Escola durante o período de seu funcionamento.

Esta reflexão, por meio do exame da cronologia da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, nos leva a considerar que o ideal de “fixação do homem no meio rural” apresenta um discurso carregado de intenções. Decerto, a saída do homem do campo para a cidade devia desagradar a muitos donos de terra que necessitavam de mão-de-obra para a manutenção de seus latifúndios. Uma escola normal especializada para o meio rural significava qualificação dos trabalhadores na agricultura e pecuária e, portanto, mais ganhos e lucros para os latifundiários.

Todavia, esse “progresso agro-pecuário” não serviu para levantar questões mais amplas, como defendia a Educação de Base. Pois, para solucionar os problemas do meio rural não são necessárias apenas mudanças na educação e sim, em todos os outros aspectos sociais do país, principalmente os de caráter econômico e

político, afetos no caso, por exemplo, ao problema da desigual partilha e posse de terras.

Em sintonia com os princípios do “Movimento do Ruralismo Pedagógico” a fundação de uma escola normal rural tinha como propósito valorizar a figura do lavrador, oferecendo-lhe a oportunidade de usufruir de uma instrução que o preparasse para lidar com a terra. Dessa forma, segundo Castello (1951:4), o lavrador não estaria à mercê das condições climáticas, pois este aprenderia novos métodos para o cuidado da terra mesmo no tempo da seca.

Ademais, é preciso destacar que o público que aflui para esta instituição é proveniente das famílias abastadas, não vinculadas diretamente à lida com a terra. Na maior parte, eram filhas de donos de terra, comerciantes e profissionais autônomos com condições econômicas favoráveis. Uma elite que encontrava nesta instituição de formação docente uma oportunidade de bem educar suas filhas. Esta é uma crítica que não pode ser desconsiderada, quando se pensa no destino dado por essas professoras formadas naquela Escola Normal Rural à profissão, ao lado da questão do acesso à educação ali presente, por outros segmentos da população, o que nos permite indagar por que teria sido tão pouco democrática esta experiência de formação do professorado rural em Juazeiro.

3. O PENSAMENTO RURALISTA E AS BASES PEDAGÓGICAS DA ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE

Após traçarmos o panorama dos quarenta anos de funcionamento da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, apresentando os marcos cronológicos mais relevantes de sua trajetória, iremos fazer o exercício de buscar compreender as bases pedagógicas da Escola, enfocando o pensamento ruralista e o apoio as diretrizes da Escola Nova.

A palestra do professor ruralista Elias Rodrigues Sobral, presente na matéria de capa do jornal *O Lavrador* de número 72, de outubro e novembro de 1943, nos indica elementos importantes para entendermos que a formação docente do professorado rural estava alicerçada nas bases do Ruralismo.

...O ENSINO RURAL tem como lema ensinar o homem a extrair do sólo o meio de sua subsistência, pelo trabalho racional do campo e ainda evitar o êxodo dos campos adaptando o homem, a viver higienicamente, sentindo conforto indispensável a sua vida rural, combatendo as terríveis conseqüências do urbanismo, calamidade esta que vem sendo sentida na balança econômica do mundo... O ENSINO RURAL muito tem feito neste sentido e mais ainda precisa fazer emprestando o valioso concurso de sua ação, da realização palpável de ruralizar o BRASIL afira de que seja a mocidade hodierna, imbuída nos princípios básicos que levarão à prosperidade os destinos desta grande Pátria, o amanhã do campo, o desenvolvimento da AGRICULTURA BRASILEIRA...

Podemos destacar neste trecho as seguintes noções de Ruralismo: 1) Oferecer preparação apropriada ao futuro agricultor para que o mesmo possa retirar da terra suas riquezas da forma mais apropriada; 2) Combater o êxodo rural e o urbanismo, e todas as más conseqüências que eles podem oferecer para o engrandecimento do país; e, 3) Incentivar as novas gerações para o amor e a devoção ao trabalho no campo preparando o futuro de forma propícia para o progresso da agricultura brasileira.

Como foi discutido anteriormente, será nas primeiras décadas do século XX que os ideais do Ruralismo ganham notabilidade no Brasil. É estabelecido por alguns teóricos o binômio campo e cidade, sendo o primeiro lugar da tranqüilidade e segurança econômica e o segundo torna-se espaço para instabilidade e retrocesso em relação às

atividades agrárias. Neste sentido, são exaltadas as vantagens naturais do campo em contrapartida a crescente “onda” do urbanismo considerado, por alguns setores, como processo de degeneração e desintegração social. (NAGLE,2001:40) A economia a nível nacional na chamada República Velha travava um confronto entre os setores agrário-exportador e o urbano-industrial. (ARAÚJO, 2007:29)

No Ceará, a economia na entrada da década de 1930 apresentava sinopse econômico-financeira satisfatória, tendo como *orçamento da receita, de Cr\$6.273.477 em 1920, cresceu em 1929 para Cr:\$16.084.633,50, a maior quantia jamais até ali arrecadada.* (Girão, 1947:455) Um dos principais produtos era o algodão, ocorrendo a instalação das primeiras fábricas aconteceram no final do século XIX.

As secas ainda castigavam o Estado, favorecendo em alguns municípios a saída do homem do campo em busca de melhorias para a cidade.

O ruralismo perdia a cada momento para esse afluxo ao centro litorâneo, onde se achava o governo com os empregos públicos, os bancos com o crédito, o alto comércio com os estoques variados, os estabelecimentos de ensino com a possibilidade de fazer doutores, o cinema e as praias de banho com as distrações, os quartéis de tropa com a obrigação do serviço militar e as fabricas com operários protegidos. (GIRÃO, 1947:456)

As mudanças econômicas, culturais, educacionais foram muitas e assim os atrativos na capital aumentavam, em face da suposta melhoria da qualidade de vida oferecida. Evidentemente, essas modificações não atingiam toda a população, pois se fazia necessário ter boa condição financeira para gozar destas “novidades”.

No Cariri, a região em que se localiza a Escola em estudo também estava acontecendo várias mudanças, pois, *durante a década de 1920-1930, o Cariri foi cenário de inúmeras mudanças econômicas e melhorias. Ao espalhar-se o sistema de trabalho assalariado em todo o nordeste.* (Della Cava, 1976:219)

Nesse contexto, as propostas feitas pelo Ruralismo eram em sua maioria baseadas em pilares econômicos. À primeira vista, o ruralismo funciona como a “mão estendida ao lavrador”, a “salvação para o homem do campo”, porém muitos outros fatores estão envolvidos na gestação deste pensamento.

No percurso desta pesquisa, o livro *O Ruralismo Brasileiro (1888-1931)* da pesquisadora Sonia Regina de Mendonça foi importante referência bibliográfica para a compreensão do tema em estudo. A autora assinala que torna-se difícil criar um “rótulo” para definir o Ruralismo pela sua amplitude em significados e representações.

... o rotulo “ruralismo” revela-se insuficiente como noção considerada, apenas, como ideologia reflexa diante dos processos de urbanização e industrialização do período. Bem mais que isso, ela assumiu o estatuto de movimento político, condicionado pelo teor liberal excludente do sistema de dominação então vigente, consistindo numa das dimensões da luta intraclasse dominante, pela inscrição de seus mais distintos interesses na ossatura material do Estado. Fruto de campanha institucionalmente articulada por intermédio de vasta rede de agências e agentes empenhados na diversificação da agricultura, o ruralismo teria nas associações de classe uma de suas vias de estruturação. (MENDONÇA, 1997:177)

A discussão sobre o conceito do Ruralismo assume de forma veemente o caráter político que predomina fortemente nos interesses das “classes dominantes ruralistas”. A leitura do jornal *O Lavrador* não apresenta esta “face politizada” do ruralismo, e sim, somente a sua extrema exaltação repassada prontamente aos alunos da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte. O referido jornal escolar, de número 29 de março de 1938, na página 6, traz o artigo da aluna Maria Lossio que ressalta as vantagens do ruralismo:

O ruralismo é a modificação do ensino, que tem por fim preparar o homem para viver nas zonas rurais. É, por meio dele que compreendemos como devemos amar à natureza. No ensino rural, vemos a necessidade de cultivar os campos, afim de retirar do solo produtos úteis a nossa existência. É a agricultura a primeira ocupação do homem, a mais honesta, a mais útil e a que lhe proporciona a maior soma de felicidade. Os povos primitivos tiveram sempre culto pela terra fecunda. Disse Humberto de Campos: nenhum povo pode subsistir sem a via agrícola. A educação rural converte a criança em investigador da sua própria experiência, mediante um processo lógico que vai da observação à abstração e a generalização. Na Escola Rural, a criança deve ser encaminhada para a natureza, com verdadeiro carinho. A ruralista deve sentir que é parte integrante de seu torrão natal; que é uma parcela de alto valor no campo, uma futura força no conjunto da nação e um factor de progresso e civilização de seu berço. É na mão das professoras ruralistas que está a maior parte da grandeza futura do nosso Brasil. Enquanto o povo não se convencer da utilidade do ruralismo, a Nação permanecerá sacrificada.

O engrandecimento dos atrativos do meio rural é apresentado sob a forma dos vários benefícios. Neste artigo em nenhum momento é ressaltado o viés político do Ruralismo, apenas é exposto o “caminho feliz” que trilham os ruralistas por amarem o campo e seus valores.

Ainda, ao discorrer sobre a “educação agrícola”, Sonia Regina Mendonça ressalta que era depositado neste ensino a esperança da recuperação do homem do campo. Entretanto, não era debatida a relação entre educação e democratização, pois havia interesse apenas pela instrumentalização agrícola dos alunos. Em conformidade

com esta afirmativa, percebemos que a Escola Normal Rural apresenta evidências de um certo elitismo, sendo as suas alunas, em sua maioria, pertencentes às famílias ricas da sociedade de Juazeiro do Norte que conseguiam custear as despesas com a Escola. Nesse sentido, o tom de alegria expresso no discurso da aluna acima apresentado pode ser lido como portador de uma felicidade oriunda da posição de classe proprietária rural, a que estava vinculada por laços familiares.

Na entrevista do ex-aluno Pedro Barros da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, realizada no decorrer desta pesquisa, ao ser indagado sobre a presença do ideário ruralista de fixação do homem no campo, ele questiona a sua força, na medida em que, na prática, ainda nos anos 1950, recebeu *...um banho de urbanidade. Não de urbanidade no bom sentido... A urbanidade lá... era no sentido de se valorizar a cidade.* Esta contradição também pode ser compreendida se pensarmos que muitos pais queriam levar seus filhos para a cidade em busca do título de “doutor” e outras possibilidades de melhoria de vida; e não fazer com que eles permanecessem ligados à agricultura.

Os princípios ruralistas possuem ligação intrínseca com as bases pedagógicas da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte. Porém, que orientações didáticas poderiam ajudar na efetivação do pensamento ruralista? O que deveria ser priorizado, a teoria ou a prática?

Em resposta a estes questionamentos, a leitura dos *Anais da Semana Ruralista de Juazeiro* de 1935 nos possibilita a compreensão de alguns indicadores educacionais da Escola. A palestra *O Ensino Agrícola na Escola Primária* proferida por Joaquim Alves, nas páginas de 15 a 20, aborda a orientação didática que a escola devia receber e o que era difundido aos professores.

A didática, segundo o palestrante, deveria atender aos interesses da escola, permitindo o desenvolvimento de estratégias na resolução dos problemas da sociedade em que ela estava inserida. Outro ponto é a crítica feita contra a supervalorização da “intelectualização” dos métodos adotados que *visa mais o preparo intelectual do que o preparo do homem econômico.* No caso da Escola Normal Rural, é exigido o contato dos alunos com as noções de atividades agrícolas, como nos indica Joaquim Alves: *ter a sua técnica, correspondente aos problemas agrológicos que tem de ser apresentadas à criança como centro das futuras atividades sociais.*

Outra conferência, intitulada *Orientação das Escolas Normais Rurais e as modernas técnicas de ensino*, proferida pelo Dr. Filgueiras Lima, também na Semana

Ruralista de 1935 encerra sua participação convocando a todos à luta *Em marcha, companheiros de ruralismo, pelo futuro do Ceará e pela glória do Brasil!*

Recebe destaque também a palestra realizada por Joaquim de Alves ressaltando a relevância de Aberto Torres, por ocasião da inauguração do seu medalhão de bronze em umas das salas da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, no dia 22 de julho de 1935. Segundo o orador, todos os ruralistas devem ser gratos pela riqueza deixada por este grande brasileiro: *a homenagem que se presta, neste momento, a Alberto Torres, é das mais justas e das mais sinceras...* (*Anais da Semana Ruralista de Juazeiro, 1935:111*)

Aberto Torres (1865-1917) inspirou toda a geração de 1930 por ser grande entusiasta dos ideais republicanos e do ruralismo. Em sua obra *O Problema Nacional Brasileiro*, editada em 1914, ele expressa sua opinião de que o Brasil tem “evidente destino rural” (TORRES, 1982).

O nome deste intelectual é lembrado em várias situações na Escola, demonstrando sua representatividade, como na criação de uma sociedade.

A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, vem dentro desses princípios gerais, pondo em prática, transformando em realidade, o pensamento do seu patrono. Do extremo norte ao extremo sul, a atividade torreana se faz sentir, por intermédio dos núcleos e Delegados da Sociedade, que levam ao interior dos Estados, através dos Clubes Agrícolas Escolas e das Semanas Ruralistas, como a quase realiza presentemente, a palavra renovadora da mentalidade sertaneja. (*Anais da Semana Ruralista de Juazeiro, 1935:111*)

O intuito de renovar a mentalidade sertaneja se fazia presente, com ênfase nas mudanças que precisavam chegar até os mais longínquos lugares, espalhando as novas técnicas para o meio rural.

Outra importante agremiação da Escola, que recebeu o nome de Alberto Torres, é o clube agrícola. O jornal *O Lavrador* de número 21, do mês de março de 1937, na página 2, expõe os principais motivos da sua existência, quais sejam, repassar aos seus associados os conhecimentos racionais sobre a cultura do algodão, a instrumentalização dos trabalhadores do campo com máquinas adequadas para o plantio e a defesa da melhoria das condições do trabalho rural.

Fica manifesto por meio do Ruralismo que as idéias para defender a permanência do homem no campo estão ligadas a um conjunto de métodos que assegurem a execução deste pensamento por meio da educação.

Nesse sentido, o pensamento pedagógico que orientou a prática educativa da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte teve como importante elemento o *escolanovismo*.

Por isso, é necessário compreender a proposta de formação das professoras ruralistas e dos métodos utilizados para a promoção do aprendizado. A formanda Jeni Machado aparece em notícia do jornal de número 45 de outubro, novembro e dezembro de 1939:

Discurso pronunciado pela inteligente professoranda Jeni Machado, oradora da turma de professores de 1939 -... Dr. Plácido-Ilustre Representante do Governador do Estado, Digníssimo representante do Dr. Martins Rodrigues, Sr. Representante do Dr. Aristóbulo de Castro, Sr Inspestor Regional, Senhor Prefeito Municipal, Dona Amália, colegas, Senhores: ... Eu já pensei como a maioria dos educadores brasileiros que a idade escolar propícia a se aprender era apenas a da infância, quando, geralmente, se consegue por em prática o melhor método educativo, qual o de se fazer, com rapidez e sucesso, a criança pensar para depois agir... Há quem zombe de nossa escola! Há os que não sabendo o verdadeiro significado do ruralismo, dizem que os professores diplomados, pela Escola Rural, ensinam, apenas as crianças a plantar batatas e feijão; e isto, somente, no sertão e em sítios distantes das cidades. Não, leigos que erroneamente pensaes! A minha escola, A Escola Normal Rural de Joaseiro, não ministra somente rudimentos de agricultura mas, como qualquer estabelecimento outro educacional, forma o indivíduo para a sociedade, para a pátria e para Deus. A professora ruralista fica apta a, em todo tempo em qualquer lugar, educar, socializar a criança brasileira de acordo com as normas exigidas pela Escola Nova.

O discurso da aluna acima apresentado evidencia o que ela aprendera acerca do compromisso dos professores ruralistas de seguir o ideário escolanovista, com o propósito de preparar os futuros cidadãos para viver em “harmonia” com a sua pátria.

Investigar o pensamento pedagógico “dominante” neste período no campo educacional, em especial aquela que marca a criação e a proposta de formação da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, emerge como tarefa necessária para o entendimento do papel desta instituição de ensino.

Um primeiro passo de aproximação ao estudo do pensamento pedagógico norteador da proposta de formação de professores da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte foi através da análise do Regulamento da Escola Normal Rural do Estado, que em seu Capítulo III, Art. 21 e 22 prevê:

Art.21 - Nos diferentes labores escolares devem predominar os temas de interesses e ocupações dominantes da região. Art.22 – Os professores estimularão os alunos a consultar a biblioteca, a pesquisar nos laboratórios, a experimentar nos gabinetes, a visitar os museus e a trabalhar no campo de

cultura, cuidando, também, do aviário, apiário e da criação do “bicho de seda”, quando houver. (Anais da Semana Ruralista, 1938:154)

Neste trecho percebe-se claramente uma das mais importantes características do ideário escolanovista, que é situar o aluno no centro do processo de aprendizagem, para que ele possa através da prática e experiência, no aprender a aprender, descobrir o seu potencial. O grifo destaca o método de ensino que deve ser adotado pelos professores ruralistas. Faz-se necessário compreender o significado dos métodos ativos dentro na perspectiva da Escola Nova:

... a educação deve estar baseada em princípios científicos e valer-se de métodos ativos a fim de superar tanto um empirismo grosseiro como as tendências intelectualistas, através da pesquisa, descoberta e verificação. Assim, o aluno ganha meios mais ativos a fim de realizar a própria personalidade dentro do meio social em que vive. Estes princípios, entretanto, só darão resultado se o aspecto científico e metodológico vier solidário com o aspecto social. (CURY, 1988:83).

A adoção de princípios científicos baseia-se na crença das inovações que a ciência introduzia na sociedade principalmente no século XIX, com a Revolução Industrial e o advento das máquinas no processo produtivo. No entanto, se os conteúdos apreendidos pelos educandos não fossem direcionados para a promoção da melhoria da vida social, o processo educativo seria considerado um fracasso pelos escolanovistas.

O “otimismo pedagógico” da época e a esperança de renovar a educação, oriundos do pensamento da Escola Nova então reinante, constituíram espaço fértil para difusão de mudanças. Segundo Nagle (2001:309), podemos dividir a penetração do escolanovismo no Brasil em quatro fases:

- 1889 a 1900- Criação das primeiras escolas novas;
- 1900 a 1907- Momento de formulação das idéias da Escola Nova em sua teoria e prática, com destaque para o pragmatismo de Dewey;
- 1907 a 1918- Período de maturação, criação e publicação dos métodos ativos;
- 1918 em diante – A Escola Nova de forma oficial é difundida e tem seus fundamentos consolidados em reformas e experiências escolares;

Cabe ressaltar que o momento de entrada das idéias escolanovistas no Brasil foi marcado por intensas lutas ideológicas entre Católicos e defensores da Escola Nova

(Schwartzman, 2000: 70), haja vista que a Igreja Católica ao longo de sua trajetória escolar sempre deteve a hegemonia da educação. Contudo, ficou ameaçada pelo pensamento da Escola Nova que defendia o ensino gratuito, público, universal e laico. *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932), escrito por Fernando de Azevedo e assinado por outros educadores que defendiam uma renovação educacional provocou grande divisão. Vejamos um trecho deste documento que evidencia essa disputa:

A laicidade, que colloca o ambiente escolar acima de crenças e disputa religiosas, alheio a todo o dogmatismo sectário, subtrai o educando, respeitando-lhe a integridade da personalidade em formação, à pressão perturbadora da escola quando utilizada como instrumento de seitas e doutrinas. (AZEVEDO, 1932: 63).

Este fragmento do referido documento manifesta o desejo dos educadores que visavam à renovação da educação brasileira, pela adoção do ensino laico, como meio eficaz para proteger os educandos do monopólio da Igreja Católica, até então reinante nas escolas.

Esta orientação pedagógica causaria a reação dos católicos que, segundo Schwartzman (2000: 76), transformariam os ataques a Escola Nova em caráter pessoal e violento a seu principal representante, Fernando de Azevedo. O escolanovismo passa a ser visto como uma ameaça à pátria, por negar a religião predominante do país e, conseqüentemente, a moral do povo.

O desejo de mudar a educação está, naquele momento, em sintonia com a ordem mundial, pois, de modo geral, as novas formas de políticas, as novas formas de vida em sociedade, o progresso das ciências biológicas e psicológicas e o avanço científico-tecnológico determinaram uma nova mentalidade educacional (Cury, 1988:68).

A educação deveria estar preparada para adequar-se a uma sociedade em constante mudança. Com este pensamento o teórico John Dewey assume notoriedade no Brasil. Como nos indica Soares (1999:38), este é o nome mais expressivo da Escola Nova. O norte-americano John Dewey (1859-1952) foi psicólogo e educador, desenvolveu teoria alicerçada no pragmatismo que privilegia a prática e a experiência. Por isso, para ele, conseguir uma educação com bom êxito é manter uma tríplice união entre vida-experiência-aprendizagem. A presença do pensamento de Dewey no Brasil deve-se, em parte, à atuação de Anísio Teixeira, um dos signatários do *Manifesto dos*

Pioneiros da Educação Nova, que convivera com as idéias de Dewey, quando matriculado na Universidade de Columbia, em 1928, na cidade de Nova Iorque.

A partir desta referência compreendemos que não só a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, mas vários estados brasileiros, de forma mais ampla, incluindo o Ceará, através da chamada reforma Lourenço Filho, “aderiram” ao movimento de renovação no ensino. De acordo com este educador, a proposta da Escola Nova postulava os seguintes princípios em relação a sua organização geral :

- 1) Apóia-se na pedagogia prática;
- 2) Enfoca a relevância do regime de internato;
- 3) Localização no campo (meio natural da criança);
- 4) Agrupamento dos alunos em casas separadas, fazendo-os sentir-se em ambiente familiar;
- 5) Adoção da co-educação dos sexos;
- 6) Adoção de trabalhos manuais obrigatórios para todos os alunos;
- 7) Destaca a marcenaria, jardinagem e criação de pequenos animais como os mais importantes trabalhos manuais;
- 8) Destina tempo para trabalhos livres;
- 9) Assegura a importância da cultura do corpo e propõe a prática ginástica natural, jogos e desportos;
- 10) Defesa da prática de excursões.

Estes princípios nos apontam para um modelo de educação diferenciado, sobretudo quando comparados aos moldes tradicionais vigentes. Após apresentarmos a relevância da experiência nas atividades pedagógicas da Escola Nova e, sucintamente, a sua penetração no Brasil, faremos uma exposição sobre a proposta de formação da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte e sua vinculação com o escolanovismo através de seu currículo.

Para começar, uma mudança significativa na atuação do professor é enfatizada. Na escola tradicional, o mestre era visto como detentor de todo o saber e o aluno deveria ser obediente e temente à sua autoridade. A metodologia de ensino era organizada por meio da transmissão de conteúdos que estavam “prontos” como dogmas inquestionáveis. Em contrapartida, a Escola Nova com a sua pedagogia centrada no aluno, defendia um novo modelo de educador:

O novo papel do educador será o de simples agente fornecedor dos meios para que a criança se desenvolva por si. Nada de constrangê-la ou de tentar enquadrá-la a partir de situações antecipadamente programadas do ponto de vista do adulto. O que importa é que a criança se desenvolva por meio da própria experiência. É preciso, portanto, que ela experimente. Logo, o papel do novo educador e da nova escola é agir sobre o meio em que a criança se desenvolve naturalmente, nunca sobre a própria criança. (NAGLE, 2001: 321)

O trecho transcrito evidencia a centralidade da experiência no processo de formação do educando. Ao professor cabe assegurar meios que possibilitem seu livre desenvolvimento, que deve ocorrer em contato com o meio.

É esse modelo de educação que, pelo menos no plano do discurso, norteia a proposta de formação de professores ruralistas da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte.

O próximo capítulo visa identificar e analisar as mudanças e continuidades na proposta de formação de professores, através do estudo das 113 edições do jornal daquela instituição, publicadas no período de 1934 a 1974.

4. JORNAL *O LAVRADOR* : 113 EDIÇÕES ENTRE 1934 A 1974

Neste capítulo, iremos abordar a estrutura editorial do jornal para que possamos conhecer suas especificidades. Neste sentido, podemos fazer os seguintes questionamentos: Qual o contexto de circulação deste jornal escolar? Quem o escrevia? Qual era o público alvo deste periódico? Como era delineado o seu projeto editorial? Quais os assuntos publicados em suas edições? Com quais propósitos este jornal foi criado?

Também iremos abordar por décadas, as continuidades e mudanças presentes no discurso dos jornais referentes às décadas de 1930 a 1970, analisando os escritos relativos à formação de professores.

4.1. ESTRUTURA DO JORNAL

4.1.1. O CONTEXTO DE CIRCULAÇÃO

O Lavrador, periódico produzido pela Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, iniciou sua circulação em 14 de junho de 1934, ou seja, no ano de fundação desta instituição de formação docente. Em relação ao período do fim da publicação do jornal, até o momento, com relação às edições encontradas, data de 26 de setembro de 1974 (nº140). Porém, apenas 113 exemplares estão disponíveis para pesquisa. Porém, não se sabe ao certo se essa ausência de alguns números são decorrentes da falta de jornais colecionados ou se foi ocasionado por questões financeiras da época, que impediram sua circulação estável.

A leitura dos jornais assinala que a manutenção era feita pelos sócios do Órgão do Clube Agrícola da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, com patrocínio obtido junto a lojistas, por meio de propagandas de farmácias, lojas de roupas e sapatos.

Algumas evidências sobre esta hipótese vêm do próprio jornal que relata as dificuldades encontradas para o seu custeamento. O décimo nono aniversário de fundação do jornal registrado no número 103, em 13 de junho de 1953, nos descreve:

Esta data assinala também, mais uma das vitórias alcançadas pela nossa Escola, pois não há dúvida, que esta sempre teve de enfrentar os maiores obstáculos para manter o seu órgão, especialmente, na época de sua fundação, quando a Escola Normal Rural contava apenas poucos anos de existência e não podia dispor francamente de uma verba, para a manutenção da pequena folha, mesmo assim à custa de sacrifícios heróicos, fez

sobreviver a maravilhosa idéia, que seria mais tarde o símbolo do sublime ideal de verdadeiros pioneiros do progresso rural.

De acordo com a citação, verificamos que o aniversário de fundação do jornal não apresenta apenas motivos para festejar, pelo contrário as dificuldades são presentes desde os primeiros números. Também no aniversário de vinte anos do periódico, o número 105, em 13 de junho de 1954, noticia *Vinte nos de luta e vitórias - ... O LAVRADOR também sentiu as dificuldades de ordem moral e econômica.*

Ainda durante os trinta e sete anos de fundação do periódico as evidências sobre as dificuldades de sua manutenção permanecem, através do seu número 137, em 13 de junho de 1971, com a campanha para a assinatura do jornal.

Sr. Leitor – O Lavrador é um jornal sem finalidades comerciais e por isso, não dispõe dos recursos necessários à sua impressão. Visando angariar fundos, a fim de que possamos continuar circulando, normalmente, lançamos agora um apelo àquelas pessoas de boa vontade que queiram colaborar conosco: façam uma assinatura anual do O Lavrador, que custa apenas Cr\$ 5,00. Este apelo é dirigido principalmente aos ex-alunos da Escola Normal. Quem quiser colaborar, basta escrever à redação do O Lavrador, Escola Normal Rural, Juazeiro do Norte – Ce, dizendo que deseja ser assinante do jornal, nome e endereço, e, logicamente o dinheiro. Agradece! À REDAÇÃO.

Contudo, no que se refere à periodicidade, o jornal não obedecia a regras firmes. Na primeira década de publicação, nos anos 1930, o intervalo entre os seus números variava entre dois a três meses. Já na década seguinte, os jornais passaram a compilar as notícias de dois ou três números na mesma edição.

A aproximação com o jornal nos proporciona a possibilidade de conhecer a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte percebendo os diversos períodos históricos, mudanças de governos e modelos pedagógicos, no período de 1934 a 1974. Cabe ressaltar, que esses momentos foram marcados fortemente pela presença de Amália de Amália Xavier de Oliveira. A atuação desta mulher precisa aqui ser destacada, por ser por demais intensa na administração da Escola, desde sua fundação, como ela mesma nos relata:

...Durante esta longa etapa lhe dei minha insignificante assistência: 1934 e 1935 como membro da Diretoria do Instituto, no cargo de Tesouraria, com a responsabilidade pedagógica; 1936, Diretoria porque eleita presidente substituindo o Dr. Plácido Castelo, fundador e 1º Presidente. No mesmo ano de 1936, fui transferida da Diretoria do Grupo Escolar local para o Grupo Rural Modelo, anexo à Escola Normal Rural. Em 1937 fui nomeada Diretora da Escola pelo Governador Francisco de Menezes Pimentel, cumprindo

disposições do convênio existente entre o Governo e o Instituto Educacional, cargo que exerci até 31 de dezembro de 1976, quando pedi afastamento. (OLIVEIRA, 1984:18)

Esta influência de Amália Xavier também era presente na escolha dos conteúdos do jornal que tem como cerne os assuntos ligados à vida do lavrador e os principais acontecimentos da escola, apresentando diversos artigos escritos pelos próprios alunos, como a coluna específica com redações. Os assuntos abordados giravam em torno da formação de professores, com temas sobre pensamento pedagógico, palestras sobre higienismo, registro das aulas de campo, relatório das excursões, práticas religiosas, datas comemorativas, educação doméstica, arte-culinária, corte e costura, correspondências de autoridades políticas e educacionais, referências com elogios à diretora da instituição, Amália Xavier de Oliveira e instituições/organismos da escola como, por exemplo, o Clube Agrícola.

Como já o dissemos, este jornal surgiu com o objetivo de valorizar a figura do homem do campo, definido em diversas passagens deste documento como a “célula base de nossa riqueza”, o progresso do Brasil. Esta concepção é reveladora da sintonia entre o pensamento pedagógico da escola e as idéias do Ruralismo Pedagógico. Em relação à exaltação extremada do meio rural, será especificamente na década de 1930 que estas idéias irão ganhar notoriedade, conforme afirma (ARAÚJO, 2007:28): “*O ruralismo ganha força espaço na sociedade brasileira de então, caracterizando-se por ser uma ideologia que pregava e se fazia a partir da aversão ao industrialismo e ao urbanismo.*”

O Jornal *O Lavrador* era publicado em Juazeiro do Norte, a sua distribuição era feita neste município e enviada a outras instituições de ensino do país com o propósito de divulgar o periódico e aprender com as novas experiências que chegavam por meio de correspondências.

4.1.2. PROJETO EDITORIAL

O público alvo do jornal eram os alunos e professores da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte que tinham o dever de ler e propagar o periódico. Isto fica explícito ao vermos em algumas edições do jornal o seguinte lembrete: *Leiam e propaguem o Lavrador*. Por meio dos alunos, os jornais atingiam as famílias dos

integrantes da Escola e a sociedade juazeirense, devendo esta circulação ser considerada de suma relevância neste estudo por ajudar na divulgação e aceitação do novo modelo de educação proposto pelo ensino normal rural cearense.

O recebimento de outros jornais escolares pela Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte nos ajuda a perceber a importância que este veículo de comunicação ocupava na formação do corpo discente no Brasil. *O Lavrador*, de 26 de novembro de 1934, em seu quarto número, na coluna intitulada *Visitas e Ofertas*, traz o registro do recebimento dos jornais *O Semeador*, da Escola Rural Modelo de Recife, *Jornal Labor* produzido pelo órgão do Grupo Escolar de Cristina, em Minas Gerais e o *Jornal A Escola*, órgão dos alunos da Escola de Aprendizes Artífices do Ceará. Para o periódico que estava em seu primeiro ano de circulação, essa troca de experiências era fonte de inspiração e novas idéias.

O envio por meio de correspondência com o intuito de divulgar *O Lavrador* rendeu bons frutos, tanto que, no segundo ano de publicação, em 26 de julho de 1935, na coluna *Correspondências e Publicações*, apresenta os comentários transcritos a seguir:

CORRESPONDÊNCIAS E PUBLICAÇÕES – Agradecemos as seguintes publicações que temos sobre a nossa banca de trabalhos: **ESCOLA NORMAL** – Jornal da Escola Normal de Uberlândia – **Minas Gerais**, bem feito e de publicações altamente agradáveis. **O CAMPO** – Revista do **Rio de Janeiro**, sobre assuntos agrícolas, altamente aproveitáveis e de grande alcance para os nossos consórcios do Clube Agrícola. **PEQUENO AGRICULTOR** – Bem elaborado opúsculo do Clube Agrícola do Grupo Escolar Pedro II de **Curitiba**. **ACADEMIA** – Interessante jornal ilustrado da Academia do Comercio de **Juiz de Fora**. Tem ótima feição material e melhores colaborações. **FOLHA ESTUDANTAL** – Revista bem elaborada do Centro Estudantal Cearense. **O SEMEADOR** – Ótimo jornal dos alunos da Escola Modelo de Recife – Tigipió amplamente conhecido, dispensa comentários. **RECEBEMOS E PUBLICAMOS A SEGUINTE CARTA:** Exmo. Sr. Director do “O Lavrador” – Escola Normal de Juazeiro do Norte – Ceará – Pela presente temos a satisfação de comunicar a V.S que de conformidade com a conduta adaptada por esta Sociedade, o jornal de V.S tendo apresentado qualidades dignas de louvor pelo seu feitio, criteriosa selecção de matéria e belas colaborações, resolvemos premia-lo com o material escolar composto da lista anexa, que nesta ocasião estamos remetendo pelo correio. Queira V.S. e os dignos auxiliares desta redacção receber nossas felicitações. Raul de Paula - Secretario Geral (Grifo Nosso)

O reconhecimento nacional e a premiação (sete livros didáticos) nos apontam a visibilidade da imprensa escolar na década de 1930. Nesta citação é possível

perceber a teia de relações de jornais por todo o Brasil que se correspondiam e incentivavam a veiculação destes periódicos.

O jornal não era escrito por profissionais do jornalismo. A maioria das matérias eram redigidas por alunos e professores da Escola e contava com algumas colaborações de outras instituições escolares, como por exemplo a *Coluna Página do Lar* que era escrita pelas alunas do Colégio Santa Teresinha.

No que diz respeito à organização e distribuição dos textos, o jornal apresenta disposição confusa, o número de páginas diferenciado, com variação de 4, 6, 10 e 12 folhas.

4.1.3.MATÉRIA DE CAPA INAUGURAL: PISTAS PARA A COMPREENSÃO DA PUBLICAÇÃO DO JORNAL

A matéria de capa do primeiro jornal que data 14 de junho de 1934 nos é bastante esclarecedora quanto à sua finalidade maior.

A classe mais desprotegida dentre as várias classes produtoras do Brasil é, sem dúvida, a do Lavrador. Batalhador anônimo e desinteressado pela grandêsa da Pátria. Injustamente é olhado com desdém pelos que mais lhe sugam. Entretanto ele é a célula, é a base da nossa riqueza. Contribui com a maior parcela dos impostos arrecadados. Contribui para o funcionamento das fábricas, produzindo matéria prima. Ele, ainda, semeia, trata, colhe, cria e fornece os generos, os animais de corte, o leite, etc. A quem dele mais moteja ridiculamente. Essas e tantas outras injustiças a que se vê exposto o Lavrador, nós, a realidade que havemos de fazer a ruralização da pátria futura, pretendemos ir reparando. O Brasil precisa, para sua independência economica, fixar o homem a terra dando-lhe o conforto que as condições higiênicas indispensáveis exigem torna-lo não minado pelos males que lhe tornam apatico, indolente e sem ação. Além disso o Lavrador só produzirá muito, fazendo o que há séculos, desinteressadamente vem nos ensinando as minhocas. É mister trocar a enxada primitiva pela relha do arado e que o metodo de trabalho seja racionalmente macanico. O Lavrador de hoje é de amanhã não deverá ser o matuto imbecilizado, observando sem dar jeito a devastação de sua lavoura pela lagarta e pragas outras. Não é o tipo inteligente e laborioso que se impoz a nossa admiração e cujo nome para orgulho para orgulho nosso encima nossa folha escolar. É o homem que cultiva os campos outrora estereis faz pastagens artificiais, prevenindo as ciladas do tempo, é precavido e astuto, habita o campo, mas, confortavelmente instalado e educar seus filhos para na agricultura, colocar a arquitrave da economia e do progresso BRASILEIRO. (Jornal O Lavrador,1934:1)

Notamos que, além da idéia disseminada de manter o homem no meio rural para o seu bem-estar, mantendo-o em seu ambiente de origem, o que supostamente propiciaria o desenvolvimento das áreas rurais do Brasil, seria ingênuo não discutir as verdadeiras finalidades da consolidação dos ideais do Ruralismo Pedagógico no país.

Compreendemos que conservar o homem no meio rural atenderia, em primeiro lugar, aos interesses dos latifundiários que ambicionavam manter a realidade do êxodo rural longe de suas terras, para garantir assim mão-de-obra disponível para o trabalho. Além do mais, a formação de professores especializados para atuarem no campo seria importante por qualificar os futuros trabalhadores rurais para a agricultura e a pecuária.

Nesse contexto, o ensino rural foi importante instrumento de difusão do Ruralismo Pedagógico, por estar em consonância com os interesses da sociedade e da elite de Juazeiro do Norte. Porém, percebemos a ausência de uma política comprometida com a distribuição de terras de forma igualitária para a população rural e o pagamento de salários dignos (Castello,1951:4). Ao contrário, nota-se o estímulo à acomodação e concordância com o modelo econômico vigente, atendendo assim muito mais aos interesses dos proprietários de terra, que poderiam dessa maneira progredir em seus negócios.

A continuação da matéria de capa é a explicação do desenho do cabeçalho do jornal que traz uma xilogravura, percebemos assim a valorização da arte nordestina. O lavrador apresenta a dúvida entre o progresso ou a acomodação ao modelo agrário vigente.

O desenho do cabeçalho da nossa folha simboliza um trabalhador rural carpinando a terra. Estampa-se a dúvida em sua fisionomia. Intimamente duas alternativas lhe dominam o espírito: Vê, ante si, o arado do progresso, a terra rasgada, a agricultura moderna, macanizada, econômica e fácil e luta contra a rotina ancestral, contra os métodos traçados pelos seus avôs. O desenho idealizou-o a aluna do 1º ano complementar Leri Fernandes. Executando-o o Senhor João Pereira, exímio artista que também confeccionou o chichê talhado em madeira. Não fora o desamor que temos ao que é nosso e esse artista não seria anônimo. (referencia)



Nesta direção nos indica Castelo (1951: 5) ao afirmar que *Os métodos de trabalho são primitivos. A racionalização, assim, é rudimentar. Concorre para entravar o avanço progressivo da mecânica agrária e seleção de rebanhos...* Neste momento em que exigem mudanças rápidas o jornal *O Lavrador* assume a função de propagar as possibilidades que a educação de professoras preparadas para atuarem no meio rural pode trazer para a modernização do campo.

A seguir discutiremos sobre alguns elementos formativos da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, com base nas matérias do *Jornal O Lavrador*, dividido por décadas, como foi explicitado na introdução deste trabalho, objetivando compreender e conhecer como este jornal funciona ao ser difusor da preparação dos futuros mestres desta instituição de ensino. Cabe ressaltar, que os números e exemplares citados neste capítulo correspondem ao jornal escolar em estudo, ou seja, o jornal *O Lavrador*.

4.2. Década de 1930: início dos tempos áureos do ensino normal rural cearense

A década de 1930 é o tempo mais áureo da Escola aqui tratada, já que, neste período os princípios ruralistas e o prestígio desta nova instituição assumem o caráter de inovação educacional. A quantidade de jornais editada nesta década traduz a intensidade das atividades realizadas, onde o Ruralismo era genuíno em sua transmissão para os

professores formados nesta Escola. Temos 42 exemplares que correspondem dos números de 1 a 45, sendo que alguns periódicos trazem dois números em um só jornal.

Neste tópico serão abordados os temas marcantes na década de fundação da Escola, quais sejam: os grandes acontecimentos da Escola, instituições escolares, política, noções de economia, datas comemorativas, excursões, práticas pedagógicas.

4.2.1. Grandes eventos da Escola Normal Rural

A fundação de um estabelecimento quase sempre traz a empreitada da realização de grandes eventos, muitas vezes para dar notoriedade à instituição. Assim, acontece através da realização da *Cruzada Nacional da Educação*, em 1934, registrada no jornal *O Lavrador* de número 1 de 14 de junho de 1934.

Juazeiro hospeda, com justificado desvanecimento, a ilustre embaixada da Cruzada Nacional da Educação, constituída pelos distintos acadêmicos Justino Vilela, Renato Neves, Garibaldi Brasil, da Universidade do Rio de Janeiro. Comunicada pelo sadio entusiasmo que à alma sonhadora das moças vem despertando a redentora campanha pela educação do nosso povo, a embaixada acadêmica penetrando os sertões longínquos do nordeste, semeia a fecundidade do nosso entusiasmo e do nosso patriotismo. (...)

O município de Juazeiro do Norte orgulhoso abraça a campanha redentora daquela Cruzada, recebendo ilustres visitantes do Rio de Janeiro. Para este primeiro ano de funcionamento da Escola este evento torna-se motivo de entusiasmo e amor à Pátria.

Outro evento é a *Semana Ruralista de Juazeiro* que é resultado da iniciativa da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, associação comprometida com a tarefa de difundir a supremacia da vida no campo. Esta semana foi instalada no dia 22 de junho de 1935 e seu acontecimento foi registrado através da publicação de anais em 1938. O propósito desse empreendimento foi possibilitar discussões e palestras sobre os assuntos pertinentes à vida do homem do campo. A semana ruralista de Juazeiro do Norte foi considerada pela sociedade da época, segundo a "*Gazeta Rural*" de Recife, como... *o primeiro passo para o maior desenvolvimento da agricultura e pecuária do Ceará* (Anais da *Semana Ruralista*, 1935).

Como frutos deste evento, todo o país envia seus telegramas para parabenizar o acontecimento, dando a proporção da notoriedade do evento. Em seguida transcreveremos algumas correspondências registradas no jornal de número 6, do dia 25 de agosto de 1935.

Plácido Castelo – Presidente da Semana Ruralista – Joazeiro – Agradeço a comunicação do vosso telegrama. Faço votos para que os trabalhos da Semana Ruralista de Joazeiro sejam os mais proveitosos para causa da educação rural neste Estado. Gustavo Capanema- Ministro da Educação.

Plácido Castelo – Presidente da Semana Ruralista – Joazeiro – Agradecer comunicação haver sido instalada Semana Ruralista louvável iniciativa Sociedade de Alberto Torres. Getúlio Vargas

Plácido Castelo – Joazeiro – Sentimos imensa satisfação trabalho ai realizado amigos nossa semana ruralista. Entusiasmo Joaquim Alves para fundarem nosso núcleo. Ceará. – Raul de Paul – Sec. Rafael Xavier – Presidente Soc. Amigos Alberto Torres – Dir. de Estatística

Duas grandes festas na década de 1930 são realizadas em função da diplomação da primeira turma de professoras ruralistas, composta por cinco mulheres. O jornal da Escola, datado de 27 de janeiro de fevereiro de 1938, considera este momento como *um fato de extraordinária significação*. Em 1939, o jornal de 38 de janeiro e fevereiro de 1939, em sua matéria de capa, destaca e festeja mais uma vitória: a formação da segunda turma de professoras ruralistas (...) *a partida radiante de sua segunda turma de professores, para o campo árduo do magistério*.

Estes eventos não são apresentados de forma isolada dos acontecimentos políticos. O jornal número 5, de 26 de julho de 1935, apresenta abaixo de sua matéria de capa o seguinte alerta: *Cuidado com o Comunismo*. Este lembrete revela-nos a face conservadora da Escola, que via os comunistas como ameaça, seguindo os moldes do pensamento que vigorava no país, entre setores do governo Vargas e da Igreja Católica.

A política local festejou através do discurso proferido pelo professor José Bernardo Bezerra de Menezes, como orador oficial da sessão em que a Escola Normal Rural comemorou o segundo aniversário do governo do Exmo. Dr. Menezes Pimentel.

Meus senhores: em Menezes Pimentel podemos e devemos continuar a contar, confiadamente, o mais legítimo propugnador dos interesses da Instrução no Ceará. Homem de fé no futuro da Pátria, o nosso governador enxerga, em cada escola que se abre, um degrau da escola por onde havemos de ascender às culminâncias do progresso. Vós bem sabeis que o valor de uma nação afere-se pelo grau de cultura de seus filhos.

O discurso enfatiza as ações do governo em prol da instrução pública do Estado, com a criação de escolas e o apoio financeiro para a manutenção de outras. As palavras de gratidão explicitam os favores prestados inclusive à Escola Normal Rural.

Estes eventos da Escola representam espaço para popularizar a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte na sociedade juazeirense e no campo educacional nacional. A próxima sessão irá tratar das demais Instituições Escolares que permearam o cotidiano da Escola e o aprendizado dos alunos.

4.2.2. Instituições escolares: mediadoras do aprendizado rural

As Instituições Escolares anunciadas no Regulamento da Escola Normal Rural do Juazeiro surgem como auxílio para as atividades diárias da Escola, por promover a sua ação pedagógica para a comunidade, como podemos ver em seu Capítulo XI, designado *Instituições Escolares*, ressalta a relevância destas instituições:

Art. 75 – A Escola Normal Rural deve possuir, desde o início, instituições auxiliares da educação, com o fim de desenvolver e aperfeiçoar o aprendizado especial dos alunos, despertando nestes, além do interesse pelas atividades do campo, sentido social da colaboração, e estender a toda a comunidade da região o seu raio de ação educativa. Art.76 – As instituições precípua a serem criadas e mantidas, são: a biblioteca, o museu, o clube agrícola, a caixa escolar, o clube de cultura física, o orfeon, a cooperativa e o pelotão da saúde.

Dentre as oito instituições escolares recomendadas, podemos enfatizar como mais marcantes na Escola Normal Rural as seguintes ações: *Liga da Amabilidade*, *Clube Agrícola*, *Pelotão da Saúde*, *Canto Orfeônico* e *Imprensa Escolar*. Iremos a seguir detalhar a função das instituições de destaque desta Escola.

A *Imprensa Escolar* é a primeira instituição implementada na Escola, que desde o dia da sua fundação publica o jornal escolar *O Lavrador*. Os jornais por meio de seus escritos irão ajudar na divulgação dos princípios ruralistas em toda a sociedade juazeirense, além de servir como difusor da formação dos futuros professores.

A *Liga da Amabilidade*, conforme nos indica o jornal *O Lavrador*, de número 1, datado de 14 de junho de 1934, terá como função gerar a *União entre os colegas, procurando fazer desaparecer quaisquer ressentimentos existentes ou que por ventura possam surgir*.

O *Pelotão da Saúde* tem como bandeira o higienismo que faz alusão a uma postura diante dos problemas de saúde coletiva. Para tanto, são realizadas diversas palestras sobre a higiene bucal, das mãos, das roupas, da casa. A exposição sobre a higiene das mãos, no jornal número 3, de 21 de setembro de 1934, nos explica o seu

conteúdo: *Considero a higiene das mãos uma das bases principais não só da nossa saúde, como da elegância, e mui especialmente da elegância feminina.*

A prática do Canto Orfeônico na Escola Normal de Juazeiro do Norte seguia uma orientação de nível nacional. Segundo Romanelli (1978:165), esta atividade está presente em todas as séries do currículo. O grande precursor e divulgador da importância da música para o canto dos hinos patrióticos, folclóricos, educação dos sentimentos cívicos e para a constituição da nacionalidade foi Heitor Villa-Lobos. Apoiando esta atividade, conforme Schwartzman (2000:110), o Decreto-lei de novembro de 1942 (nº 4.993) *cria o conservatório nacional de Canto Orfeônico, com o objetivo de formar candidatos ao magistério desse tipo de Canto.*

O aprendizado por meio do *Canto Orfeônico* adquire um significado importante no período getulista, pois através do canto no cotidiano dos estudantes eram internalizados o patriotismo e o nacionalismo, elementos que compunham a educação na era Vargas. Dessa forma, a repetição dos cantos favorecia a formação cívica, patriótica nos moldes do autoritarismo do Estado Novo, além de oferecer um elemento de educação estética.

Por fim, o *Clube Agrícola* é o receptáculo das noções da agricultura, onde são realizadas palestras e atividades práticas. No jornal *O Lavrador* através das atas das sessões das reuniões desse clube expõe-se o funcionamento desta instituição escolar. O periódico de número 7 de 7 de setembro de 1935, apresenta a visão da aluna Maria Venusia Cabral, ao completar o segundo ano, nos mostra o desempenho dos clubes agrícolas, assegurando: *Dentre os empreendimentos levados a efeito pela nossa Escola Normal Rural, surge a organização dos clubes agrícolas como o de maior alcance na difusão dos múltiplos problemas relativos à ruralização do ensino, que por este meio é ministrado pela forma mais prática e racional.* Existia até um hino específico para o Clube Agrícola criado por Amália Xavier de Oliveira, que incentiva a mocidade ruralista para o trabalho no campo.

Hino do Clube Agrícola da Escola Normal Rural - I – Mocidade avante/Eia a trabalhar para nossa Pátria/ Que a enxada e o arado/ hão de salvar. (Côro) Rumo ao campo é o brado/ Que se faz ouvir; Plantemos, ceifemos e depois, rindo esperemos o Bom porvir/ II – Nossa Escola é templo/ onde aprendemos/ que o Brasil é nosso/ Por ele e para ele só vivemos/ III – Cearense avante/não esmorecer que o ruralista/No campo e pelo campo há de vencer/ IV – O suor do rosto/ há de ajudar a molhar a terra/ Enquanto Deus a chuva não mandar/ V – Dos céus chovam bênçãos/ em nossos celeiros/ Deus nos mande a chuva/ e na da há de faltar aos brasileiros. (OLIVEIRA,1984:99)

O hino convoca para o trabalho apresentando as ferramentas da enxada e do arado. O estímulo é voltado para a vida no campo de onde brotará a salvação com o auxílio de Deus. Em seguida, acompanharemos a importância que a educação doméstica assumia na Escola, principalmente quando direcionada para o casamento.

4.2.3. Noções de economia: aprendizado necessário para o casamento

Entre as lições repassadas por meio do jornal para os seus alunos, destacam-se as noções de economia. O número 28 de janeiro e fevereiro de 1938, traz o artigo de Isa de Sousa Figueiredo do terceiro normal rural, escreve sobre a necessidade de economizar em todas as classes sociais para que o futuro não reserve surpresas desagradáveis. Ela enfatiza ainda que, no casamento, economizar torna-se ainda mais imprescindível.

(...) Que grande responsabilidade toma o homem quando se casa! Grande parte não pensa seriamente nessa responsabilidade. Todavia, é aconselhado pelo bom senso. Porque, uma vez casado, o homem deve imediatamente decidir que, enquanto as forças lhe permitem, a necessidade jamais entrará em sua casa. E, no caso em que elas (as forças) venham a faltar, nunca os filhos sejam um encargo para a sociedade. Com este fim, pois, a economia impõe-se como um dever importante. Devemos economizar.

A responsabilidade do casamento, de acordo com esse escrito, passa diretamente pela obrigação de economizar para manter sua casa sempre acautelada pelo bom senso. As normalistas recebem estas instruções sobre economia que quase sempre são direcionadas para o futuro casamento que haverão de realizar.

Nesta direção, o texto da professoranda Nerci Pereira, no número 32 de junho de 1938, também explicita a necessidade da economia para um matrimônio e exorta *O casamento para o homem é uma grandessíssima responsabilidade, se bem que são poucos aqueles que a consideram. Mas, uma vez casados, a economia torna-se-lhe como um dever importante.* E o exemplar 33 de julho de 1938, afirma mais vez os pilares da educação doméstica voltada para o lar, indicando a função da mulher neste processo.

(...) Assim como o homem, a mulher deve ser previdente, porque também ela é responsável pelo futuro dos seus filhos. Nesse ponto deve ser para o marido uma verdadeira sócia, sem nada deixar perder nem estragar, empregando o tempo que lhe sobrar das ocupações domésticas em trabalhos que possam

auxiliar o esposo na manutenção da família. A ela também importa equilibrar a receita diária com a despesa para evitar as dívidas, causadoras de veixames cruéis e até mesmo de desonras. (...)

A mulher deve assumir a responsabilidade de economizar junto ao seu esposo calculando a receita diária com as despesas de sua casa, para garantir o futuro de seus filhos. Ao destacarmos os artigos voltados para as noções de economia do lar, com ênfase no casamento, é possível perceber a adoção da idéia de preparação das moças da Escola Normal para a vida doméstica.

Ainda sobre o papel da mulher na sociedade, o jornal de número 25, de 15 de julho de 1937, o aluno Elias Rodrigues Sobral do primeiro ano normal apresenta sua visão sobre a atuação feminina na sociedade:

A mulher é a integridade da sociedade. Ela é a força motriz que impulsiona o mundo, tornando-se a figura de maior projeção no cenário político e social dos tempos hodiernos. (...) Assim sendo, torna-se essencial a atuação da mulher em todas as atividades, quer no campo intelectual, social, político ou religioso. E num sentido de observação, podemos dizer que a mulher dominará o mundo civilizado, pois o seu valor moral e social, nos faz pressentir este acesso de evolução. (...)

Consideramos esta opinião sobre o papel da mulher como avançada, já que nas primeiras décadas do século XX, a mulher ainda era bastante submetida ao poder patriarcal. No entanto, nesta citação a mulher é exaltada e tida como essencial em todos os campos de ação da sociedade e detentora de poder no futuro.

Também veremos a seguir as metodologias de ensino que serão apresentadas com vinculação primordial a prática agrícola.

4.2.4. Metodologia de Ensino: valorização das práticas agrícolas

A análise dos conteúdos trabalhados pela Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte nos aproxima de maneira significativa da compreensão da proposta de formação dos professores desta instituição, pois serão estes conteúdos relevantes para conhecermos o perfil idealizado para os futuros mestres.

A leitura do jornal *O Lavrador* nos permitiu identificar assuntos referentes à vida do homem no campo, destacando a criação de animais, o cultivo das plantações e

o reflorestamento. Os *Anais da Semana Ruralista de Juazeiro* (1935), em seus anexos apresentam no Regulamento da Escola Normal Rural a seguinte item.

Das aulas e seu regimento – O ensino deve ser feito, tanto quanto possível, tendo-se em vista o interesse dos educandos e da sociedade a que vão servir. Daí deverem ser adotados os métodos ativos, em que o aluno aprenda a fazer fazendo, por sua própria vontade, orientado, inteligentemente, pelo professor, para as atividades agrícolas e industriais.”(Art.20 – Capítulo III)

De acordo com este fragmento do regulamento, notamos a orientação expressa para que a Escola Normal Rural do Estado priorize na formação de seus professores a valorização do interesse dos alunos e da sociedade. Assim, os métodos ativos são instrumentos que visam à estimulação do processo de ensino-aprendizagem.

A metodologia de ensino da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte era voltada para a prática e a experiência.

O currículo da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte trazia em sua proposta de formação de professores a disciplina de *prática agrícola*. Esta prática era observada pelos visitantes desta Escola que anotavam em um livro de impressões o registro sobre o funcionamento desta instituição de ensino. Assim, a *Embaixada Pedagógica da Escola Normal* de João Pessoa deixou seu registro no jornal de número 9 de 15 de novembro de 1935, como constatamos no seguinte trecho transcrito: ... *Do nosso livro de impressões - Assistimos demonstrações práticas na secção de hortaliças, tomateiros, cenouras, nabos e outras espécies, tudo inteligentemente explicado e orientado pelo Sr. José Sebastião Paixão.*

Os visitantes do Estado de João Pessoa puderam presenciar de perto as demonstrações das práticas agrícolas realizadas com diversos tipos plantações. Pode-se perceber ainda que as atividades nos campos agrícolas eram acompanhadas por um instrutor que guiava as ações das normalistas, demonstrando que mesmo as atividades práticas eram vivenciadas com a seriedade e com apoio teórico.

Outro registro feito pelo “*Diário de Notícias*” do Rio de Janeiro, datado de 22 de novembro de 1938, relata a formatura da segunda turma de normalistas da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, dando ênfase para o pioneirismo da organização diferenciada que a nível nacional se destaca de todas as outras escolas normais, conforme nos indica o jornal de número 37 de dezembro de 1938.

Realizou-se hontem na Escola Normal Rural de Joazeiro, neste Estado, a entrega de diplomas da segunda turma de professores ruralistas, preparados nessa escola, que é a única, no Brasil, pela sua estrutura, organização e finalidade... A Escola Normal Rural de Joazeiro, tem organização propria, diferenciadas de todas as outras escolas formadoras de mestres no paiz... Em derredor do prédio, existe amplo terreno, cultivado pelos próprios alunos, **onde se pratica a agricultura racional** e onde se criam diversas espécies de animaes domenticos. Em departamentos próprios faz-se o aprendizado de pequenas industrias ruraes e caseiras e exercita-se o corpo discente em educação sanitária...” (grifo nosso)

Percebemos que um dos pontos diferenciadores da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte é a estrutura e localização do prédio, em largo terreno, que permitia aos alunos aprenderem por meio de atividades como as plantações, criações de animais, a manutenção de pequenas indústrias e a educação sanitária. Estas atividades, como relata o trecho acima transcrito, tornavam esta Escola fora dos padrões da época, da proposta de formação de professores do país.

Alguns questionamentos podem ser levantados em relação à real participação das normalistas nas práticas agrícolas, pois como foi dito anteriormente a clientela desta Escola era composta em sua maioria por moças de famílias consideradas ricas. O registro do relatório no exemplar de *O Lavrador* de número 9 de 15 de novembro de 1935 traz um momento de prática agrícola realizado durante a Semana Ruralista de 1935 pode nos ajudar a esclarecer esta discussão.

Descrição do plantio do bosque Luiz de Queiroz – Ao romper do dia 26 de julho, linda e esplendida manhã de verão, efetuou-se o plantio do bosque Luiz de Queiroz, situado à praça da Matriz dessa cidade... Em seguida fez-se a distribuição das plantas a todos que estavam presentes. A mim coube uma mangueirinha. Em **terreno adredemente preparado** plantamos o nosso bosque, que será um privilegio e uma indelevel recordação da Semana Ruralista... (Jornal O Lavrador, 1935:6) (grifo nosso)

O trecho do Jornal *O Lavrador* nos aponta que a participação nas atividades, como o plantio do Bosque Luiz de Queiroz, era realizada por *todos*. Nesta descrição elaborada pela aluna Maria Martins Camêlo do 1º ano normal rural é registrado que as pessoas presentes receberam uma planta, e a própria autora do relatório ficou encarregada de plantar uma *mangueirinha* no terreno que estava preparado para esta atividade.

O termo em negrito “terreno adredemente preparado” nos revela que a terra utilizada para o plantio já estava previamente pronta antes da chegada dos alunos. Isto nos faz refletir sobre quem verdadeiramente preparava os terrenos para as aulas de

prática agrícola, já que as moças de famílias ricas que freqüentavam a Escola não estavam acostumadas em seu cotidiano com aquele tipo de trabalho.

Sobre a aplicação desse saber agrícola em suas práticas futuras como mestras, encontramos em entrevista concedida por Amália Xavier de Oliveira aos professores Francisco Moreira Ribeiro e André Haguette, pertencentes ao Núcleo de Documentação Cultural da UFC, em 22 de setembro de 1983, ela nos esclarece sobre os desdobramentos dos resultados da Escola, em termos da aplicação de saber pelas professoras ali formadas:

Entrevistador: Pode avaliar-se os resultados desta Escola? Os alunos que saíam tinham como utilizar o conhecimento franco? Entrevistada: Bem, é para falar a verdade, eu não quero deixar de dizer a verdade em tempo nenhum. As professoras saíam, não encontravam meios para aplicar o que tinham aprendido. Iam ensinar numa escola, só tinha sala de aula com poucas carteiras com bancos, com mesa grande. Onde é que está um pedacinho de terra para fazer uma pequena horta? Não existe. Como é que pode criar uma galinha, deitarem os ovos, tirarem os pintos, fazer a comida dos pintos e tudo mais que tinha que aprender? Galinha, coelho, abelha, tinha apiário, diversas vezes, colhemos mel; as pequenas indústrias, onde é que elas iam fazer aquelas pequenas indústrias. O que era possível fazer, elas faziam. Ao meninos iam fazer os cabinhos dos birros, as meninas iam fazer a renda; os meninos faziam outras coisas... Trabalhinhos de madeira, cadeirinhas, estas coisas todas. As meninas faziam os trabalhos femininos. Aqueles que tinham gosto, continuavam. As que não tinham ficavam mesmo só na sala de aula.

Uma das idealizadoras da Escola questiona, na década de 1980, quando a Escola já havia cerrado suas portas, sobre as reais possibilidades dos alunos formados pelo ruralismo poderem executar o que aprenderam, pois as escolas não tinham a mesma estrutura “rural de onde elas estudaram. E nos diz que era feito, o que era possível. Isto nos deixa evidências para indagar que o ensino cearense não estava apto para receber a “inovação ruralista” em seu cotidiano.

Outro instrumento metodológico de ensino adotado é a *Excursão*, que assim como as práticas agrícolas visavam conduzir o aluno ao centro do conhecimento através da estimulação da participação ativa do mesmo. Esta prática era considerada como contribuição fundamental para o aprendizado dos futuros mestres. Como nos indica o trecho do relatório referente à excursão redigido pelos alunos a seguir:

EXCURSÕES – Fizemos quatro no corrente ano. Uma a Barbalha, por ocasião da Semana Ruralista. Outra a um engenho, em 10 de agosto na qual

observámos o **processo de fabricação de rapaduras**. Uma a Crato em 17 de setembro e outra a São Pedro do Cariri, em 7 de outubro. Fizemos outras excursões de menor importância, mesmo no município, sendo que em uma delas, a de Malvas, **fizemos a extinção de um enorme formigueiro** que atacava as culturas do clube de Malvas. (Anais da Semana Ruralista de Juazeiro, 1935:142) (grifo nosso)

As palavras grifadas nos apresentam as atividades realizadas pelas excursionistas que, ao visitarem os municípios, procuravam observar os acontecimentos próprios da vida no campo como o processo de fabricação da rapadura e exercitavam os seus conhecimentos com atividades como a extinção de formigueiros.

Algumas excursões tinham como objetivo aproximar as normalistas de locais onde pudessem ser observadas na prática experiências que pudesse enriquecer o seu aprendizado, tais como: campo de reflorestamento de Crato registrado no jornal de número 4 de 26 de novembro de 1934, e Departamento de fiscalização e classificação interna do algodão como relata o jornal de número 37 de dezembro de 1938.

Além de proporcionar às professorandas e excursionistas a oportunidade de acompanhar na prática os conhecimentos relacionados ao campo e conhecer locais de relevância para agricultura no Estado, as excursões, de acordo com o pensamento *escolanovista*, ainda pode propiciar outros benefícios desde a sua preparação até a sua culminância:

Assim, por exemplo, os alunos que desenvolvem um projeto de excursão ao campo a fim de colecionar objetos naturais, preparam mentalmente a excursão, levam-na a efeito, observam a natureza, examinam e classificam suas coleções, discutem escrevem, em resumo, trabalham e **apredem com o corpo e com o espírito**” (AGUAYO, 1970:62) (grifo nosso)

Esta citação confirma a importância das excursões, que apresenta o campo como ambiente propício para o aprendizado, onde as excursionistas podiam nutrir “o corpo e o espírito” de conhecimento. Neste sentido, como estudaremos no próximo tópico as datas comemorativas são festejadas para estimular os alunos a internalizarem ainda mais os fatos dito como importantes para sua formação.

4.2.5. Datas Comemorativas

As festividades das datas comemorativas na Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte tornaram-se uma forma de levar o aluno a internalizar o que está sendo comemorado, o que fica claro em registros de várias datas e nomes, encontrados no seu jornal. Nesta década ressaltaremos o dia da árvore. Temos também outras datas que iremos abordar, tais como: aniversário de Amália Xavier, dia das mães, dia do trabalho, mês mariano.

A alusão ao dia da árvore não se resumia apenas a o dia 21 de setembro, pois a Escola Normal Rural celebrava uma semana inteira dedicada a árvore com atividades envolvendo todos alunos e professores, como indica o jornal 27 de setembro de 1937.

Como a Escola Normal Rural de Juazeiro comemorou a Semana da Árvore – A Escola Normal Rural de Juazeiro, visando comemorar solenemente a Semana da Árvore, resolveu organizar o seguinte programa: Dia 20 – Palestra sobre a árvore, realizada pelas alunas da Escola Normal Rural, nos grupos escolares e nas diversas escolas do município. Dia: 21 – Desfile dos alunos de todas as escolas e concentração na praça Almirante Alexandrino, onde falarão os alunos José Sebastião da Paixão, sobre a importância da árvore e Venusia Cabral, sobre a data. Dia: 22 – Visita dos alunos da Escola Normal Rural ao Bosque Luis de Queiroz, onde falarão as alunas Maria Rodrigues sobre a necessidade de se plantarem árvores, e Luci Landim recitará uma poesia à árvore. Dia: 23 – Sessão do Clube Agrícola Alberto Torres, na Escola Normal Rural. Dia: 24 – Fundação de clubes agrícolas nas diversas escolas do município. Dia: 25 – Assembléia Geral de todas as instituições escolares existentes na Escola Normal Rural. Dia: 26 – Festival Chá e quermesse, das 13 às 18 horas.

A comemoração do dia da árvore adquire significado especial dentro de uma escola que tem como uma de suas idéias principais a agricultura como meio indispensável para o progresso no país, como podemos constatar neste artigo da professora Doralice Gomes de Matos do jornal 35 de setembro de 1938:

A árvore, emblema do Ruralismo – (...) Firmando sobre as raízes o seu tronco, ela se ergue sobranceira, se o inverno a subjuga, o suporta, e se o verão a castiga a faz sofrer. Ela pacientemente espera que passe. Este deve ser para vocês o primeiro exemplo. Educadas numa escola rural, daqui sairão impregnadas de ruralismo, mas numa época ainda de transição como a nossa, é preciso que esse ruralismo seja uma convicção firme, tão firme e resistente quanto a árvore, sabendo tal qual a ela a tudo resistir, continuando sempre erguidas, pois só assim sairão vitoriosas.(...)

A árvore deve ser exemplo de firmeza para as alunas que enfrentam um processo de transição, onde o ruralismo passa a ser sua fortaleza. No mês de setembro é reconhecida a absoluta relevância da árvore na vida da sociedade por oferecer inúmeros benefícios e vantagens.

Ressaltamos que uma peculiaridade das datas comemorativas da Escola Normal Rural são os momentos dedicados a temas ligados à vida do campo, ressaltando as idéias da Escola de que o aluno viva no campo e para o campo.

Enfim, nesta década, a partir de 1934, a Escola Normal Rural surge como mais uma opção para a educação dos filhos da elite juazeirense que desejam formar suas filhas. Esta fase inicial da Escola exala a esperança da redenção da educação pelo Ruralismo, como nos apresenta um trecho da palestra da Professora Neli Sobreira no jornal 44 de setembro de 1939 (...) *Como o Juazeiro, o ruralismo é também uma bandeira de salvação que a Pátria agita dizendo estar nela a única maneira de solucionar o difícil problema econômico nacional.*

Na década de 1940, percebemos as continuidades relacionadas às atividades do Ruralismo, o crescente espaço para a educação doméstica, e a presença de Getúlio Vargas no cotidiano da Escola.

4.3. As continuidades da Década de 1940

A década de 1940 apresenta a quantidade de 53 jornais, contendo os números 46 a 99, excetuando o número 94 que não consta nos exemplares pesquisados. Este período é repleto de continuidades e permanências em relação à década de 1930. Os assuntos relacionados à política, educação doméstica, imagem do professor, eventos da Escola, aulas de campo e ruralismo.

4.3.1. Ruralismo: continuidades pedagógicas

O Ruralismo Pedagógico foi um projeto de educação que visou à propagação dos ideais do campo. Assim, eram valorizadas pela escola todas as ferramentas utilizadas neste processo e que pudessem culminar no desenvolvimento do meio rural.

Nesse contexto, o Ruralismo pedagógico era compreendido como o expoente de uma nova ordem econômica baseada nas riquezas do campo. O jornal *O*

Lavrador de número 53 de maio e junho de 1941, no artigo de Elias Rodrigues Sobral em comemoração ao aniversário de sete anos da Escola faz alusão aos méritos desta (...) *O primeiro templo do RURALISMO PEDAGÓGICO, de onde vem espalhando por todos os recantos do país, as luzes maviosas de uma nova ordem econômica.*

Reafirmando as raízes ruralistas, o número 59 do jornal escolar em estudo, de março de 1942 na página 4, explicita: *Embora singelo, mas de expressões bem concatenadas, o nosso jornal baseia-se no estudo científico da agricultura, tem como lema o ruralismo.* Também no mesmo exemplar, a aluna Stelia Cavalcante Silva ao responder a correspondência dos alunos de Butantã, convoca para a disseminação dos ideais ruralistas.

Ideal para ideal – Caros amiguinhos ruralistas de Butantã – O nosso grande Brasil põe em nossa cooperação, a certeza do desenvolvimento de seu desejo, que também é nosso – a propagação do ruralismo nacional; por tanto amor ao campo, este grande reservatório, onde se encontram armazenadas as grandes esperanças do Brasil progressivo de hoje e rico de amanhã. Assim sendo, queridos colegas, esforcemo-nos para que mais depressa o ruralismo prenda a atenção dos nossos semelhantes, para que desse interesse resulte o amanhã mais intensivo do campo brasileiro. (...)

Com a esperança da vitória do ruralismo, as atividades rurais permanecem presentes como no número 47 de abril de 1940, com o relatório de uma aula de agricultura apresentado pela aluna do primeiro ano complementar.

No dia 22 de abril, às 8 horas da manhã, eu e minhas colegas, dirigimo-nos ao campo, em companhia de nossa mui esforçada professora Assunção Gonçalves, afim de recebermos desta, uma aula prática sobre agricultura. Chegando ao campo, a professora relatou-nos que a aula seria a respeito de sementeira, isto é, o que seria necessário para se efetuar uma boa sementeira.

Outro relatório é o de número 73 de fevereiro e março de 1944, onde a aluna Ana Bianôr Esmeraldo Norões do terceiro ano primário, descreve que a professora mostrou o campo e as árvores existentes, e também apresentou o ambiente reservado ao estrume... *Dirigimo-nos até a estrumeira onde vimos os detritos animais e vegetais, transformando-se em húmus, “o tempero da terra”.* Ainda, no mesmo exemplar é descrita uma experiência no campo de experimentação da Escola (...) *Enquanto os que estavam com os aguadores regavam as hortaliças as outras faziam uma pequena campina. Trabalhamos muito cumprindo fielmente, a tarefa que nos foi confiada.*

O número 80 de abril e maio de 1945, apresenta mais um passeio ao campo agrícola da Escola Normal Rural, os alunos ressaltam a importância dessa atividade (...) *Devemos fazer sempre um passeio a horta, principalmente para aqueles que melhor interpretam o valor do ruralismo.* Estar em contato com o campo era um dever que se impunha para aqueles que “bem” interpretavam a relevância do Ruralismo.

Em consonância com os princípios ruralistas, o jornal 93 de junho de 1948 apresenta a terceira Semana Ruralista apresentado no único exemplar do ano. É feita a saudação aos bandeirantes do Ruralismo Nacional. Esta Semana aconteceu de 25 a 31 de maio realizando-se em na Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte.

(...) A terceira Semana Ruralista Brasileira, com os seus 22 técnicos, especializados em vários ramos das ciências agrônômicas, afora agricultores, criadores, professores, jornalistas, médicos, bacharéis, industriais, farmacêuticos, dentistas, artífices, etc, constituiu um acontecimento de grande projeção, no seio da população pacata da zona sertaneja. Foi uma espécie de revolução agrária, que veio despertar todas as forças latentes, regionais, revolução em que, cada um dos presentes teve uma tarefa a desempenhar, dentro da matéria programada.

Este evento proporcionou o contato com diversas palestras sobre os assuntos do campo que entusiasmaram alunos e professores, despertando-lhes o desejo de crescimento prático e teórico da educação rural.

A imagem do professor segundo alguns artigos da década de 1940, será o tema do próximo tópico.

4.3.2. Imagens do professor

Um ponto que merece destaque na análise dos documentos é a imagem da profissão professor da época. O número 83 de outubro e novembro de 1945, expõe que ser mestre era abraçar o martírio, (...) *O mestre de Hoje é o mártir de nossos dias. Ele representa um cordeiro que se imola num sacrifício exaustivo.* Além, de ministrar aulas o professor tinha a missão de impulsionar seu alunado para o amor à pátria, a moral e a civilidade. Como nos indica o trecho da palestra proferida pela aluna Zeneida Saraiva, representando o Curso Normal, por ocasião da sessão em homenagem ao dia do professor no jornal de número 72 de outubro e novembro de 1943.

Sim! Sublime é a missão do mestre! Educar! Dar aos espíritos não só o refrigério do saber em oposição do caustificante calor da ignorância, mas ainda formá-los física e moralmente, procurando destruir os princípios errôneos, que os espíritos baixos destilariam em suas mentes ainda não fortificadas pelos princípios. São de uma plena religião. São os mestres soldados de Cristo, pois, muitas vezes, não hesitam em abandonar os seus, para ensinar as criancinhas inexperientes o sol da vida, “a instrução”

A visão salvacionista fica explícita neste trecho em que a profissão do professor é comparada à religião, onde os mestres são verdadeiros soldados que devem lutar pela educação para todos, nem que isso exija abnegação e renúncia.

As professorandas da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte expressam através de seus discursos terem consciência da dimensão que o magistério assumiria em suas vidas, como nos aponta o jornal de número 83 de outubro e novembro de 1945, por meio do artigo de Maria Socorro Dias Oliveira, aluna do 3º Ano Normal:

E, então verei realizado o sublime ideal que alimentei, desde a mais tenra idade – ser mestra. Que bela e nobre missão é o magistério! Por isso, num frêmito de entusiasmo, abraçarei com a abnegação e a coragem de um **missionário**, que se lança às regiões mais longínquas, sem temer as noites tenebrosas, sem temer os rigores da natureza, sem temer, enfim, a fadiga, a fome e a sede, afim de propagar a **luz sacrossanta do Evangelho**. Assim, procedendo, cooperarei, de certo, para elevar meu Brasil grande e belo píncaros da **Glória**. E assim como a embarcação não teme a fúria dos revoltos mares, também não temerei os espinhos que me ofertar a **ardorosa missão**, porque eles tecerão a corôa – emblema da dôr, que me há de orlar a frente, assim como **corôado o meu doce Jesus...** (grifo nosso)

O escrito da professoranda nos indica que o magistério é compreendido como “verdadeira religião”, que deve ser seguida com a coragem dos missionários de Cristo. Este discurso aponta a importância da religião, especialmente cristã e católica, na vida das normalistas, o que se justifica quando lembramos que a cidade de Juazeiro do Norte é considerada a nível nacional e estadual a cidade da fé e do milagre por ser a terra de Padre Cícero.

A importância devotada ao professor fica ainda mais explícita no número 98 de 16 de outubro de 1949 que traz como matéria de capa uma homenagem ao mestre pela data que comemora o seu dia.

O professor é o coração da sociedade, o amparo de todo progresso social, econômico e religioso do país. É a árvore mater que distribui frutos saborosos para extinguir a fome do saber; sombra protetora que oferece agasalho ao viajar que sem direção, segue a estrada incerta do porvir, porque lhe falta a luz da razão – o saber. É o professor quem tira as inteligências infantis, das

trevas da ignorância, elevando-as portanto aos píncaros do saber. A este baluarte do progresso, nossas homenagens no dia de hoje.

O mestre é comparado à árvore em seus benefícios, e responsável por espargir a inteligência as crianças. Ainda, no número 98 na página 5 também exalta-se a figura do professor (...) *Pois dedicação, amor, e veneração aos nossos mestres, nossos verdadeiros amigos que tudo fazem em prol da nossa felicidade.*

Mas, a imagem do mestre nos remete ainda a autoridade que ele exercia em sala de aula. Assim, o número 50 de janeiro e fevereiro de 1941, apresenta o artigo de Maria Menezes ressaltando que para haver o bom desempenho do papel do mestre na manutenção da disciplina é necessário (...) *A autoridade do mestre é incontestavelmente um meio essencial na formação completa dos discípulos.*

As futuras mestras encontravam no seu processo de formação a tranqüilidade e a alegria pertinente a vida de estudante. O número 92 de junho e julho de 1947 apresenta a opinião das professorandas a esse respeito ao dizer *A vida do estudante é, incontestavelmente, agradável. Com aquele espírito de alegria e jovialidade, não conhece tristezas; tudo são flores, a vida lhe sorri a todo transe...*

Em seguida, a política será o assunto em destaque, explanando o entrosamento dos alunos com a “realidade”.

4.3.3. Temas Políticos

Um tema que aparece com o cunho das datas comemorativas é a política. Podemos verificar isso no trecho do artigo escrito pela aluna Rocilda Pimentel do segundo ano normal rural no número 49 de Outubro, novembro de dezembro de 1940.

É sobremodo auspiciosa e feliz a data magna de 10 de novembro, que hoje se decorre. Ela encerra como data importante, magestosa, algo de transcendente, de patriotismo para os entusiastas e verdadeiros brasileiros. Sim, nós os brasileiros de fé, que amamos o Brasil, este berço imenso alcançado no horizonte do progresso e do altruísmo, que nos viu nascer, que nos tornou homens cientes do nosso dever e da nossa responsabilidade, jubilosos comemoramos hoje a Instituição do Estado Novo...

Fica evidente que na Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte existe uma posição de apoio à continuidade da presidência de Getúlio Vargas, e considera a instituição do Estado Novo um acontecimento de muita alegria e orgulho. Assim,

notamos a exaltação da pátria e seu governante, segundo NAGLE (2002: 64) na segunda década do século XX esta idéia ganha força no Brasil e que “*as primeiras manifestações nacionalistas apareceram, de maneira mais sistemática e influenciadora, no campo da educação escolar, com a ampla divulgação de livros didáticos de conteúdo moral e cívico...*” (IBIDEM, 2002:64), podemos assim compreender a harmonia existente entre instituição do Estado Novo e a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte.

As manifestações de apoio ao presidente Getúlio Vargas seguirão ainda em outras edições do jornal 52 de abril de 1941, o número 53 de maio e junho de 1941, e o número 60 de abril de 1942, em alusão ao seu aniversário natalício no dia 19 de abril de 1882. As mensagens de alegria pelo seu aniversário são explícitas como vemos neste trecho do exemplar de número 60.

Dezenove de abril – Como a Escola Normal Rural de Juazeiro, comungando do mesmo sentir que invade a alma de todo o povo brasileiro, comemorou o aniversário natalício do dirigente dos seus destinos – o insigne Dr. Getúlio Vargas: As 6 horas do dia, hasteamento do Pavilhão Nacional – As 16 horas, desfile dos alunos da Escola, havendo concentração na praça Almirante Alexandrino, onde com palavras eloqüentes falou sobre o digno aniversariante em nome do corpo docente, o Rvdmo. Cícero Coutinho, e em nome do corpo discente, a professoranda Maria Anita Rodrigues, que proferiu brilhante oração a qual transcrevemos: (...) o Dr. Getúlio Vargas – a inteligência máxima da América do Sul, que nos enobrece, o cérebro ávido de cultura, sedento de disciplina. (...)

Esta data é motivo de mobilização de toda a Escola que reúne-se em espaço público para demonstrar o júbilo por esta data. Getúlio Vargas é lembrado como “inteligência máxima”, mostrando a tamanha exaltação prestada ao presidente da república.

Outro fato político registrado pelo jornal *O Lavrador* está no número 98 de 16 de outubro de 1949 na matéria de casa que registra a visita do Presidente da República ao Ceará (...) *é de eloquentíssima significação a visita do General Eurico Gaspar Dutra, digníssimo Presidente da República Brasileira ao nosso Estado*. Esta visita foi considerada como mais um passo rumo ao progresso do Ceará, o que gerou grande satisfação e orgulho aos cearenses.

Outro tema que discutiremos a seguir é a educação doméstica que possuiu a coluna fixa que por mais tempo permaneceu no jornal *O Lavrador*.

4.3.4. Conteúdos ministrados – Educação Doméstica

Entre os conteúdos ministrados na Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte ressaltamos a educação doméstica. Isto é compreensível por ser o curso de formação de professores desta escola formado em sua maioria por mulheres.

Esta preocupação com conteúdos ligados à educação doméstica reflete a ordem nacional da educação. Segundo Schwartzman (2000:128) o ministro da Educação Gustavo Capanema era favorável a uma educação diferenciada para o homens e mulheres, tanto que em 1939 propôs um estatuto que disseminava estas idéias.

... Devem ser os homens educados de modo a que se tornem plenamente aptos para a responsabilidade de chefes de família. Às mulheres será dada uma educação que as torne afeiçoadas ao casamento, desejosas da maternidade, competentes para a criação dos filhos e capazes da administração da casa.” (Estatuto de Família - Art 13)

Ainda segundo Schwartzman (2000:127) este Estatuto sofreu muitas críticas e não foi promulgado. Apesar da não aprovação do Estatuto da Família as idéias de educar a mulher para o lar e a família permaneceram firmes dentro do Governo Getulista.

Será nesta linha de pensamento que a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte irá trazer no Jornal *O Lavrador* artigos com a Colaboração das alunas do Curso Profissional Doméstico do Internato Santa Teresinha do Menino Jesús em uma coluna intitulada *Página do Lar*.

Durante os quarenta anos de circulação do jornal *O Lavrador*, esta coluna será a mais estável com 24 publicações. Os assuntos em destaque desta coluna são: puericultura, arte-culinária, alimentação saudável, contabilidade doméstica, higiene, asseio com a casa, profilaxia das doenças contagiosas. A seguir o quadro apresenta os exemplares que contem esta coluna e os temas abordados:

Identificação do jornal <i>O Lavrador</i>	Temas da Coluna <i>Página do Lar</i>
Número 54 de julho de 1941 – Páginas 3 e 4	Importância da arte-culinária na educação da mulher/Puericultura; Utilidade do Curso Doméstico Profissional
Número 55 de agosto de 1941 – Páginas 3 e 4	Cozinha teórica/ Asseio do corpo/ Cardápio de um almoço simples
Número 56 de setembro de 1941 –	Arrumação da mesa para um jantar de

Páginas 3 e 4	cerimônia/ Cuidados com o recém nascido
Número 58 de janeiro e fevereiro de 1942 – Páginas 3 e 4	Cuidados a observar na alimentação materna/ contabilidade doméstica/ puericultura – o casamento
Número 59 de março de 1942 – Páginas 3 e 4	Higiene/ contabilidade doméstica
Número 60 de abril de 1942 – páginas 4 e 5	Como fazer a criança dormir/ Aula de flores de pano
Número 62 de junho e julho de 1942 – páginas e 5	Alimentação da criança/ Direção prática da alimentação artificial
Número 63 de agosto de 1942 – páginas 3 e 4	Como se dividem as substâncias dos alimentos/ Alimentação da criança
Número 64 de setembro de 1942 – página 3	Cuidados indispensáveis à criança durante o seu desenvolvimento
Número 65 de outubro e novembro de 1942 – páginas 3 e 4	Alimentação do adulto/ Educação da criança
Número 66 de fevereiro e março de 1943 – páginas 3 e 4	Asseio da habitação/ limpeza dos móveis, portas, janelas, cozinha e banheiro
Número 67 de abril de 1943 - páginas 4 e 5	História da sericicultura no Brasil
Número 69 de junho e julho de 1943 – página 3	Cuidados com crianças prematuras e débeis congênitos
Número 70 de agosto de 1943 – página 3	Alimentação da velhice
Número 71 de setembro de 1943 – páginas 3 e 4	Profilaxia de algumas doenças contagiosas
Número 72 de outubro e novembro de 1943 – página 3	Equilíbrio Orçamentário
Número 73 de fevereiro e março de 1944 – Página 3	Alimentos essenciais: carnes, ovos e leite/ O enxoval da criança
Número 74 de abril de 1944 – página 3	Asseio da habitação
Número 75 de maio de 1944 - Página 3	Arrumação dos livros/ Arrumação do serviço da mesa
Número 76 de junho e julho de 1944 – página 3	Utilidade das Hortaliças/ Bom gosto da dona de casa
Número 80 de abril e maio de 1945 – páginas 3 e 4	Higiene/ O dever das mães para com os filhos/asseio do lar
Número 83 de outubro e novembro de 1945 – página 3	As três primeiras fases infantis
Número 87 de junho e julho de 1946 – página 4	Dicas de cuidados com a casa
Número 88 de setembro de 1946 – página 3 e 4	Educação musical/Dicas de alimentação

Alguns trechos escritos pelas alunas do Curso Profissional Doméstico do Internato Santa Teresinha do Menino Jesús, elucidam os conteúdos dos temas expostos no quadro acima. No número 83 de outubro e novembro de 1945, são apontados conhecimentos de puericultura.

As três primeiras fases infantis – Chamamos de Puericultura a ciência que encerra todos os conhecimentos necessários no que diz respeito às crianças desde a sua primeira fase de vida, até a idade escolar. É a mãe

principalmente que cabe a maior responsabilidade, pois, é a ela que acha confiada esta **sublime e enobrecedora tarefa criar filhos fortes, física e espiritualmente**. As mães deverão cuidar da saúde dos filhos, ministrando-lhes todos os cuidados necessários, antes e depois do seu aparecimento... (Grifo Nosso)

As noções de puericulturas são apresentadas como imprescindíveis para que as futuras mães aprendam a acompanhar cada fase das crianças da forma mais adequada e correta. Assim como nos indica a parte grifada do texto cabe as mães a missão de criar os filhos, educando-os de maneira que corporalmente e espiritualmente os mesmos sejam fortes e preparados para a vida.

Outras informações indispensáveis para a boa execução das funções das futuras donas de casa são as de cunho orçamentário. Como podemos constatar a seguir com outro artigo das alunas do Curso Profissional Doméstico do Internato Santa Teresinha do Menino Jesús no número 72 de outubro e novembro de 1943.

Equilíbrio Orçamentário -... A dona de casa deve resolver logo uma quantia aproximada da realidade, procurando avaliar uma importância que não seja inferior à despesa provável. Ela deve calcular essas despesas enquanto importarão por semana, pois desta maneira, faz mais facilmente o equilíbrio orçamentário. Se ela dispõe por exemplo de Cr. \$600,00, para as despesas do mês deve dispendir em média de Cr. \$140,00 a \$150,00 por semana. Verificando semanalmente as despesas, ela verá se preciso reduzi-las seguinte, e, assim despesas desagradáveis no fim do mês...

As instruções sobre planejamento orçamentário doméstico são com intuito de fazer com as mulheres aprendessem a manter o equilíbrio das despesas do lar. Os exemplos com as quantias exatas dos custos aproximam de maneira mais concreta as alunas da realidade da administração de seus futuros lares para que as mesmas evitem o desequilíbrio das despesas da casa.

Ao longo da década de 1940, alguns conflitos políticos indicavam dúvidas quanto à continuidade do ensino normal rural, conforme indica o número 89 de outubro, novembro e dezembro de 1946, que demarca um período de redemocratização do País, com a manchete anunciando os seguintes telegramas:

A Escola Normal de Juazeiro, continua a expedir diplomas, com os mesmos direitos e prerrogativas oficiais, concedidas pelo Decreto n.1.218, de 10 de janeiro de 1934, que a tornou oficial no Estado. Não tem fundamento os boatos em torno deste Educandário, difundidos pela imprensa de Fortaleza. Esclarecimentos do Secretário da Educação e Saúde do Estado. O Instituto Educacional de Juazeiro representado pela sua secretária Professora Maria Assunção Gonçalves dirigiu ao Sr. Secretário de Educação o seguinte telegrama: Dr. FILGUEIRAS LIMA – Secretário Educação Saúde -

Fortaleza – Membros Instituto Educacional Juazeiro encampou Escola Normal Rural oficial Estado pelo Decreto 1.218, de 10 de janeiro de 1934, vimos respeitosamente pedir esclarecimentos sobre a notícia estampada Nordeste dia 7 corrente asseverando haver este Estabelecimento perdido direito conceder diplomas professores. Apesar procurarmos desfazer impressão causada neste meio virtude referida publicação baseados fato haver Escola sido criada por força decreto não podendo perder injustificamente apoio Governo não temos conseguido modificar completamente opinião pública desfavorável nossa Escola resultando sérios prejuízos marcha nossos trabalhos Reiteramos pedido nota oficial explicando caso. Ass: Maria Assunção Gonçalves – Secretária – Em resposta ao telegrama supra, foi recebido o seguinte: Maria Assunção Gonçalves – Notícia não tem fundamento Escolas Normais Rurais poderão conferir diplomas acordo legislação Estadual em vigor. Faço votos maior brilhantismo solenidade a realizar-se corrente ano na tradicional Escola Normal Rural essa cidade. Saudações. Ass: Filgueiras Lima – Secretário Educação Saúde – A Exma. Sra. Diretora da Escola Normal Rural recebeu o seguinte: D. Amália Xavier de Oliveira – Diretora da Escola Normal de Juazeiro. Tenho satisfação comunicar-vos entrega diplomas corrente ano obedecerá em tudo legislação estadual em vigor relativo Ensino Normal Rural. Cordiais saudações. Filgueiras Lima - Secretário

A troca de cartas entre a Escola e a Secretaria de Educação e Saúde do Ceará parece evidenciar alguns conflitos políticos então existentes com a relação à existência daquele estabelecimento de ensino normal rural. Decerto, a publicação da notícia sobre uma boataria de que os diplomas não estariam sendo expedidos pela Escola, parece ter sido um golpe em termos de opinião pública, que aparece na carta da Secretária Maria Assunção Gonçalves como ligado ao fato de ter a Escola recebido algum apoio do governo por força de um Decreto, quem sabe, na fase mais autoritária, prática que se tornaria insustentável depois de 1945.

4.4. Década de 1950: redução no número de periódicos

A primeira diferença perceptível nos periódicos da década de 1950 é a redução na quantidade em relação às décadas anteriores, são 13 exemplares neste período. No entanto, os assuntos vinculados à formação de professores permanecem estáveis, podendo-se destacar: palestras sobre o Ruralismo, comemoração do aniversário de Dona Amália, traços marcantes da religião, atividades pedagógicas ruralistas, festividades do aniversário da Escola, e regras sobre a conduta do professor. A estrutura deste sub-capítulo será dividida em tópicos contando com o auxílio dos jornais e a bibliografia que apóia esta discussão.

4.4.1. Ruralismo Pedagógico

O discurso do Ruralismo torna-se imprescindível para a fundação da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, pois a idéia de que o Brasil é um país essencialmente agrícola é difundido como pilar da educação no meio rural. Conforme foi explicitado anteriormente neste estudo às idéias do ruralismo ligadas à educação entram em efervescência em 1920, conforme nos indica a citação (...) *A verdade é que a Ruralização do Ensino, na década de 1920, constitui mais uma ideologia em desenvolvimento.* (NAGLE,2001:304)

Com a finalidade da propagação dos ideais ruralistas, a criação e manutenção de uma Escola Normal Rural vinha ao encontro dessa necessidade. Neste sentido, a *Constituição do Estado do Ceará* de 1947, assegura:

Título VI – DA FAMÍLIA, DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA – Capítulo II – DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA – Art.154- As escolas típicas rurais que forem instaladas em prédios construídos mediante auxílio financeiro da União serão preenchidas, de preferência, por professoras diplomadas em Escolas Normais Rurais.

As professoras ruralistas tinham prestígio e prioridade nas escolas no meio rural, pois acreditava-se que as mesmas fossem mais preparadas para ocupar o cargo devido a sua formação especializada.

O professor Elias Rodrigues da Escola Normal Rural, no jornal de número 101, de novembro de 1950, afirma a relevância do Ruralismo para as crianças do meio rural (...) *O Ruralismo, que tem por finalidade moldar o espírito das ásperas populações do interior, penetrando, profundamente, nas habitações rurais, proporcionará a criança rural de hoje, o interesse pelas atividades rurais.* Ainda neste número o discurso pronunciado pela professoranda Severina Guilherme, por ocasião da sessão comemorativa do dia do estudante, convoca a todos a assumirem o ideal ruralista (...) *No despertar das nossas esperanças de soldados bravos, de sentinelas avançadas pelo Brasil, estará sempre unido o nosso ideal – Tornar o Brasil a sede do ruralismo.*

Mas, do que tornar o Brasil a sede do Ruralismo era preciso fortalecer a cidade sede e pioneira para tanto era necessária a compreensão de que o Ruralismo cearense deveria permanecer em marcha, conforme explicita a matéria de capa do exemplar 106 de 1 de maio de 1955 (...) *O Ceará, o vanguardeiro do ENSINO RURAL*

NO BRASIL, o Juazeiro do Norte, o pioneiro do grande movimento ruralista do Estado, marcham ufanos e garbosos pela senda do progresso.

Todavia, o discurso ruralista produzido pela Escola Normal Rural, não era apenas repleto de esperança e otimismo, pois apesar das conquistas almejadas, ainda existiam muitas falhas na sua execução, como nos indica mais uma vez o Professor Elias Rodrigues no jornal de número 105 de 13 de junho de 1954.

(...) O crédito rural, não chega para os modestos agricultores. São apenas usufruídos pelos afortunados da sorte. (...)O Ruralismo brasileiro tende desaparecer, se os dirigentes do País, não se voltarem para este marco de iniciação, onde todos os educadores, quer brasileiros ou estrangeiros, fixam suas esperanças e colocam o futuro da educação rural, nos métodos e nas suas atividades práticas e de vasto tirocínio. (...) Analisamos com a sinceridade do nosso idealismo e chegamos a conclusão de que não fomos compreendidos pelos poderes públicos que nos governaram e que, o pouco que fizemos, custou lágrimas, decepções, e porque não dizer, abnegação e desprendimento.(...)

É interessante que o mesmo professor que incentiva os alunos para lutarem pelo fortalecimento do Ruralismo, também consegue compreender suas deficiências. Temos ainda a denúncia de que o crédito agrícola chega àqueles que não precisam, em detrimento dos lavradores mais necessitados. O docente aponta a problemática primordial da falta de apoio político gerando até mesmo desânimo e prevendo o fim do Ruralismo.

A seguir discorreremos sobre aquela que é aclamada como a “mãe do Ruralismo Pedagógico” e sua presença em todos os âmbitos da Escola.

4.4.2. Presença permanente de Amália Xavier de Oliveira

Como é conhecido da trajetória da Escola Normal Rural, Amália Xavier esteve presente desde sua fundação até seu fechamento. Em pesquisas que têm como tema essa Escola dificilmente não se menciona o nome dessa gestora.

Nos jornais da década de 1950, temos 12 passagens que apresentam pontos relativos à vida desta mulher. Os jornais de número 100 do dia 30 de abril de 1950, número 107 de 25 de abril de 1956 e número 119 de 31 de maio de 1958, registram seus aniversários natalícios. Dentre esses escritos, destacamos o número 100 que traz uma carta aberta da aluna Maria Oliveira do quinto ano primário do Grupo Rural Modelo que homenageia sua mestra.

Em vós, cara mestra, eu vejo zelo, o interesse e o cuidado, pela formação intelectual da mocidade estudantil de Juazeiro e muito particularmente pela da Escola Normal Rural e o Grupo Rural estabelecimentos estes, que estão sob Vossa sábia orientação. Em nome desta mocidade e muito particularmente em meu nome é que vos expresso meu sincero e vivo reconhecimento.

Nesta carta, Amália Xavier é projetada como modelo a ser seguido por toda a mocidade estudantil. Esta mestra também é lembrada pelos seus vinte e cinco anos de magistério no número 108 de 13 de junho de 1956, sendo ovacionada de forma veemente. Contudo, na carta escrita por Expedito Cornélio, fica evidente que esta líder despertou vários sentimentos (...) *foi amada, discutida e, às vezes, odiada e invejada, sentimentos que, depois, se aplainam e fundem em indestrutível e suave admiração e reconhecimento.* (...)

Entre as notícias sobre Amália Xavier, são igualmente lembrados os feitos de seus familiares, como o Dr. Xavier de Oliveira, no exemplar 102 de abril de 1953. Em uma crônica escrita pelo Professor Elias Rodrigues e lida pelo locutor Coelho Alves, no grande jornal da Rádio Iracema de Juazeiro, por ocasião do trigésimo dia de falecimento do irmão de Amália (...) *Esta figura estóica, este paladino do Bem, foi o Dr. XAVIER DE OLIVEIRA, que conseguiu, com muito sacrifício, uma subvenção federal de Cr\$. 150.000,00 para nossa Escola.* Percebemos que a influência política e econômica de Dr. Antonio Xavier de Oliveira faz-se presente, podendo quem sabe até ter facilitado a entrada de Amália na gestão da Escola Normal Rural.

Os jornais trazem até mesmo informações sobre suas viagens como a visita à Terra Santa nos números 100 e 106. Também no número 106 do dia 1 de maio de 1955, acompanhamos Amália que faz viagem por todas as Escolas Normais Rurais do Estado.

Deverão seguir no dia 10 do corrente, em visita às Escolas Normais Rurais de Iguatú, Quixadá, Baturité, Pacotí, Curú, Itapipoca, Acaraú, São Benedito, Ipú, Crateús e Limoeiro do Norte, a nossa estimada Diretora – Dona Amália Xavier de Oliveira, acompanhada dos professores: Elias Rodrigues Sobral e Maria Menezes Pereira. Esta visita de cunho oficial, de certo vai trazer inúmeros benefícios para essas Escolas, que terão o gaudio de receber tão ilustres visitantes, a grande vidente do Ruralismo Cearense e os idealistas deste grande movimento.

Possivelmente a visita de Amália atraiu numerosos benefícios para a Escola Normal Rural de Juazeiro pela troca de experiências com outros estabelecimentos de

ensino no Ceará. Para finalizar este tópico, os jornais 105 e 106 mostram novamente o enaltecimento demonstrado a esta mulher que é considerada heroína e em outro artigo do dia 13 de junho de 1954 no número 106 escrito pela aluna Maria Lilian Sá Barreto explicita:

A professora Amália Xavier de Oliveira é, para nossa Pátria, a construtora incansável de uma das mais sólidas bases de progresso, dada a importância da missão que exerce: educadora da juventude feminina. É ela uma alma de escol, batalhadora constante em prol da mocidade, dona de um coração magnânimo a desprender amor, sacrifício e abnegação, de uma inteligência fértil a idealizar grandes coisas e de mão benfazejas a nos dirigir pelo caminho reto, a corrigir as folhas das nossas ações. (...) É na sua diretora que a Escola Normal Rural tem a sua força, a sede das suas energias. (...)

Após estes referimentos ao nome de Amália Xavier, fica-nos claro mais uma vez que um dos assuntos mais regulares neste periódico é o registro de seus feitos durante o tempo que ficou vinculada à Escola.

Após este tópico, trataremos sobre as atividades pedagógicas ruralistas, percebendo a forma com que essas práticas são determinantes ou não na formação das normalistas.

4.4.3. Atividades Pedagógicas Ruralistas

A atividade pedagógica direcionada para o meio rural é componente indispensável que integra fortemente o discurso da Escola Normal Rural, por visar proporcionar aos futuros professores uma conduta que entusiasme as novas gerações de agricultores. Neste sentido, o Regulamento da Escola em seu Capítulo 1 afirma:

d) Despertar, por meio do professor, nos futuros plantadores e criadores, e, ainda, nos atuais, a consciência do valor de sua classe que, organizada e liberta de toda influência dominadora estranha, deve colaborar, ao lado das demais classes, no engrandecimento e governo do país. (Anais da Semana Ruralista de Juazeiro, 1935:150)

Nesta orientação oficial dada aos alunos é notável o incentivo para que ocorra a conscientização dos lavradores de sua importância para o engrandecimento do Brasil. Mas como promover a libertação dos pequenos donos de terra que não muito diferente de todo o Ceará eram dominados pelo poder dos coronéis? Seria a Escola Normal o local adequado para fomentar essas mudanças econômicas? Se os

professorandos desse estabelecimento de ensino eram em grande parte pertencentes às famílias mais abastadas, era mesmo de interesse deles colaborar para o fortalecimento do lavrador? Essas perguntas nos fazem avançar para olhar o discurso ruralista além das idéias pré-estabelecidas pelos seus idealizadores e problematizar sobre outras compreensões sobre o assunto.

Para desenvolver a consciência agrícola exigida pela Escola era necessário colocar os alunos em contato com a realidade campesina. Para tanto, foram utilizadas campanhas com o objetivo de estimular as atividades agrícolas, como a Campanha da Pequena Horta, registrada no número 102 de abril de 1953.

A nós ruralistas, cabe o dever de difundir e propagar o valor das hortaliças; por esta razão é que surge na nossa Escola, a chamada “CAMPANHA DA PEQUENA HORTA” – (...) Este movimento ficou instado sob as seguintes normas: 1) Cada aluna terá que cuidar em casa, de uma horta em pequenas dimensões, cultivando nelas as verduras mais conhecidas em nosso meio e que sejam mais preferidas pela população. 2) Em determinada data, uma comissão especial, visitará as residências das alunas afim de observar o desenvolvimento das hortas, 3) Ficará sob a direção do Professor Elias Rodrigues a orientação, a fiscalização geral e o incentivo para o progresso desta campanha, que conte com o apoio integral de todas as alunas da Escola Normal Rural.

Impõe-se como um dever a difusão e propagação dos valores produzidos pela terra. Esta campanha também funciona como estratégia para aproximar escola e família, já que as pequenas hortas deviam ser cultivadas na casa dos alunos. Conforme foi abordado no capítulo sobre a cronologia da Escola, vimos que uma das disciplinas obrigatórias no Ensino Normal Rural eram as Práticas Rurais. Estas aulas freqüentemente registradas em relatórios eram habitualmente publicadas no jornal.

Na década de 1950, são quatro relatórios de aulas práticas bastante esclarecedores para a compreensão da dinâmica de funcionamento da Escola. O número 103 de 13 de junho de 1953, traz o texto de Aldemir Jerônimo de Almeida (seriação não identificada), narrando sua experiência. De acordo com a aluna, a aula acontece numa manhã chuvosa em companhia do Professor Elias Rodrigues que explicou os efeitos da erosão na terra, e demonstrou na prática como se realiza o combate aos insetos. Este momento de exercício do conhecimento ia além da prática, pois produzia reflexão para a formação das futuras mestras.

Terminada a aula, voltamos para a classe com o espírito alegre, por termos recebido conhecimentos que nos iluminarão na nossa vida futura. Como pioneiras que somos do Ruralismo Nacional, encontramos nas aulas do campo o manancial, para enriquecer a nossa inteligência, aprimorar o nosso caráter e formar a nossa personalidade de professora rural.

Segundo esse relato as aulas de campo assumiam a importância de formar a personalidade “ruralista” dos alunos. Contudo, até que ponto podemos questionar se esta personalidade não era forjada por não pertencerem as normalistas de fato aquele mundo rural? Ainda de forma detalhada o número 104 de 1 de maio de 1953, por meio do *Relatório do Clube Agrícola* ter maior noção de todas as atividades agrícolas realizadas em 1953. É descrito que no pomar foram plantadas várias árvores frutíferas, quais sejam: 15 laranjeiras enxertadas, 24 parreiras, 3 bananeiras, 4 coqueiros anões e 20 mamoeiros. Também na horta foram cultivados diversas culturas, como: 20 canteiros de alface, 12 canteiros de coentro, 26 canteiros de repolho, 10 canteiros de cenoura, 3 canteiros de ervilha, 90 pés de berinjela, 150 pés de pimentão, 214 pés de tomate, 104 pés de quiabo, 53 pés de taioba. E estas plantações geravam algum retorno financeiro, segundo foi informado: Receita Cr.\$ 4.830,00, Despesas Cr.\$ 3.971,00 e Saldo Cr.\$ 859,00.

De forma semelhante são os outros dois textos que apresentam o relato de alunos da primeira aula de *Atividades Rurais* por eles participadas. A estudante Ivone Silva do segundo ano secundário, é detalhista ao escrever sobre sua experiência no número 106 do dia 1 de maio de 1955.

(...) Fomos ao almoxarifado para trocarmos de roupa: vestimos as jardineiras, calçamos os tamancos e colocamos na cabeça o chapeuzinho de palha com o nosso nome gravado, em letras bem legíveis. Ali mesmo foi dividida a classe em duas turmas. A primeira se destinaria a tomar conta da pocilga e a segunda tomaria conta do asseio dos galinheiros. Executada a tarefa designada pela professora, iríamos buscar os aguadores para regar as pequeninas plantas, que trazem tantas riquezas aos nossos organismos. (...)

A troca de roupas para as atividades no campo caracterizavam os alunos de pequenos campesinos. As tarefas de tomar conta de pocilgas e limpar galinheiros não devia agradar a todos, por detalhes como a sujeira do espaço e o mau cheiro do local. Será que estes serviços faziam parte do dia-a-dia das moças de famílias abastadas?

No exemplar de número 107 de 25 de abril de 1956, o aluno José Humberto Mendonça do Ginásio da Escola Normal Rural, explicita: *Como é boa a vida do campestre. Desejo viver no campo para ser mais feliz e mais alegre.*

Com estes relatos percebemos que a Escola Normal Rural, buscava por meio da prática formar a consciência de seus alunos para reproduzirem o discurso ruralista. Uma indagação que nos fazemos com insistência após a leitura desses escritos é, se estas atividades desempenhadas pelas professorandas realmente conseguiam constituir as características próprias da personalidade campesina. A seguir destacaremos as festividades de aniversário da Escola e as datas comemorativas que marcaram a trajetória da Escola.

4.4.4. Festividade de Aniversário da Escola e Datas Comemorativas

Os momentos de solenidade por ocasião das datas importantes da Escola tornam-se mais do que espaços de festa por permitirem socializar as lutas, os ideais, as conquistas e tentar reunir todos em um mesmo em torno daquele acontecimento.

Duas datas constantes nestas festividades são o aniversário de fundação da Escola e do jornal *O Lavrador*. Podemos encontrar na seqüência a comemoração dos aniversários de dezenove, vinte, vinte dois e vinte quatro anos do jornal *O Lavrador* e vinte anos de fundação da Escola. Em geral, os aniversários de circulação dos jornais são representados por luta e sacrifícios para manter a o periódico. Já, os aniversários da Escola continuam com os discursos inflamados sobre a relevância do Ruralismo para a continuidade da existência da Escola.

Será a encampação da Escola o destaque década de 1950, por representar a vitória de uma luta antiga, pois desde a fundação desse estabelecimento de ensino esperava-se a contribuição do subsídio do Estado para promover as melhorias necessárias na estrutura física e nas condições profissionais. Este assunto é noticiado duas vezes no número jornal de 118 do dia 25 de abril de 1956. O discurso pronunciado pela diretora Amália Xavier de Oliveira na abertura da solenidade de encampação foi publicado na matéria de capa, demonstrando grande júbilo.

Meus senhores, vejo hoje realizado o maior sonho da minha vida de MESTRA, militando como professora em Juazeiro do Norte desde 1928. Cabelos brancos denunciando o ocaso da vida, organismo esgotado por 30 anos de MAGISTÉRIO, só uma coisa pedi a Deus que me concedesse: ver, a Escola Normal Rural de Juazeiro, entregue ao Governador do Estado para funcionar como estabelecimento oficial encampado pelo Estado, formando as professoras rurais que se dedicam ao magistério, preparando o homem no campo e para o campo.

Este sonho gestado por 22 anos ganha forma pela autoridade do Governador Dr. Paulo Sarasate. Neste discurso fica explícita a espera ansiosa pelo apoio governamental ao projeto ruralista que também segundo o discurso irá beneficiar os menos favorecidos financeiramente. O outro artigo sobre a encampação da Escola é da professora Tarcila Cruz de Alencar que exclama *A etapa mais difícil foi vencida, a fase de dúvida, de incertezas, de receio no futuro jazem no túmulo do passado.*

Outras datas de grande ênfase religiosas ocupam destaque com cinco registros nos jornais da década de 1950. Fica evidente que a religião vigente na Escola é católica, um dos pontos é o culto a Maria, Mãe de Jesus, demonstrado em coroações e orações no início e término do mês de maio. O jornal de número 4 de 1 de maio de 1955, expõe esta devoção: *Que grande alegria para nós iniciarmos este mês, tendo como pensamento único, louvar a nossa Mãe do Céu.(...) A vós nos entregamos hoje e para sempre.*

Igualmente as datas ligadas ao mundo rural eram celebradas, como a Semana da árvore que no exemplar 109 de 25 de novembro de 1956, nos indica o caráter teórico e prático desta comemoração:

(...) No dia 19 a professora Tarcila Cruz Alencar, com palavras eloqüentes e que calaram bem no interesse de cada um que a escutava, enalteceu a importância da árvore o Juazeiro. (...) No dia 21, com a cooperação da Prefeitura Municipal, as alunas da Escola Normal Rural fizeram o plantio de árvores nos jardins públicos de árvores nos jardins públicos da Avenida Dr. Floro Bartolomeu.

Segundo a citação os alunos participaram de palestras e atividades agrícolas como o plantio de árvores em via pública. O próximo assunto abordado será as indicações de conduta do professores ruralistas.

4.4.5. Conduta do Professor

As escolas de formação de professores são responsáveis em parte pela constituição do comportamento de seus futuros profissionais. Nesse aspecto a imprensa escolar, também funciona como parâmetro de orientação pedagógica (...) *essa imprensa como dispositivo de orientação – intelectual e moral – do magistério ou seja, de formação continua de professores.* (BASTOS,2002:151)

Cada professorando ao ingressar numa escola para iniciar sua formação, entra com conhecimento acumulado de sua história de vida que aos poucos vai sendo moldado pelas normas de sua instituição.

Mesmo reconhecendo que as Escolas Normais tenham se constituído como lócus específico de formação escolarizada de docentes, não devemos esquecer que os professores, ao ingressar na escola como profissionais, são alvos de processos de socialização que redimensionam o saber que eles receberam ao longo de sua escolarização nos cursos de formação de professores. (LOPES,2008:206)

Esse processo de socialização no caso da Escola Normal Rural passa de maneira determinante pelas experiências vinculadas ao campo. Os alunos precisavam ter o mínimo de adequação ao mundo agrícola para atenderem ao currículo proposto pela instituição.

As escolas normais em geral freqüentadas por “moças de família” ofereciam instruções de “bom” comportamento em sociedade, o objetivo era educar de forma que as mulheres fossem recatadas visando em parte um futuro casamento. O jornal *O Lavrador* de número 100, datado em 30 de abril de 1950 oferece noções de economia. O artigo intitulado *Era uma vez*, conta a história de uma moça muito bela que vivia com sua mãe já idosa, que administrava sua casa com os olhos voltados para o futuro. Para tanto, ela economizava e privava em parte sua filha de qualquer luxo ou desperdício. A jovem com sua beleza, logo conseguiu proposta de casamento. Ela imaginou poder ser sua vida diferente daquela constata economia. Depois de casada ela convidou seu marido para o cinema, porém seu esposo respondeu que segundo ele aprendeu com Padre Coutinho era necessário a estabelecer em seu lar a economia. E a história conclui-se assim: (...) *Iremos estabelecer em nossa vida a parcimônia, que constituirão a nossa independência econômica aprendi com o Pe. Coutinho que quem ganha Cr\$ 20,00 só pode gastar Cr\$15,00.*

Esta narrativa por mais simples que pareça, oferece para as normalistas a lição de que é necessário estar em permanente harmonia com o seu marido, submetendo-se a tudo que for melhor para seu lar.

Contudo, o jornal 103 de 13 de junho de 1953, por meio do artigo *A mulher no século XX*, da aluna Maria Juli Banhos do primeiro ano normal, expõe de forma crítica o direito da mulher de educar-se. A articulista traça a história da educação feminina, explanando que no século XIX a instrução era rudimentar e os homens não permitiam que a mulher se alfabetizar-se. O ensino era voltado para o cuidado com lar,

sua vida era regida por trabalhos domésticos e orações. Contudo, no século XX a educação feminina entra em profundas mudanças. Por fim, a autora defende a ascensão da mulher na sociedade.

A mulher do século XX – (...) Hoje em dia a mulher invadiu o campo reservado ao sexo masculino. E se assim faz é porque precisa ganhar a vida, modernamente, para manter-se a si própria ou ajudar o esposo na manutenção do lar. Sendo, isso, sem dúvida, a demonstração da situação duríssima por que atravessa o mundo atualmente. Baseada nos princípios religiosos, elas não teme as situações desesperadoras e saberá encontrar os caminhos da verdade, que são os caminhos da verdade, que são os caminhos do seu credo religiosos. Sem masculinizar-se. Sem despersonalizar-se. Sem ridicularizar-se.

No artigo acima, a mulher é estimulada a conquistar o seu espaço profissionalmente e de forma moderna ganhar seu dinheiro para ajudar a si mesma e no sustento do seu lar. Todavia, as normalistas são exortadas a não deixarem seus princípios religiosos, não masculinizar-se, não despersonalizar-se e não ridicularizar-se, apesar de todas as transformações ocorridas no mundo feminino.

Em consonância com este espírito de “independência” propagado pelo jornal *O Lavrador*, o número 119 de 31 de maio de 1958 anuncia em sua matéria de capa a reivindicação das professoras por melhores salários.

Os professores da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, não podem ficar com um ordenado ínfimo de Cr\$3.900,00 mensais, em face do aumento estupendo do CUSTO DE VIDA. Firmados num dispositivo legal, da Lei número 1.218, que diz: No caso da Escola ser integralmente mantida pelo Estado, a escolha do corpo docente será feita mediante concurso, e os vencimentos dos professores serão calculados na mesma base dos catedráticos da Escola Normal Pedro II (atualmente, Instituto de Educação), vão dirigir um memorial ao Governo do Estado pedindo equiparação dos seus vencimentos aos dos professores do Instituto de Educação. Este documento está sendo elaborado, devendo ser encaminhado à autoridade competente, nesses breves dias.

As professoras ruralistas demonstram ter conhecimento da lei e lutam por seus direitos. Elas estão conscientes de que é preciso haver a valorização da sua profissão e exigem do Governo o subsídio que lhes é de direito.

Em contrapartida, no jornal 105 de 13 de junho de 1954 existe também a vinculação contínua da imagem da profissão do professor, tida como vocação e doação gratuita. Nesta direção, a *Oração da Mestra*, ajuda a disseminar entre as normalistas esta idéia tão presente em todo o país.

“Oração da Mestra por Afrânio Peixoto – Senhor, pois que o quiseste, que o meu lar fosse a minha escola, que seja feita a tua vontade! Não é que não seja capaz de amá-la, é que sinto que ensinar é a maior das responsabilidades sobre a terra. É criar mais do que criar a carne, que é apenas alguns anos de sacrifício, pois que é criar a alma, para a vida inteira, de incompreensão ou de serenidade. Os pais lançam os filhos ao caminho; os mestres é que lhe ensinam esse caminho. E ele é a vida. Possa eu ensinar o bom caminho... Faze que toda manhã eu acorde de alma tranqüila e coração puro, para buscar minha escola e encontrar meus filhos, de quem a noite inteira foi privada. Que eu prepare nossa casa para recebê-los, como trouxe preparado, o ânimo para os acolher. Que na hora tumultuosa em que entram, como aves inquietas no ninho, vá meu sorriso o encontro deles e lhes diga, a todos, que os esperava. Um filho nunca é indiferente a dois braços maternos que se estendam para ele... Faze que eu não distinga entre eles, se a sorte se distinguiu pela beleza, pela saúde, pela cor, pelas vestes, pelas meninas; que em minha companhia, em nossa escola, nem o pobre seja envergonhado, nem o bem vestido já que jactancioso. Faze que eu derrame igual maternidade sobre eles, para que sejam irmãos ao menos na minha escola. Faze-me paciente e insinuante ao difícil de entendimento que eu saiba estimular e ajudar, ao tardo e desanimado; que minhas mãos sobre a cabecinha tenras sejam consolo e prêmio; que meus lábios sorrissem ambíguos, com meiguice perceptiva aos que mereceram louvor, ou com tristeza compreendida só dos mereceram censura. Faze que eu possa dizer as palavras que contam, as definitivas. Faze que inspire confiança a meus alunos e confie neles; para os tornar dignos de si, e mais próximos do ideal. Educação não é confiança? Educar é amar. Faze-me a justiça branda e sem vivacidade antes triste, para entristecer ao culpado, do que dura para revoltar ao insubmisso; faze que atinja a inteligência pelo coração e que toque esses coraçãozinhos as vezes teimosos, pelo teimoso amor que quer conquistar. Senhor, dá-me pois, que me fizeste mestra, que meu amor, o amor que dais a todas as criaturas, seja a minha para amá-la e honrá-la todos os minutos da minha vida e que meus sejam meus filhos, carne d minha'lma. Tanto ou mais que a carne da carne, pois que me fizeste também mãe de filhos de outros que eu possa fazer de minha escolar o ar igual, pacífico, decente, feliz, ativo, bom, que cada dia eles deixam com saudade, para volverem no outro com alegria. Faze, Senhor, que cada um deles, desses meninos e meninas que na vida vão conhecer outras mulheres – mãe, irmãs, parentas, esposa, relações, filhas – possam à lembrança das que foram dignas de amor, - juntar a de sua mestra que todo bem lhe quis, de quem foram o grande amor da sua vida, com amor da sua profissão. Amém!”

A profissão docente é nesta oração dimensionada para o aspecto da maternidade, portanto assim como a mãe deve fazer qualquer sacrifício em prol dos seus filhos, a mestra deve seguir a vontade que Deus lhe confiou.

De forma ainda mais direta o jornal *O Lavrador* de número 118 de 30 de março, argumenta sobre o dever moral profissional do professor, estimulando o desprendimento, abnegação, sacrifício e perseverança.

Moral Profissional do Professor – Quem tem a culpa? – Francisca Montilla (Professora de Pedagogia e Filosofia de Escolas de Magistério, Inspetora do Ensino Primário de Madrid e Colaboradora do Instituto São José de Calazans, de Pedagogia pertencente ao Conselho de Investigações Científicas de Madrid) – (...) Consagraste tua vida ao bem da infância. Tua vida já não te

pertence inteiramente como tão pouco totalmente, sua a vida do militar, do policial ou do médico. Se se produz alguma vez colisão de interesses, a reta compreensão do teu dever te impõe que sacrifiques os interesses pessoais nas asas dos alunos. Quem tem a culpa? Somente tu, que te fizeste professora em vez de abraçar outra profissão qualquer, menos exigente. Tua vida não te pertence senão naquela parte em que essa mesma vida deixa de ser necessária às crianças da tua escola. (...) Mas a tua profissão não se paga com dinheiro, nem com gratidão, nem com honrarias. Vale tanto que está muito acima de toda classe de recompensas. Não podes medir o que fazes em função da quantia alcançada pelo que te dão. Se te limitasses a produzir coisas materiais, como o ferreiro ou o ebanista ou qualquer artesão, bem caberia falar-se de uma recompensa material proporcionada. Entretanto, o teu caso, é muito diferente. Teu trabalho é puramente espiritual. Não pode ser médico nem avaliado. É claro que por eles recebe emolumentos, os quais no entanto, nada tem a ver com seus mérito. Tens que viver, e a vida se compra com dinheiro? Mas deves levar em conta que ao te fazeres professora prometeste dar o melhor de si mesma para levar a diante a educação dos teus alunos. Por esse motivo tudo quanto a mesquinha a tua obra, ou a empequenença ou a atrase, tudo isso pesa na tua consciência. Se pelo bem de teus alunos te vês forçada a fazer sacrifício, renúncias, trabalhos, esforços superiores, e não as fazes, faltas, simplesmente ao teu dever. Porque escolheste uma profissão que implica necessariamente desprendimento, abnegação, sacrifício, perseverança, a tudo isto quando chega a ocasião, equivale a desertar com deserção culpável e afrontosa. Ou bem deixas de ser professora, ou bem continuando a sê-lo, não mais remédio, senão viver disposta a renunciar muitas vezes aos gozos legítimos, a propor desejos atendíveis, para estimar acima de tudo o bem de teus alunos sem regatear nenhum trabalho que convenha a esse bem.(...)

O texto tem palavras árduas, chegando até mesmo a questionar sobre a quem pertence a culpa pela escolha profissional do professor. E a conclusão é simplista ao assegurar que se o mestre escolheu lecionar ao invés de abraçar outra profissão qualquer, menos exigente, ele precisa ter consciência das conseqüências que isto acarreta para sua vida.

A investigação sobre a próxima década do jornal *O Lavrador* apresentará a redução ainda maior na quantidade de jornais o que de certa forma anuncia o declínio do ensino normal rural.

4.5. Década de 1960: declínio da era ruralista

Nesta década temos dois periódicos com os números 124 e 127. Como explicar esta redução no número de jornais publicados nesta década? Como foi elucidado no início deste capítulo, consideramos as hipóteses dos números não estarem colecionados ou não terem sido publicados por questões financeiras. Iremos a seguir

através do estudo dos dois exemplares deste período acompanhar o enfraquecimento de sua publicação.

A década de 1960 apresenta em seu número 124 datado em 13 de maio de 1965, tendo como manchete a excursão no *Campo de Experimentação Agrícola*, realizada no dia 30 de abril em uma instituição da ICASA, em associação com a SUDENE e com o Ministério de Agricultura. O relato é empolgado: *Esta excursão, tão proveitosa para nós, que amanhã estaremos fazendo as vezes daqueles agrônomos, ficará entre as mais belas páginas, que nos informaram neste sentido.* As viagens, assim como nas primeiras décadas de funcionamento da Escola eram empregadas como recurso pedagógico, sendo todas direcionadas com objetivos com a devida supervisão dos professores responsáveis pela atividade.

Ainda, com o mesmo fervor ruralista é ressaltada a formatura das professorandas de 1964 no Auditório da Escola, elevando ao número de professoras formadas para 601. O jornal escolar exalta este evento *Ao registrar este acontecimento, “O Lavrador” presta culto as neo-professoras e lhes deseja as melhores conquistas, árdua missão educar o homem do campo.* Em mais um sinal de apoio a turma composta de vinte três concludentes tem seus nomes estampados na capa em forma de homenagem.

Neste sentido de homenagear, surge outra ocasião, o trigésimo aniversário do Jornal *O Lavrador*, para tanto foi solicitado pela redatora-chefe um artigo que foi escrito por sua irmã Marieta da Cruz Alencar. No texto da autora que é ex-aluna e ex-professora da Escola ela apresenta a visão de sua vivência por meio do olhar sobre as ações de Amália Xavier de Oliveira.

(...) Desprezando o conforto das grandes cidades, foi enfrentar a incompreensão de um ambiente ainda hostil, em grande parte, ao progresso, às inovações, ao desenvolvimento cultural. Não a amedrontou as censuras de muitos, o pessimismo de inúmeros, e a indiferença de grande maioria. Insensível às críticas destrutivas, levou avante o programa que ela mesma se traçou, de levantar o nível cultural de Juazeiro do Norte. (...) Entregue a nova tarefa de educadora do homem do campo, para o campo, criou, por força da necessidade, o Internato Santa Teresinha, mais tarde, transformado em Ginásio e hoje, Ginásio Mons. Macêdo. Anexo fez funcionar um Curso Doméstico, formando “donas de casa”, moças aptas à difícil missão de esposas e mães. Injunções políticas, afastaram-na da direção da Normal Rural...

Neste trecho, Amália é considerada heroína, como mártir que abdica sua vida estável em prol do funcionamento da Escola. Por mais que não haja regularidade

dos temas no jornal, é indiscutível a influência da presença do nome Amália Xavier, seja por textos sobre a sua vida pessoal e profissional, a morte de seus parentes, seu aniversário, suas palestras, suas viagens.

Confirmando esta influência é comemorado outra vez o aniversário de Amália Xavier no dia 5 de abril (...) *A aniversariante é o que de mais perfeito existe, em se tratando de amabilidade, sentimento e nobreza d'alma, de reconhecimento pela luta incansável em que vive.*

As datas comemorativas, como de costume são regulares, como o dia das mães, sendo expressa grande reverência pelas palavras de Lêda Pinheiro *Venero-te, ó mãe! És meu sangue, minha felicidade, minha ilusão e finalmente meu tudo!*

Outra data instigante é a solenidade em honra ao dia da Revolução de 31 de março, reconhecido ali como um grande momento político para o Brasil.

Este foi um grande dia, uma data máxima para nossa Escola, para nossa Pátria! Ficou gravado não só em nosso calendário escolar, mas no coração de cada brasileiro, pois assinalou o primeiro aniversário da REVOLUÇÃO DE 31 DE MARÇO. (...) Iniciando as comemorações, foram inaugurados na mencionada praça, os mastros naturais em três belíssimas palmeiras lá existentes, onde foram hasteadas as bandeiras: brasileira (no centro), do Ceará (à direita) e da Escola (à esquerda).

A “revolução” que objetivava depor o Governo João Goulart, teve como características próprias o conservadorismo, o crescimento econômico, a aversão ao comunismo, a perseguição aos seus opositores e a permanência dos militares no poder. Como é sabido, este período no país marca o começo de uma era difícil e repressora para aqueles que vão de encontro às idéias dos governantes militares. Percebemos através da citação que a interpretação dada à revolução pela Escola é de grande brilhantismo e glória, um dia ovacionado e registrado com grande louvor.

Seguimos com o registro do *Relatório das Sessões e Empreendimentos* realizados pelo Clube Agrícola Alberto Torres, n. 46, durante o ano de 1964, quais sejam: a comemoração do dia da abolição da escravatura, do dia da árvore com a plantação de mudas e relatório de excursões.

Em relação ao jornal *O Lavrador*, o relatório destaca a grande alegria pela vitória em conseguir colocar em circulação mais um número.

Tivemos também durante este ano, a incomensurável satisfação de ver surgir mais um número de O LAVRADOR, a tantos anos adormecido; jornal este que se constituiu porta-voz, não somente da nossa Normal Rural, como também do nosso Juazeiro. Vários números foram enviados a pessoas de

determinada importância, tanto da nossa cidade, como de Fortaleza. Os destinatários foram: Dr. Plácido Castelo, Capitão Humberto Bezerra – Prefeito de Juazeiro, Antonio Fernandes Coimbra, Nair Figueiredo Rocha, Dr. Joaquim Moreira de Sousa.

O jornal escolar enaltecido como porta-voz não só da Escola Normal Rural, mas também do município de Juazeiro do Norte é enviado para pessoas ilustres e fizeram parte da trajetória da Escola. A expressão *a tantos anos adormecido*, evidencia a resposta ao questionamento no início deste tópico sobre a redução do número de periódicos na década de 1960, pois é notável a interrupção da publicação dos jornais. Podemos considerar como outra evidência o fato do jornal 124 mesmo sendo do ano de 1965 conter informações de 1964, podendo indicar que este não conseguiu publicar jornais.

Veremos que o exemplar de número 127 do dia 24 de maio de 1967 apresenta como matéria de capa um texto produzido pelas alunas do segundo Ano Normal Rural que traz a exaltação do homem do campo e protesta contras as condições de vida deste trabalhador.

O Homem do campo – “A frente do sacerdote se verga para o cálix consagrado. A do Lavrador para a terra.” Lavrador ou homem do campo é aquele que se dedica de corpo e alma ao cultivo da terra (agricultura, extrativismo vegetal e a pecuária). O progresso de um país, sua unidade territorial, econômica e social dependem do camponês. E o campo, como fator essencial na formação de riqueza, merece maior dedicação por parte dos órgãos governamentais - principais responsáveis pelo bem-estar da coletividade. O agricultor com inúmeros esforços, procura obter da gleba os elementos necessários à vida. É lamentável não haver cooperação recíproca entre o lavrador e o governo. O homem do campo, nem sempre tem assistência médica, e financiamentos para melhor desenvolvimento das suas lavouras. Por estes fatores, surgiu a Reforma Agrária com o objetivo de melhorar as condições de vida do agricultor. Públio Catão disse e nós reafirmamos: “O maior louvor que se pode fazer ao homem é apresentá-lo como bom agricultor. É da classe agrícola que sai os homens mais fortes e os melhores soldados.” – Juazeiro do Norte, 12 de Abril de 1967

A autora revela em suas palavras a relevância do trabalho do lavrador e os frutos benéficos que atingem todo o país. Permanece ainda o descontentamento entre as necessidades do homem do campo e as ações governamentais, que carece de assistência médica e o auxílio financeiro para o desenvolvimento de suas plantações. Faz-se também referência à Reforma Agrária como fonte de melhoria do agricultor. Entretanto não é detalhado que tipo de reforma está surgindo. Será que existia interesse por parte dos grandes latifundiários de promover algum tipo de divisão igualitária com os

lavradores? O pensamento expresso pela aluna neste artigo reflete o das demais? Na década de 1960, estaria mudando o perfil de origem familiar alunas da Escola?

A página 2 inicia com o texto da aluna Risalva Barbosa de Matos do terceiro ano normal em homenagem a mais um aniversário de Amália Xavier. A articulista não resguarda elogios a sua mestra afirmando ainda que *Uma das qualidades primordiais da nossa estimada “Diretora” é considerar os seus educandos, como filhos espirituais, procurando encaminhá-los para um futuro promissor.*

Após a este artigo surge escrito em um pequeno quadro a seguinte mensagem: *Unidos, poderemos melhorar as condições de habitação dos nossos irmão trabalhadores.* Este tipo de assunto de cunho social não é comum no jornal, pois no geral vê-se o discurso ruralista desvinculado das questões relativas às camadas sociais menos abastadas. Trata-se de algo novo, que nos aguça a curiosidade acerca do tipo de mudança estava a soprar na mentalidade do alunado.

Em seguida, são divulgados os números relacionados ao início das aulas no ano letivo de 1967. Podemos destacar as seguintes informações: 1) Matrículas de alunos nos turnos matutino, vespertino e noturno – Resumo: Curso Normal Rural : 194, Curso Colegial: 164 e Curso Ginásial: 606, com o total de 1.814 matriculados; 2) Corpo Docente em exercício: Curso Normal Rural: 17, Curso Colegial: 9, Curso Ginásial: 29, Curso Primário: 24, totalizando 79 professores; e 3) Corpo de funcionários: Diretora: 1, Vice-diretora: 3, Secretárias: 3, Aux. Administração: 2, Coordenadoras: 3, Orientador Educacional e Pedagógico: 2, Inspetoras de alunos: 11, Inspetor Campo Agrícola: 3, Servente e zelador: 8, Vigias: 3, Datilógrafo: 1, Ajudante para portaria: 1, Dentista: 1, Médico: 1, com a soma de 22 funcionários.

Com a explanação destes números podemos ter mais claro a dinâmica de funcionamento da Escola por meio da relação de todos os seus personagens. Através desses números percebemos que, apesar da Escola estar entrando nos seus últimos anos de funcionamento, ainda existe uma quantidade considerável de matrículas e funcionários, mostrando o espaço que a Escola ocupava na sociedade juazeirense.

No decorrer do jornal em mais um *Relatório das Atividades do Ano de do Clube Agrícola* de 1966, é apresentada a participação na *Semana Ruralista*, incluindo vários movimentos como excursões, explicações práticas e teóricas, palestras e exposições. Também é descrito no restante do texto as datas comemorativas sempre tão relevantes para a dinâmica de funcionamento da Escola. Também, no transcorrer

do relatório nos indica que realmente a quantidade de exemplares na década de 1960 foi reduzida *A respeito do jornalzinho O Lavrador, infelizmente só saiu um número.*

O último artigo mostra a expressividade do título do jornal escolar *O Lavrador*. Escrito pelo aluno Antonio Edênio Araújo pertencente ao segundo ano colegial enfatiza *Outro título não seria mais digno e expressivo do que o adotado pela direção deste jornal. (...) Este título traduz uma espécie de gratidão e reconhecimento ao laborioso homem do campo “O LAVRADOR”*

Em linhas gerais, a publicação das suas edições nos anos de 1964 e 1967, traduz o declínio na publicação do jornal nesta última década da Escola. Notamos pelo reduzido número de periódicos a falta de apoio de caráter financeiro que desde os primeiros anos de funcionamento dificultaram sua circulação regular.

A seguir, discorreremos sobre os jornais publicados em 1970, por meio de suas características peculiares, de uma Escola que enfrentou inúmeras mudanças e reformas, incluindo a adaptação das professoras para a nova “Era Pedagógica”.

4.6. Década de 1970: extingue-se o Ensino Normal Rural Juazeirense

A década de 1970 marca o fim de uma era, a “Era Normal Rural”. Sabemos que este declínio não pertence somente a essa década, pois esta fase foi sendo delineada em momentos anteriores em que o modelo ruralista aos poucos ia sendo substituído pelo normal pedagógico.

Alguns estudiosos que escrevem sobre a trajetória da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, destacam a força da “lei” como um dos indicativos para o final da fase ruralista. O historiador José Boaventura de Souza relata em seu livro *Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: uma experiência pioneira* sobre a passagem dos sessenta anos da Escola, explana sobre este acontecimento de teor legislativo.

A lei n. 5.692/ 71 sem respeitar particularidades, mesmo dentro do seu espírito, passou como avalanche por cima de tudo. Esta lei visava à realização individual, a profissionalização e a cidadania dos jovens. Esta finalidade já se concretizava pela Escola Normal Rural. Mesmo assim, por causa da letra da lei, ela acabou com a escola transformando-a em Normal Pedagógico. (SOUZA,1994:70)

Está presente nesta citação a expressão de insatisfação as mudanças realizadas. A metáfora da “avalanche” consegue revelar a proporção e a intensidade deste fato para o modelo educacional vigente.

O livro de registro de Amália Xavier de Oliveira, no dia oito de março de 1972, traz a convocação dos professores para a adaptação de um novo momento em suas carreiras profissionais.

Início do “Curso Pedagógico Comum”, começando com o primeiro ano normal. O professorado é convocado para assistir a Aula Inaugural, que será proferida pelo Mons. Montenegro, Diretor do Colégio Diocesano do Crato. Ficou iniciado o Curso Normal Pedagógico, atendendo a Reforma do Ensino, que extinguiu o Curso Normal Rural, na Escola Oficial do Estado, curso que foi a **razão de ser** do Estabelecimento. (OLIVEIRA,1984:386) (Grifo nosso)

A autora destaca que foi excluída da Escola a sua essência, sua particularidade e o seu vigor ruralista. Atender a esta Reforma de Ensino implicou em diversas alterações até mesmo no nome dessa instituição formadora de professores em agosto de 1972.

O Diário Oficial do Estado publica o Decreto 9. 904, de 7 de agosto de 1972, pelo qual a Escola Normal Rural e o Colégio Estadual passam a denominarem-se Centro Educacional Prof. Moreira de Sousa. Este ato do Governo teve vigência a partir de 28 de abril de 1972. (OLIVEIRA,1984:391)

A nova denominação *Centro Educacional Moreira de Sousa* faz alusão a um dos idealizadores do ruralismo pedagógico Joaquim Moreira de Sousa. Na bibliografia em se apóia esta pesquisa e particularmente no jornal *O Lavrador*, é presente o discurso que defende e justifica as ações deste homem, sempre aclamado como herói.

No decorrer dessas mudanças, na década de 1970 temos três periódicos com os números 134, 137 e 140. Nestes jornais é perceptível o processo de enfraquecimento dos princípios do ensino normal rural, diferentemente as décadas anteriores não há mais os característicos e numerosos registros das excursões, dos relatórios de atividades nos campos de experimentação rural, das diretrizes de formação dos professores ruralistas, das palestras inflamadas em prol do Ruralismo e a exaltação apologética dos personagens pertencentes à trajetória da Escola.

O número 134 de 28 de outubro de 1970, inicia apresentando o artigo da aluna Maria Soledade Félix Lima, do segundo ano normal rural, que convoca toda a juventude fazendo alusão ao dia 11 de agosto, o dia do estudante.

Mensagem aos Estudantes – Vivemos a era da tecnologia, das comunicações das grandes descobertas, da superioridade da máquina e em que, a educação é a principal meta dos grandes líderes. (...) 11 de agosto – Dia do Estudante. Aqui vai a mensagem de uma estudante confiante em si, em seus colegas, enfim nessa juventude de mentalidade sadia que estuda em prol de si, do seu semelhante e da sua pátria. Que estuda com amor em busca da verdade, do caminho para a vida em linhas cristãs. Precisamos dar aos jovens estudantes a valorização e o apoio necessário.

Percebemos que esta mensagem para a juventude estudantil está em conformidade com as mudanças tecnológicas que regem os novos tempos. O estudante é chamado a estar ciente dessas modificações, confiarem cada vez mais em seu potencial e sem esquecer-se de seguir os preceitos cristãos.

Esta matéria é ainda reforçada pelo escrito da discente Adalgisa Canuto de Souza do primeiro ano normal rural que em seu artigo intitulado *O poder do jovem* afirma que o desafiante mundo juvenil, deve ser abraçado com amor e dedicação sendo decisivo para o progresso do processo sócio-econômico do país.

Outro ponto em destaque neste mês de outubro é a comemoração do dia do professor. Esta data é pauta para o jornal desde as suas primeiras publicações. O texto da normalista Maria Lirida Callou de Araújo, do terceiro ano, nos proporciona conhecer em parte a imagem em relação ao mestre na década de 1970.

(...)Necessário se fazia dedicássemos uma data ao mestre, na qual rendêssemos as mais justas homenagens, os mais reconhecidos agradecimentos a quem na história dos povos professa nobilitantes missões. (...) E numa sequência comunicativa, a missão do mestre é formar novos mestres, nós que atravessamos a fase de adestramento imbuímo-nos do dever sagrado de nesta data manifestarmos as nossas homenagens. (...) Ao mestre, ao guia, ao orientador que atea a chama da inteligência em demanda da luz do saber, todo nosso apreço, todo nosso carinho, todo nosso respeito, todo nosso afeto e reconhecimento.

O enaltecimento do professor é forte e deixa marcas de admiração e devoção a esta missão merecedora de inúmeras palavras de reconhecimento. Enfatiza-se também em específico a função do mestre enquanto formador de novos docentes, que deve levar em consideração a fidelidade com a vocação recebida como dever sagrado.

E a vida destes professores era repleta de ensinamento de grandes educadores, não muito diferente do restante do Estado e do país é exaltada a figura de Lourenço Filho. O trabalho enviado como contribuição a Semana de Estudo Pedagógicos em 13 de outubro de 1970, com o título *Lourenço Filho - Pioneiro da Escola Nova*, neste escrito é reforçada a imagem de grande reformador educacional e precursor do pensamento pedagógico da Escola Nova. Ressaltamos que esta

“interpretação viciada” sobre o papel exclusivo e proeminente daquele educador na Reforma de 1922, tornou-se objeto de estudo de Cavalcante(2000) que analisou a influência de João Hippolyto de Azevedo e Sá e outros intelectuais cearenses na defesa da Escola Nova no Ceará.

Em sua última página aparece o registro de várias datas comemorativas *O Lavrador é notícia*, tais como: 19 de abril – dia do índio, 28 de maio – dia do corpo de Deus, 9 a 14 de junho Semana Pedagógica de Anchieta, 11 de agosto – dia do estudante, 22 de agosto – dia do folclore, 25 de agosto – dia do soldado, 7 de setembro – dia da pátria, além da passagem do trigésimo sexto do aniversário do jornal *O Lavrador* no dia 13 de junho. É notável que algumas data comemorativas antes muito lembradas em artigos, agora nem sequer são citadas como dia 21 de setembro, o dia da árvore.

Entretanto, em conformidade com as outras décadas de publicação dos jornais, o número 137 em 13 de junho de 197, traz em sua manchete *Meu cartão de Parabéns* em alusão aos trinta e sete anos de funcionamento da Escola. O professor Elias Rodrigues Sobral escreve em seu artigo a relevância da história do professorado ruralista, junto com a foto de Amália Xavier que é exaltada com a seguinte legenda *Professora Amália Xavier de Oliveira - Mola Mestra da Escola Normal Rural*.

(...)Este desenvolvimento extraordinário de que a ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE foi detentora, deve-se unicamente à sua atual diretora PROFESSORA AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA. Ao pronunciar o seu nome com toda reverência que os seus méritos exigem, sentimos o calor das suas virtudes cívicas e o valor extraordinário da sua alma eleita para elevados fins. (...)No entanto, no meio de tantas glórias de tantas venturas, cabe-nos reconhecer que tudo isto, foi obra da grande artífice do bem, daquela que ainda hoje, se encontra à frente dos destinos deste grande barco, a educadora AMÁLIA XAVIER DE OLIVEIRA, a quem neste dia, transmito, de público, o meu muito obrigado, pelo muito que ela fez está fazendo, por um Juazeiro civilizado, culto e próspero.

Amália Xavier é reverenciada pela sua atuação à frente da Escola, e neste escrito nenhum outro nome é mencionado. Será mesmo que todos os méritos são unicamente de Amália? Porque não lembrar os sócios colaboradores na fundação da Escola, os professores que dedicaram suas vidas em anos de trabalho e o corpo administrativo que auxiliou Amália em inúmeras tarefas? Esse questionamento é pertinente a medida que este trabalho, longe de visar o reforço a esse “endeusamento” dos personagens ditos como centrais na vida Escola, trata de constatar a sua existência

como fenômeno político e indagar sobre outros protagonismos mais ocultos que colaboraram com a Escola e o Jornal aqui estudados.

Conforme foi explanado no início deste capítulo, será no número 137 implementada a inovação da criação de uma campanha para assinantes do jornal com o intuito de ajudar na manutenção financeira do periódico.

Outra preocupação crescente que ganha força nas páginas do jornal é a necessária interação entre família e escola. Quem leva a frente este discurso é a *Associação de Pais e Mestres* ao afirmar (...) *A Escola para atualizar-se e acompanhar a evolução do tempo precisa (...) sobretudo ao relacionamento Escola-Casa. Para que isto se torne possível, é necessário que a Escola mantenha estreito contato com os pais dos alunos.* Este ideal é relatado também na matéria *Relações família-escola* que dissemina a harmonização dos objetivos da família e a escola, de proporcionar ao aluno um ambiente propício para sua educação.

Igualmente consideradas como favoráveis para a instrução do corpo discente eram as práticas agrícolas. Nesta última década de circulação do jornal apenas uma matéria contempla essas atividades, como escreve a normalista Adalgisa Canuto.

Aula Dinâmica – Dentre outras atividades realizadas pela Escola Normal, o nosso professor de Técnicas Agrícolas achou por bem, dar-nos uma aula dinâmica. (...) O lugar escolhido o Campo de Semente em Barbalha. (...) Tivemos a oportunidade de conhecer o arado que prepara o solo, o arado que quebra os torrões e aplanar, o riscador que faz os sulcos e a semeadeira que distribui as sementes.

Os temas que antes ocupavam diversas colunas do jornal, agora são reduzidas. Isto, torna-se coerente neste momento que antecede a extinção da Escola Normal Rural.

A realização da aula de campo em outro município, torna propícia a indagação de nosso entrevistado Pedro Ferreira Barros, ao ser questionado sobre o porquê da Escola Normal Rural ter sido fundada em Juazeiro: *eu acho uma coisa meio paradoxal porque Juazeiro é o município cearense que tem menor região rural. Quer dizer, o Crato tem uma imensidão de território rural.* Sabemos que muitas influências políticas foram responsáveis pela escolha de Juazeiro que contou com a colaboração de alguns de seus cidadãos para angariar dinheiro para as primeiras instalações da Escola.

A página 3 do periódico traz matéria sobre a comemoração do Dia das Mães e a importância da educação física. A aluna Valba Gondim em seu artigo assegura: *a Educação Física se destina ao fornecer ao Homem, harmonia de formas, domínio*

corporal, atitude dinâmica, elasticidade muscular, equilíbrio funcional, trabalho de equipe (...)

Também no jornal escolar em estudo é valorizada a História do Ceará e do Brasil que é rememorada por meio de uma de suas personagens marcantes, Antonia Alves Feitosa. A coluna escrita pela aluna Lucélia Alencar Nunes é chamada *Uma heroína esquecida* e relata a vida da jovem Jovita Feitosa, que aventurou-se na Guerra do Paraguai para defender sua pátria. Outro ponto abordado é a *A História do Hino Nacional*, seguida das palavras do Presidente Brasileiro Médici que enaltecem os feitos econômicos e educacionais realizados em Governo.

(...) Sintomas da expansão de nossa economia – são o desenvolvimento do mercado de capitais, o surto da petroquímica e as providências tomadas pelo seu governo para elevar o parque siderúrgico nacional a uma produção de 20 milhões de toneladas em 1980, o que representará um incremento de 12% ao ano, dobrando, já em 1971, a produção das três maiores usinas siderúrgicas do país. (...) Nunca em nossa historia se investiu em educação e tanto avanço se fez, em dignificação de professores, em construção de escolas, em mudanças de ciclos e programas e em absorção de novas tecnologias educacionais. Foi instituído o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) que conseguiu alfabetizar 500 mil brasileiros, de 14 a 35 anos, inicialmente nas áreas urbanas e apenas em 6 meses da trabalho. (...)

Através das palavras de Médici no jornal é notória a apologia que o mesmo faz em relação ao seu Governo. Afinal com que intuito foram transcritas as palavras do Presidente Médici apontando seus principais “feitos”? A que interessava enaltecer esta figura política?

Vale ressaltar, que Médici foi presidente no período de 30 de outubro de 1969 a 15 de março de 1974, momento conhecido no Brasil como o mais duro do Regime Militar de características repressivas e violentas, contra qualquer um que fosse contra o regime militar, inclusive com a implantação do DOI-Codi responsável pela investigação de pessoas envolvidas em movimentos suspeitos. Será que a Escola Normal Rural uma visão crítica deste período histórico? Era possível viver aquele momento e ter consciência do que realmente acontecia no país? Será que existiu na Escola entre professores e alunos alguma forma de reivindicação e repúdio à censura existente? Se compreendemos *O Lavrador* como meio difusor da formação de professores, estas perguntas nos ajudam a conhecer um pouco da compreensão política comungada pelos personagens da Escola.

O último exemplar que temos para esta pesquisa é o número 140 do dia 26 de setembro de 1974. Em cinco páginas o periódico apresenta como manchete: *Realiza-se*

em *Juazeiro III Encontro Pedagógico de Professores*. Este Encontro objetivava debater a problemática educacional, contando com a presença de ilustres convidados e tendo como palestrante de encerramento Amália Xavier de Oliveira, demonstrando assim seu prestígio ainda em vigor.

De forma saudosista Zuila Belém de Figueiredo segue narrando a história da Escola Normal Rural, agora com quarenta anos de fundação. Como desabafo, a autora escreve *Um exemplo de Escola (...)Ganhou novo nome e nova roupagem mas continua em meu coração, tal como a vi, quando me acolheu quarenta anos atrás*.

A página 2 traz explanação sobre Juazeiro do Norte, resultado da disciplina de estatística do segundo colegial – vespertino do Centro Educacional Moreira de Sousa, apresentando seus aspectos físicos, quais sejam: população, aspectos econômicos, culturais, urbanos, assistência médica, orçamento municipal da cidade para 1974 e representação política.

É curioso que as duas páginas seguintes tragam em mínimos detalhes o *Curriculum Vitae de Amália Xavier de Oliveira*. Mesmo agora enquanto Centro Educacional Moreira de Sousa existe “reconhecimento” da trajetória profissional desta mulher conceituada. É como se a lembrança de sua importância fosse ressaltada e repassada para os novos membros da instituição.

Este periódico traz onze propagandas que “disputam” espaço com as poucas matérias redigidas. Possivelmente este fato seja indicativo de dificuldades financeiras para a circulação deste jornal que precisa acrescentar o nome de tantos colaboradores.

Assim, é encerrada a era do jornal escolar *O Lavrador* em uma edição de pequeno formato. Agora, como Centro Educacional Joaquim Moreira de Sousa não existe espaço para assuntos de cunho ruralista. Para quem fez a leitura desde o primeiro exemplar, o número 140 torna-se estranho por não conter as ideias fervorosas que iluminaram a formação de suas professoras.

Portanto, o estudo desse jornal é elucidativo ao proporcionar uma visão geral Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, desde o auge do Ruralismo Pedagógico nas décadas de 1930 e 1940 até o seu declínio a partir de 1950. A formação dos professores ruralistas perpassa em suas páginas através das atividades pedagógicas realizadas, as palestras, os eventos políticos e econômicos, o pensamento pedagógico e sem esquecer a presença de sua gestora Amália Xavier de Oliveira.

5. Considerações Finais

O exercício que me propus a realizar nesta pesquisa foi envolvente e rico de significados para minha caminhada acadêmica e pessoal. Compreender o “fazer pedagógico” em suas múltiplas manifestações representa a entrada num mundo de muitas possibilidades de aprendizado e aproximação da história da constituição de minha formação inicial. Nesta direção, temos a ligação destes dois campos História e Educação: ...Assim, “educar” e “historiar se assemelham bastante, por serem ambas ações orientadas e condicionadas pela linguagem e pelo diálogo entre diferentes temporalidades. (CAVALCANTE, 2007:53)

O estudo da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte tendo como documentos norteadores o jornal escolar *O Lavrador* no período de análise que retoma toda a sua trajetória de funcionamento (1934-1974), possibilitou mergulhar numa pesquisa diferenciada com o auxílio da imprensa escolar. Assim, começa a mudar o quadro de muitos estudos que vêm na imprensa apenas um recurso complementar, pois este objeto de estudo tem contribuído de sobremaneira para novos estudos ligados ao campo educacional. (CARVALHO, ARAÚJO, NETO, 2002:72).

Isto nos permitiu o contato com evidências e silêncios que instigam e impulsionam a delinear um novo olhar interpretativo sobre o percurso da Escola em estudo, ressaltando as especificidades da educação cearense.

A finalidade desta investigação foi conduzida de forma que ocorresse a análise deste periódico na perspectiva da formação de professores. Tornou-se perceptível em muitos momentos o jornal escolar agindo de forma decisiva para a constituição do perfil do professor ruralista.

Dessa forma constitui-se num significativo dispositivo de educação continuada do professor, de orientação e direção – intelectual e moral – e de conformação de suas práticas sociais e escolares, construindo um perfil do sujeito educador e/ou do professor ideal/idealizado pela sociedade. (BASTOS,2002,156)

A orientação para o corpo docente e discente observada no jornal passa pelo campo religioso com a exaltação do catolicismo, pela formação moral e cívica aliadas às instruções sobre a educação doméstica e pelo pensamento pedagógico com a disseminação dos princípios da Escola Nova.

No andamento desta pesquisa, procuramos nos distanciar da bibliografia sobre a Escola que destaca a visão “deslumbrada” dos que viveram o sonho e a realização do ruralismo, tais como: Amália Xavier de Oliveira, Plácido Aderaldo Castelo e Joaquim Moreira de Sousa. Por mais, que tenhamos utilizados seus escritos tentou-se o exercício de ir além dos seus discursos e procurar problematizar, indagar e questionar sua o teor “romântico” sobre o tema.

Nesta dissertação cujo objetivo foi compreender a função do Jornal *O Lavrador* como meio difusor da formação do professor ruralista de Juazeiro do Norte no período de 1934 a 1974, muitos foram os procedimentos adotados e percalços encontrados.

Traçar a cronologia comentada da Escola, possibilitou-nos uma reflexão de sua trajetória, apoiando-nos nesta forma de registro relevante para o entendimento de muitos temas. Foi visível na década de 1930 o grande auge desse estabelecimento de ensino com o forte apelo à fixação do homem no campo, sendo a educação a forma de persuadir a sociedade. A década de 1940 permanece com continuidades no teor do pensamento ruralista. Nas décadas de 1950, 1960 e 1970 inicia-se o declínio da era ruralista culminado com o seu fechamento e poucas justificativas.

O momento de compreender as bases pedagógicas da Escola, enfocando o pensamento ruralista e o apoio das diretrizes da Escola Nova foi importante por nos orientar sobre a formação dos professores ruralistas. A partir deste tópico foi possível perceber a intrínseca ligação da proposta de formação da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte do ruralismo e as práticas da Escola Nova.

O movimento da análise das mudanças e continuidades na proposta de formação de professores através do estudo das 113 edições publicadas foi o cerne deste trabalho. Após apreender os elementos principais da estrutura do jornal *O Lavrador* percebemos de modo constante a necessidade da disseminação do Ruralismo Pedagógico, como se esse ideal fosse alicerce para a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte.

As cinco décadas estudadas e pelas quais o jornal atravessou, permitiram delimitar diferenças e podemos considerar as seguintes características: 1) 1930 – marca o início da fase áurea da Escola evidenciando o prestígio e a notoriedade que o Ruralismo Pedagógico ocupava na educação cearense; 2) 1940 – a continuidade da década anterior com intensas atividades; 3) 1950 – é marcado pela publicação de palestras sobre o Ruralismo e a comemoração do aniversário de Dona Amália; 4) 1960 –

o início do declínio da publicação dos jornais; e 5) 1970 – o fim da Escola é marcado pela ausência do fervor ruralista que iluminou a Escola durante todo o seu funcionamento.

A trajetória de circulação do jornal *O Lavrador* é assinalada por intensas dificuldades no que se refere ao custeamento do periódico. Vale ressaltar, que a palavra *luta* que sempre aparece vinculada a comemoração do aniversário do periódico demonstrando as dificuldades travadas de cunho econômico.

Alguns pontos levantados neste trabalho que merecem aprofundamento são: quais as possibilidades de analisar as fontes orais e iconográficas para o confronto de idéias com as fontes escritas, podendo ampliá-las com a inclusão de cadernos, boletins, livros didáticos?

Assim, após esta caminhada fica a certeza de que muito ainda há por se descobrir da história da educação cearense, pois muitas vozes ainda precisam ecoar e tantos outros escritos ainda precisam vir à luz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUAYO, A . M. **Didática da Escola Nova**. 14ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

Anais da Semana Ruralista de Juazeiro. Fortaleza: Imprensa Oficial, (Publicação autorizada pelo Governo do Estado do Ceará), 1938.

ARAÚJO, Fátima Maria Leitão. **Mulheres Letradas e Missionárias da Luz: formação da Professora nas Escolas Normais Rurais do Ceará (1930-1960)**. Fortaleza, Tese de Doutorado FAGED/UFC/Núcleo de Currículo e Ensino/Orientação: Jacques Therrien/Pesquisadora integrante do Núcleo de História e Memória, 2007.

AZEVEDO, Fernando de, Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. In: GUIRALDELLI, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez,1992. (Anexos)

BACELLAR, Carlos. Uso e Mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.).

Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara Bastos. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: **Novos temas em História da Educação – Instituições Escolares e Educação na Imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

BRANDÃO, Helena. H. Naganime. **Introdução à Análise de Discurso**. Campinas,SP: Editora da UNICAMP, 1995.

CALAZANS, Maria Julieta Costa. Para compreender a educação do Estado no meio rural – Traços de uma trajetória. In: THERRIEN, Jacque; DAMASCENO, Maria. (Orgs.) **Educação e Escola no campo**. Campinas: Papirus, 1993, p.54-78.

CAMPOS, Edson Nascimento; CURY, Maria Zilda Ferreira. FONTES PRIMÁRIAS: SABERES EM MOVIMENTO. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 Ago 2006. doi: 10.1590/S0102-25551997000100016.

CASTELLO, Plácido Aderaldo. **O Ensino Rural no Ceará**. Editora Instituto do Ceará, 1951.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. Alguns indícios para esclarecer o verdadeiro motivo da viagem da família Moreira de Sousa para a cidade do Rio de Janeiro no navio Almirante Jaceguay em dezembro de 1934. **Revista Educação em Debate**. Fortaleza. v.1, n.37, p. 77-87. 1999.

_____, Maria Juraci Maia. O Jornal como fonte privilegiada de Pesquisa Histórica no Campo Educacional. **Anais do Congresso de História da Educação**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande Norte, 2002.

_____, Maria Juraci Maia. **JoãoHippolyto de Azevedo Sá – O espírito da Reforma Educacional de 1922 no Ceará**. Fortaleza: EDUFC, 2000.

_____, Maria Juraci Maia. **O silêncio na História e Memória da Educação no Ceará: um convite à escuta do passado de Aracati.** In: VASCONCELOS, José Gerardo; VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula; ARAÚJO, José Edvar Costa; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. Interfaces Metodológicas na História da Educação. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

CARVALHO, Carlos Henrique de; ARAÚJO, José Carlos Souza; NETO, Wenceslau Gonçalves. Discutindo a História da Educação: **Novos temas em História da Educação – Instituições Escolares e Educação na Imprensa.** Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

Constituição do Estado do Ceará, 1935; Título VII, Art. 113/ organizadoras, Gina Marcílio Pompeu; Isabel M. Sabino de Farias; Sofia Lerche Vieira. Fortaleza: INESP, 2005.

Constituição do Estado do Ceará, 1947; Título VI, Art. 154/ organizadoras, Gina Marcílio Pompeu; Isabel M. Sabino de Farias; Sofia Lerche Vieira. Fortaleza: INESP, 2005.

CURY, Carlos R. Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira-Católicos e Liberais** 4ª Ed. São Paulo: Cortez – Autores Associados. 1989.

FAIRCLOUGH, Normam. **Discurso e Mudança.** Brasília. Editora Universidade de Brasília: 2001.

GIRÃO, Raimundo. **História Econômica do Ceará.** Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1947 – (Monografia número 12 da Coleção História do Ceará do Instituto do Ceará)

LE GOFF, Jacques. **História Nova.** Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas.** Tradução Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstron. **A formação de professores: da escola normal a escola de educação.** Brasília: Editora Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001. (Coleção Lorencço Filho.)

_____, **Introdução ao Estudo da Escola Nova.** 7ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1961.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. **O mestre faz a escola: instituições escolares primárias e formação de professores no Piauí do século XX.** In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de; VASCONCELOS, Raimundo Elmo de Paula; ARAÚJO, Edvar Costa de Araújo. História da Educação – Vitrais da Memória. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MALERBA, Jurandir. **A História escrita: teoria e história da historiografia.** São Paulo: Contexto, 2006.

MENDONÇA, Sonia Regina de Mendonça. **O Ruralismo Brasileiro (1888-1931)**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

NAGLE, Pedro. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DPA, 2001.

NUNES, Antonietta d' Aguiar. **Trabalhando com arquivos em História da Educação**. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de; VASCONCELOS, Raimundo Elmo de Paula; ARAÚJO, Edvar Costa de Araújo. *História da Educação – Vitrais da Memória*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **História da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

PRINS, Gwyn. História Oral. In. BURKE, Peter (Org.) **A escrita da história – novas perspectivas**. São Paulo. Editora Unesp: 1992.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Teorias, fontes e períodos na Pesquisa Histórica**. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de; VASCONCELOS, Raimundo Elmo de Paula; ARAÚJO, Edvar Costa de Araújo. *História da Educação – Vitrais da Memória*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 36ª Ed. São Paulo:Cortez – Autores Associados, 2003.

SGARBI, Paulo. A aprendizagem vigiada: registros de avaliação. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). **Práticas de Memória Docente**. São Paulo: Cortez, 2003. (Série Cultura, Memória e Currículo).

SOUSA, Joaquim Moreira de Sousa. **Sistema Educacional Cearense**. Recife: MEC/INEP, 1961.

_____, **Estudo sobre o Ceará**. MEC/INEP/Companhia de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar. Nº 8, 1955.

SOUZA, José Boaventura. **Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte – Uma experiência pioneira**. Juazeiro do Norte: Edições IPESC-Série Monografia, 1994.

TORRES, Alberto. **O problema nacional brasileiro: introdução a um programa de organização nacional**. 4ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1982.

Fontes Analisadas

Entrevista realizada pelo Núcleo de Documentação Cultural (Departamento de História da UFC) pelos professores Francisco Moreira de Ribeiro e André Haguette com Amália Xavier de Oliveira em 22 de setembro de 1983.

JORNAL O LAVRADOR (1934-1974)

- Num. 1 - 14 de Junho de 1934 – Manchete: JUSTIFICANDO O NOSSO TÍTULO
- Num. 2 - 27 de Julho de 1934 – Manchete: PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA
- Num. 3 - 21 de Setembro de 1934 – Manchete: O MUSEU VILAS NOVA PORTUGAL
- Num.4 - 26 de Novembro de 1934 - Manchete: SEMANA RURALISTA NO MUNICIPIO DE JOAZEIRO
- Num.5 - 26 de Julho de 1935 - Manchete: HOSPEDES ILUSTRES
- Num. 6 - 25 de Agosto de 1935 - Manchete: O TOMATEIRO E A VANTAGEM DE SEU CULTIVO EM NOSSO CLIMA
- Num. 7 - 7 de Setembro de 1935 - Manchete: FUNDAÇÃO DE JOAZEIRO, PLANTA QUE DEU ORIGEM AO SEU NOME, CONDIÇÕES DA MESMA
- Num. 8 - 12 de Outubro de 1935 - Manchete: PARABÉNS AO JOAZEIRO
- Num. 9 - 15 de Novembro de 1935 - Manchete: UM GRANDE BENFEITOR
- Num. 10 - 29 de Fevereiro de 1935 - Manchete: ESCOLA NORMAL RURAL E O SEU PROGRESSO
- Num. 11 - 19 de Março de 1936 - Manchete: CREDITO AGRICOLA
- Num. 12 - 21 de Abril de 1936 - Manchete: ALBERTO TORRES
- Num. 13 - 13 de Junho de 1936 - Manchete: VENCENDO ETAPAS
- Num. 14 e 15 - Julho e Agosto de 1936 - Manchete: VISITA DOS ALUNOS DA ESCOLA NORMAL RURAL AOS FRADES CAPUCHINHOS
- Num. 16 - Setembro de 1936 - Manchete: ARMAS DA ESCOLA NORMAL RURAL
- Num. 17 - Outubro de 1936 - Manchete: NOTAS APICOLAS
- Num. 18 - Novembro de 1936 - Manchete: RELATORIO
- Num. 19 e 20 - Janeiro e Fevereiro de 1937 - Manchete: CONCURSO DA MANDIOCA
- Num. 21 - Março de 1937 - Manchete: MEDIDA DE ALTO ALCANCE

Num. 22 - Abril de 1937 - Manchete: DISCURSO PROFERIDO PELA PROFESSORA NELI SOBREIRA DE OLIVEIRA, POR OCASIÃO DO ANIVERSÁRIO DA NOSSA DIRETORA

Num. 23 - Maio de 1937 - Manchete: A PASCOA DAS CRIANÇAS

Num. 24 - 13 de Junho de 1937 - Manchete: O NOSSO TERCEIRO ANIVERSÁRIO

Num. 25 - 15 de Julho de 1937 – Manchete: “A MUSICA NA ANTIGUIDADE”

Num. 26 - 29 de Agosto de 1937 – Manchete: A VIDA DO CARIRI

Num. 27 - Setembro de 1937 – Manchete: 21 DE SETEMBRO

Num. 28 - Janeiro e Fevereiro de 1938 – Manchete: RELATÓRIO

Num. 29 - Março de 1938 – Manchete: A ESCOLA NORMAL RURAL E SUA DIRETORA

Num. 30 - Abril de 1938 – Manchete: CONTRA-PROPAGANDA DO CAFÉ NA ARGENTINA E ESTADOS UNIDOS

Num. 31- Maio de 1938 – Manchete: A VIDA

Num. 32 - Junho de 1938 – Manchete: SALVE 13 DE JUNHO DE 1938

Num. 33 - Julho de 1938 – Manchete: NA NATUREZA NADA SE PERDE, TUDO SE TRANSFORMA

Num. 34 - Agosto de 1938 – Manchete: COLHEITA DA CANA DE ASSUCAR

Num. 35 - Setembro de 1938 – Manchete: FINALIDADES DA “SEMANA DA ARVORE”

Num. 36 - Outubro e Novembro de 1938 – Manchete: LAGRIMAS DE SAUDADES

Num. 7 - Dezembro de 1938 – Manchete: A TURMA DE PROFESSORANDOS DE 1938 VISITA O COLEGIO S. LUIZ EM FORTALEZA

Num. 38 - Janeiro e Fevereiro de 1939 – Manchete: MAIS UMA VITORIA

Num. 39 - Março e Abril de 1939 – Manchete: UM VULTO DE EDUCADORA MODELAR

Num. 40 - Maio de 1939 – Manchete: VISITA DOS PROFESSORANDOS DA ESCOLA NORMAL RURAL DE JUASEIRO A STO. ANTONIO DE PITAGUIRÍ

Num. 41 - Junho de 1939 – Manchete: “TREZE DE JUNHO”

Num. 42 e 43 - Julho e Agosto de 1939 – Manchete: O QUE É A ESCOLA NORMAL RURAL DE JOAZEIRO?...

Num. 44 - Setembro de 1939 – Manchete: “A ARVORE NAS CIENCIAS E ARTES”

Num. 45 - Outubro, Novembro e Dezembro de 1939 – Manchete: DISCURSO PRONUNCIADO PELA INTELIGENTE PROFESSORANDA JENI MACHADO, ORADORA DA TURMA DE PROFESSORES DE 1939

Num. 46 - Janeiro, Fevereiro, Março de 1940 – Manchete: A ATUAÇÃO BRILHANTE DA DIRETORA DA ESCOLA NORMAL RURAL DO JOAZEIRO – D. AMALIA XAVIER DE OLIVEIRA NA CAPITAL DA REPUBLICA E EM FORTALEZA.

Num. 47 - Abril e Maio de 1940 – Manchete: 5 DE ABRIL!

Num. 48 - Julho, Agosto e Setembro de 1940 – Manchete: DISCURSO PRONUNCIADO PELA PROFESSORA TARCILA CRUZ ALENCAR.

Num. 49 - Outubro, Novembro e Dezembro de 1940 – Manchete: NO CAMPO DE SEMENTES DE BARBALHA

Num. 50 - Janeiro e Fevereiro de 1941 – Manchete: PAPEL DO MESTRE NA MANUTENÇÃO DA DISCIPLINA

Num. 51 - Março de 1941- Manchete: DIVINA A PAZ DE DEUS SEJA CONTIGO

Num. 52 - Abril de 1941- Manchete: 19 DE ABRIL

Num. 53 - Maio e Junho de 1941 - Manchete: ECHO DO DIA 19 DE ABRIL

Num. 54 - Julho de 1941- Manchete: TRABALHO DO PROF. ELIAS RODRIGUES, INICIANDO A “HORA RURAL”, PROMOVIDA PELA DIRETORIA DO CLUBE AGRICOLA “ALBERTO TORRES”, DA ESCOLA NORMAL RURAL DE JOAZEIRO.

Num. 55 - Agosto de 1941 - Manchete: UM EXEMPLO DIGNIFICANTE

Num. 56 - Setembro de 1941 - Manchete: UMA EDIFICANTE COMUNHÃO DE IDÉIAS

Num. 57 - Novembro, Dezembro de 1941- Manchete: A ESCOLA NORMAL RURAL DIGNIFICA O NOME DE JOAZEIRO

Num. 58 - Janeiro e Fevereiro de 1942 - Manchete: “UMA MULHER MODÉLO”

Num. 59 - Março de 1942 - Manchete: A ESCOLA E O MESTRE

Num. 60 - Abril de 1942 - Manchete: TEÇAM-SE CORÔAS ENGRINALDEM-SE OS HERÓIS: SÃO ÊLES OS CONSTRUTÔRES DA PÁTRIA

Num. 61 - Maio de 1942 - Manchete: INSTRUÇÃO E PROGRESSO

Num. 62 - Junho e Julho de 1942 - Manchete: TREZE DE JUNHO

Num. 63 - Agosto de 1942 - Manchete: A MISSÃO SÚBLIME DA ESCOLA NORMAL RURAL

Num. 64 - Setembro de 1942 - Manchete: ECOS DA “SEMANA DA PÁTRIA” EM JUAZEIRO

Num. 65 - Outubro e Novembro de 1942 - Manchete: EXCURSÃO

Num. 66 - Fevereiro e Março de 1943 - Manchete: UM MONUMENTO QUE ELEVA O JUAZEIRO ÀS CULMINÂNCIAS DA GRANDEZA.

Num. 67 - Abril de 1943- Manchete: A HEROÍNA PREDESTINADA

Num. 68 - Maio de 1943- Manchete: EFEMÉRIDE DE ALTA SIGNIFICAÇÃO

Num. 69 - Junho e Julho de 1943 - Manchete: UMA GRANDE OBRA

Num. 70 - Agosto de 1943 - Manchete: COOPERATIVISMO ESCOLAR

Num. 71 - Setembro de 1943 - Manchete: SAUDAÇÃO À JUVENTUDE BRASILEIRA, NO DIA 5 DE SETEMBRO, PELA PROFESSORA DA ESCOLA NORMAL RURAL, DORALICE GOMES DE MATOS

Num. 72 - Outubro e Novembro de 1943 - Manchete: “O ENSINO RURAL E O SEU RAIOS DE AÇÃO”

Num. 73 - Fevereiro e Março de 1944- Manchete: “O CENTENÁRIO DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA”

Num. 74 - Abril de 1944 - Manchete:A GRANDE MESTRA

Num. 75 - Maio de 1944 - Manchete: “O GRANDE BRASILEIRO”

Num. 76 - Junho e Julho de 1944 - Manchete: MAIS UMA ETAPA VENCIDA

Num. 77 - Agosto e Setembro de 1944 - Manchete: EMPREENDIMENTO DE GRANDE VULTO.

Num. 78 - Outubro e Novembro de 1944 - Manchete: “PRECE DO CORAÇÃO”

Num. 79 - Fevereiro e Março de 1945 - Manchete: NA PENUMBRA DE UM IDEAL

Num. 80 - Abril e Maio de 1945 - Manchete: UMA EDUCADORA IMORTALIZADA

Num. 81 - Junho e Julho de 1945 - Manchete: 13 DE JUNHO

Num. 82 - Agosto e Setembro de 1945 - Manchete:SAUDAÇÃO À MOCIDADE ESTUDANTINA DE JUAZEIRO

Num. 83 - Outubro e Novembro de 1945 - Manchete: PRECE DO CORAÇÃO DE UM MESTRE

Num. 84 - Março de 1946 - Manchete: UM BÉLO EXEMPLO

Num. 85 - Abril de 1946 - Manchete: O HEROÍSMO DIGNIFICADO

Num. 86 - Maio de 1946 - Manchete: “5 DE MAIO”

Num. 87 - Junho e Julho de 1946 - Manchete: PRÉCE DE UM FILHO

Num. 88 - Setembro de 1946 - Manchete: O 7 DE SETEMBRO

Num. 89 - Outubro, Novembro e Dezembro de 1946 - Manchete: A ESCOLA NORMAL DE JUAZEIRO, CONTINÚA A EXPEDIR DIPLOMAS COM OS MESMOS DIREITOS E PREROGATIVAS OFICIAIS, CONCEDIDAS PELO DECRETO N.1218, DE 10 DE JANEIRO DE 1934.

Num. 90 - Março e Abril de 1947 - Manchete: NOTÁVEL PALESTRA DO PE. ESTELIO J.M. DALISON AO PARANINFAR A 2º TURMA DE CONCLUDENTES DO GINÁSIO DOM BOSCO.

Num. 91 - Maio de 1947 - Manchete: PALESTRA DA PROFESSORANDA MARIA LUIZA LINHARES, PROFERIDA POR OCASIÃO DO ANIVERSÁRIO DO NOSSODIRETOR ESPIRITUAL, MOSENHOR JOVINIANO BARRETO.

Num. 92 - Junho e Julho de 1947 - Manchete: UMA “EMBAIXADA DE PROFESSÔRES DA BAÍA” VISITA A ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO.

Num. 93 - Junho de 1948 - Manchete: SAUDAÇÃO! BANDEIRANTES DO RURALISMO NACIONAL!

Num. 95 - 5 de Abril de 1949 - Manchete: HONRA AO MÉRITO

Num. 96 - 20 de Junho de 1949 - Manchete: COMO ELA SURTIU...

Num. 97 - 11 de Agosto de 1949 - Manchete: A ILUSÃO É UMA FORÇA PODEROSA PARA A REALIZAÇÃO DOS GRANDES IDEAIS.

Num. 98 - 16 de Outubro de 1949 - Manchete: A VISITA DO PRESIDENTE DA REPUBLICA AO CEARÁ

Num. 99 - 27 de Novembro de 1949 - Manchete: RUI BARBOSA

Num. 100 - 30 de Abril de 1950 - Manchete: PAULO AFONSO

Num. 101 - 11 de Novembro de 1950 - Manchete: JUAZEIRO - UM PROBLEMA SOCIOLOGICO

Num. 102 - Abril de 1953 - Manchete: PELA PASSAGEM DE UMA GRANDE DATA...

Num. 103 - 13 de Junho de 1953 - Manchete: DEZENOVE ANOS DE LUTAS E VITÓRIAS

Num. 104 - 1º de Maio de 1954 - Manchete: A ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE, VAI COMEMORAR O 20º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO, QUE TERÁ LUGAR NO DIA 13 DE JUNHO DO CORRENTE ANO.

Num. 105 - 13 de Junho de 1954 - Manchete: VINTE ANOS DE LUTAS E VITÓRIAS

Num. 106 - 1º de Maio de 1955 - Manchete: O RURALISMO CEARENSE EM MARCHA...

Num. 106 – 25 de Abril de 1956 - Manchete: UM GINÁSIO RURAL NO CEARÁ

Num. 108 - 13 de Junho de 1956 - Manchete: VINTE E DOIS ANOS DE LUTAS

Num. 109 - 25 de Novembro de 1956 - Manchete: HOMENAGEM PÓSTUMA AO
CEL. JOSE XAVIER DE OLIVEIRA

Num. 117 - 30 de Março de 1958 - Manchete: A PROFESSORA AMÁLIA XAVIER DE
OLIVEIRA PRESIDENTE DO INSTITUTO EDUCACIONAL DE JUAZEIRO E
DIRETORA DA ESCOLA NORMAL RURAL DESTA CIDADE, NA ABERTURA
DA SOLENIDADE DE ENCAMPAÇÃO DESTE EDUCANDÁRIO.

Num. 118 - 31 de Maio de 1958 - Manchete: PALAVRAS AOS ESTUDANTES DE
JUAZEIRO

Num. 119 - 13 de Junho de 1958 - Manchete: UMA VITÓRIA CONQUISTADA COM
SACRIFÍCIO E RENÚNCIA

Num. 124 - 13 de Maio de 1965 - Manchete: “O DIA DAS MÃES”

Num. 127 - 24 de Maio de 1967 - Manchete: O HOMEM DO CAMPO

Num. 134 - 28 de Outubro de 1970 - Manchete: MENSAGEM AOS ESTUDANTES

Num. 137 – 13 de junho de 1971 – Manchete: MEU CARTÃO DE PARABÉNS

Num. 140 - 26 de Setembro de 1974 - Manchete: UM EXEMPLO DE ESCOLA

ANEXOS

Anexo I

Cópia do Jornal *O Lavrador* – Número 127 de Maio de 1967

Professora da Escola Normal Para



O Lavrador

ANO XXXIII. – JUAZEIRO DO NORTE, 24 DE MAIO DE 1967 – N° 127

O Homem do Campo

Colaboração das Alunas do 2.º Ano Normal "A"

"A frente do sacerdote se verga para o cálix consagrado A do lavrador para a terra".

Lavrador ou homem do campo é aquele que se dedica de corpo e alma ao cultivo da terra. (agricultura) ao extrativismo vegetal e a pecuária.

O progresso de um país, sua unidade territorial, econômica e social dependem do camponês. E o campo, como fator essencial na formação de riqueza, merece maior dedicação por parte dos órgãos governamentais — principais responsáveis pelo bem-estar da coletividade.

O agricultor com inúmeros esforços, procura obter da gleba os elementos necessários à vida.

É lamentável não haver cooperação recíproca entre o lavrador e o governo.

O homem do campo, nem sempre tem assistência médica, e financiamentos para melhor desenvolvimento das suas lavouras.

Por estes fatores, surgiu a

Reforma Agrária com o objetivo de melhorar as condições de vida do agricultor.

Públio Catão disse e nós reafirmamos: "O maior louvor que se pode fazer a um homem

é apresentá-lo como bom agricultor. É da classe agrícola que saem os homens mais fortes e os melhores soldados".

Juazeiro do Norte, 12 de abril de 1967



O LAVRADOR
 Órgão do Clube Agrícola
 Alberto Torres da Escola
 Normal Rural de Juazeiro do
 Norte — Ceará
 ANO 33 No. 127
 DIRETOR
 Clube Agrícola Alberto Torres
 No. 46
 REDATORA-CHEFE
 Lêda Maria Pinheiro Sobreira
 DIRETORES AUXILIARES
 Francisco das Chagas Freitas
 Cicero Alves Nobre
 Maria do Carmo Pereira de
 Matos
 GERENTE
 Maria do Socorro Vieira
 SECRETARIA
 Vicentina Furtado Sobreira
 REVISORES:
 Zenilda Benício de Sousa
 Maria Vanda Pereira Matos
 Madeleine Magalhães Me-
 deiros

Uma Homenagem Merecida

Risalva Barbosa de Matos — 3.º Ano Normal "A"

No dia 5 de Abril, aconteceu uma festa inédita na nossa Escola repercutindo em todo Juazeiro.

—O aniversário da Diretora.

Todos, que se confessam amigos de D. Amália vieram manifestar o "Feliz Aniversário", num espontâneo gesto de gratidão.

Gratidão, pelos bens prestados à comunidade Juazeirense pelo muito que tem dado de si; sem pensar em aproveitamento pessoal.

Meistra amiga, digna dos mais honrosos elogios, cum-

pridora extremamente zelosa dos seus deveres, morais e intelectuais.

Incansável batalhadora em prol da educação da nossa gente desde os idos de 1934, quando ao lado do Dr. Plácido Aderaldo Castelo, e outros lançou a planta fundamental, alicerçando a cultura Juazeirense.

Uma das qualidades primordiais da nossa estimada

"Diretora" é considerar os seus educandos, como filhos espirituais, procurando encaminhá-los para um futuro promissor.

D. Amália, merece tôdas as homenagens dos seus educandos, como uma prova de agradecimento, respeito, dedicação, por tudo de bom que tem prestado, pelas justas causas que tem batalhado.

Unidos, poderemos melhorar as condições de habitação dos nossos irmãos trabalhadores

O Colégio Estadual de Juazeiro do Norte no Ano Letivo - 1967

O Colégio Estadual de Juazeiro do Norte, iniciou as suas aulas neste ano letivo de 1967, no dia 10. de Março, com uma matrícula de 1.814 alunos, funcionando nos turnos: matutino, vespertino e noturno, assim distribuídos:

CURSO NORMAL RURAL	
3.º Ano	2 turmas 44 alunas
2.º Ano	2 turmas 60 alunas
1.º Ano	2 turmas 90 alunas
Total: 6 turmas 194 alunas (feminino)	
CURSO COLEGIAL	
3.º Ano	2 turmas 37 alunos
2.º Ano	2 turmas 47 alunos
1.º Ano	2 turmas 80 alunos
Total: 6 turmas 164 alunos (Masculino)	
CURSO GINASIAL	
4.ª Série	3 turmas 120 alunos
3.ª Série	3 turmas 129 alunos
2.ª Série	4 turmas 167 alunos
1.ª Série	4 turmas 190 alunos
Total: 14 turmas 606 alunos (Masc. e Fem.)	
CURSO PRIMÁRIO	
5.º Ano	4 turmas 160 alunos
4.º Ano	4 turmas 150 alunos
3.º Ano	4 turmas 160 alunos
2.º Ano	4 turmas 150 alunos
1.º Ano	5 turmas 180 alunos
Jardim	2 turmas 50 alunos
Total: 23 turmas 850 alunos (Masc. e Fem.)	

R E S U M O:

Curso Normal Rural	194 Alunas
Curso Colegial	164 Alunos
Curso Ginasial	606 Alunos

Curso Primário	850 Alunos
Total Geral:	1.814 Alunos

O Corpo Docente em exercício, está assim constituído:

No Curso Normal Rural	(17) 17 Professores
No Curso Colegial	(9) 9 Professores
No Curso Ginasial	(29) 29 Professores
No Curso Primário	(24) 24 Professores
Total Geral:	79 Professores

Diretora	1 Insp. C. Agrícola	3
Vice-Diretora	3 Servente e Zelador	8
Secretarias	3 Vigias	3
Aux. Administração	2 Datilógrafo	1
Coordenadoras	3 Ajudante /Portaria	4
Orit. Educ. e Pedagógico	2 Atendente de Gabinete	1
Inspetoras de Alunos	11 Dentista	1
	Médico	1
SOMA:	25 SOMA:	22

D E P A R T A M E N T O S

Que coordenam e executam as atividades Didáticas e Sociais do Colégio Estadual — Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte.

- 1o.) — Departamento de Letras
- 2o.) — Departamento de Ciências — Matemáticas.
- 3o.) — Departamento de Ciências, Físicas e Biológicas
- 4o.) — Departamento das Matérias Especializadas
- 5o.) — Departamento de Aperfeiçoamento do Magistério
- 6o.) — Departamento de Filosofia e Ciências Sociais
- 7o.) — Departamento das Práticas Educativas
- 8o.) — Departamento das Instituições Escolares
- 9o.) — Departamento do Curso Primário
- 10o.) — Departamento do Pessoal de Serviço

Três Departamentos dos Professores dos Cursos Noturnos

Clube Agrícola « Alberto Torres » - N.º 46, da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte-Ce.

RELATORIO DAS ATIVIDADES DO ANO DE 1966

Durante o ano de 1966 os sócios do Clube Agrícola — no. 46, tiveram inúmeras possibilidades de aumentarem seus conhecimentos a respeito do meio rural.

Participaram de uma semana ruralista, na qual se processaram muitos movimentos como: excursões, explicações práticas e teóricas, a respeito de vários pontos da Agricultura; exposições de produtos regionais, de indústria caseira e mecanizada além de trabalhos manuais realizados pelos próprios alunos da Escola Normal Rural, sócios do Clube.

Além dessas atividades incluem-se outras como, as sessões escolares.

DATAS COMEMORADAS

Apresentação das datas comemoradas pelos sócios do Clube, em reuniões distintas, no ano de 1966.

5 de Abril — Homenagem a nossa mui querida Diretora, Dona Amália Xavier de Oliveira, pela passagem de seu aniversário natalício.

21 de Abril — Comemoração ao Mártir da Inconfidência — "TIRADENTES" e aniversário do Clube.

8 de Maio — Dia da Mãe, homenagem especial a Nossa Senhora.

3 de Junho — Aniversário dos irmãos: Major Humberto Bezerra de Menezes e Major Adauto Bezerra de Menezes.

4 de Junho — Reunião no Auditorium Amália Xavier de Oliveira para uma homenagem a Nossa Senhora — A Coroação.

13 de Junho — Aniversário da Fundação da Escola Normal Rural — Páscoa Estudantil.

24 de Junho — Encerramento do semestre, do Curso Primário e feira sob a responsabilidade dos Cursos: Normal e Ginasial no pátio externo da Escola.

Renda da feira — em benefício da várias instituições escolares.

11 de Agosto — Comemoração ao dia do Estudante. Manhã festiva, com um mo-

vimento em que os alunos contribuíram com dádivas, ficando o rendimento para a Caixa Escolar.

Participantes — O Tenente Coronel Francisco Humberto Bezerra de Menezes, corpo docente e discente da Escola Normal Rural e outras pessoas.

7 de Setembro — Finalidade da sessão — homenagear a Árvore.

12 de Outubro — Dia da criança. As alunas do 3o. Ano Normal, deslocaram-se para o Grupo Escolar Amália Xavier, e lá apresentaram o "Teatrinho de Fantoches", para a garotada. O número exibido foi: "Branca de Neve".

15 de Outubro — Dia do Professor. Compareceu a esta sessão todo o pessoal da Escola. O convite foi feito por meio de cartão impresso. Após a sessão, ao som do Conjunto "Jovem Guarda" foi servido um lanche aos professores.

31 de Outubro — Manifestação a Dona Amália, pelo seu regresso.

Éis uma apresentação das datas comemoradas e participadas em sessões, pelos alunos ou sócios do Clube.

No ano de 1966 o Clube Agrícola "Alberto Torres" — no. 46, não só procurou promover situações em que seus sócios se desenvolvessem culturalmente, mas, também procurou pregar certas verdades que muitas vezes se sabe e não se pratica; como:

- a) — emprêgo de meios mecanizados no trabalho;
- b) — Conservação da horta e construção de aviário e pocilga;
- c) — Aproveitamento de fibras, côcos, materi-

al usado, etc.

A respeito do jornalzinho "O LAVRADOR", infelizmente só saiu um número.

Não me restando mais coisa alguma a relatar, encerro este relato, colocando abaixo os nomes dos membros do mencionado Clube.

Maria Eliane Aguiar Melo
Presidente

DIRETORIA

Coordenadores — Irenilce Xavier Luna e Francisca Soares da Silva (Zuleica).

Presidente — Maria Eliane Aguiar Melo.

Vice-Presidente — Maria de Lourdes Barros

Secretária — Maria Adeline Silva.

2a. Secretária — Maria Leda Pinheiro.

Tesoureira — Maria de Fátima Onofre.

2a. Tesoureira — Sonia Maria Teixeira.

Bibliotecária — Maria Moreira Nobre.

Oradora — Maria Auxiliadora Araújo.

Retorno *Silvana B. Ribeiro* 2º Ano Normal "B"

Transpuz as veredas de outrora
E os mesmos prados belos e floridos,
Revi todos os lugares tão queridos,
Que corri alegremente, à luz da aurora.

Agora se descortina sem esplendor,
O casarão enorme em que nasci
E relembro a felicidade que vivi,
Felicidade, efêmera como a flor!

Oh! meu belo recanto, doce e terno!
Fôste engalanado de vida e de flores!
Hoje estás exanime, sem cores,
E triste como as noites de inverno!

Entreí no refúgio que antes era meu lar,
Senti um frêmito meu corpo percorrer
E a saudade no meu coração nascer,
Com uma vontade imensa de chorar.

Dentro, tudo está triste e parecem lassos
De esperar talvez, que a vida se renove,
Tudo é silêncio, nada se move
E eu ouço o eco dos meus próprios passos.

Fecho os olhos e volto aos tempos idos,
Revejo imagens de amor e de ternura,
De uma mulher, uma santa criatura
E da felicidade dos tempos já vividos!

Acordo. A noite já vem com seu manto
E eu estou tão triste a soluçar,
A noite minha tristeza vem aumentar
Sendo a única testemunha do meu pranto.

Juazeiro do Norte, 5 de Abril de 1967.

Homenagem ao Índio *Aluna: Ivete de Alencar e Silva - Série: 5º Ano Primário* *Prof.: Maria Bernadete Alencar Santos*

Hoje, o dia 19 de abril, marca no nosso calendário histórico, mais uma data comemorativa, o dia do "ÍNDIO". Sendo assim, nós estudantes brasileiros, não poderíamos deixar de falar deste vulto tão importante que foi e está sendo para nós.

Ao nosso irmão Índio, que ajudou tanto ao nosso grandioso Brasil, depositamos toda a nossa gratidão.

Foi o Índio, o primeiro habitante das nossas praias e imensas florestas. Aqui vivia o Índio como um Rei muito feliz.

Por isso, por ter nascido nas nossas imensas florestas é que chamamos de verdadeiro "brasileiro".

Ao "Índio", ao primeiro ser humano que nasceu, viveu em nossa grandiosa Terra o Brasil — a nossa singela homenagem, mas, de corações agradecidos.

DAP E O BRASIL *Maria Antêlvia Cândido — Professora*

Esta sigla (DAP) divisão de aperfeiçoamento do professor, congrega em Belo Horizonte equipes de professores — orientadores e professores — bolsistas, com o objetivo de estudar concretamente o ensino para a metunidade para relatar aos lhoria da educação brasileira.

Resolvi aproveitar a oportunidade para relatar aos leitores a reestruturação do ensino observado e estudado em terras mineiras.

Coloquei-me em dia com

Sêca

A sêca é um fenômeno provocado pela falta de chuvas.

Desde o início de sua vida histórica, o Nordeste é uma das regiões mais sêcas em nossos dias.

Este período é crudiciante.

O calor é demasiado, tomando forma de fôrnilha.

O campo perde a sua beleza e seu colorido.

Tudo é triste!

Onde outrora era floresta nesta época torna-se um campo de garranchos e cipós.

O pasto sêco, é o alimento dos animais que vão em longas caminhadas á busca de bebedouros.

Mas... tudo é vazio.

Trêmulos e famintos entretolham-se quase que amorticados.

Lambem a terra, na esperança de encontrar alguma umidade.

E assim é o desenrolar d'êste quadro sinistro.

Há prejuízos para todos, principalmente para aqueles que abandonam o bêrço em que nasceram e sua família em busca de uma melhora.

A sêca é a culpada dessa miséria e desta separação!

Essa retirada nordestina ocasiona a falta de braços na região tornando-a subdesenvolvida em suas atividades.

E não sabemos quando será que o nosso povo poderá viver tranquilo, sem preocupação sem mágoas e sem esperança.

Juazeiro do Norte, 10 de abril de 1967.

*Equipe São Tomaz de Aquino
Escola Normal Rurái*

o Brasil, pois o interessante do curso foi a convivência que houve entre os 150 professores represententes de vários estados e territórios brasileiros.

O Século XX "o século da conscientização e êste alerta sômente será feito quando tódas as pessoas responsáveis pelo problema educacional procurarem entender e viver o dinamismo pedagógico.

A DAP é um reflexo d'êste dinamismo pedagógico, quando entrega cada ano às terras brasileiras equipes de professores qualificados.

Os professores saem com outra visão em relação aos problemas da aprendizagem. Por que? Ora, a delegação de cada estado ou território chega com os seus conhecimentos e os entrosa com outros conhecimentos adquiridos no contacto com outras delega-

ções, formando então um elo de aperfeiçoamento básico na valorização da pessoa humana.

O curso foi estruturado tanto na sua organização, como no seu desenvolvimento, pois cada elemento integrante contribuiu para a continuidade e planejamento do mesmo.

As atividades foram as mais diversas, tódas realizadas por etapas, através de debates, visitas, estudos específicos por áreas de aprendizagem como estudos sociais, linguagem, currículo e supervisão, matemática e muitos outros.

Outro aspecto interessante

foram as técnicas de trabalho bem diversificadas: entrevistas individuais, reuniões com grupos numerosos e pequenos.

Uma síntese significativa do curso é a minha meta para todos aqueles que batallham por uma realidade educacional melhor e sintam o valor da divisão de aperfeiçoamento do professor (DAP) na vida brasileira, pelo que deprático e objetivo tem a crêcer-nos no campo educacional.

O aperfeiçoamento de professores especializados nos diversos ramos de ensino é o seu objetivo primordial.

O LAVRADOR

Ano XXXIII — Juazeiro do Norte, 24 de Maio de 1967 — Nº 127

TITULO EXPRESSIVO

Antonio Edênio Araújo - 2.º Ano Colegial

Outro título não seria mais digno e expressivo do que o adotado pela direção d'êste jornal.

A princípio, pode-se não dar muita importância a êste título, isto é, pode-se não constatar que êle representa e a quem se refere.

Pois bem. Êle lembra uma figura que, embora desassistida, exerce, mesmo assim, grande influência na economia nacional, como também na de outros países: O Lavrador.

Nos quatro cantos do Brasil, onde quer que nos encontremos, sempre o encontraremos a trabalhar com a terra, mesmo provido apenas de instrumentos como a picareta e a enxada, instrumentos lendários do trabalho agrícola.

Em virtude do seu esforço, faz a terra, por vêzes estéril, frutificar, porque êle sabe trabalhar com ela e conhece seus caprichos. Abastece, assim, os mercados urbanos, fornecendo a alimentação diária e indispensável às grandes populações, mesmo em troca de uma parte diminuta, e, devido a êste espírito de laboriosidade é que a nação adquire a categoria de

exportador de vários produtos agrícolas como por exemplo: o café e o algodão, a influência na economia nacional exercendo importante

Erabora o lavrador execute um trabalho de real importância para nossa economia, ou seja a agricultura, não é, mesmo assim, assistido como deveria ser.

Luta abstinadamente pela sobrevivência, executando, de sol a sol, um trabalho árduo e cansativo, porque êle sabe que, de seu próprio esforço é que depende sua existência, embora essa labuta seja desproporcional.

Exemplo de humildade e de grande amor ao trabalho existem nessa despercebida figura que é vista a cultivar a terra, embora receba pouco por recompensa.

Aqui em nossa região nordestina, vemos o sertanejo que executa uma jornada térica nos nossos sertões em virtude da má distribuição das chuvas. Mesmo assim, em pleno polígono das sêcas, na vegetação rasteira e despida das caatingas, vê-se a figura laboriosa do sertanejo nordestino a desafiar a natureza tendo como único aliado o

amor ao trabalho. Como também a luta pela sobrevivência.

Agricultura é um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento e economia de uma nação. O cultivo da terra, principalmente para aqueles que desejam o progresso de sua Pátria, torna-se essencial, ainda mais quando se trata de uma terra fértil o como a nossa.

Possuímos, portanto, riquíssimas e vastas terras de excelente fertilidade, a qual expermenta todo o contraste de clima e vegetação.

Falta, entretanto, a assistência ao homem do campo o qual sustenta as rédeas agrícolas. Êles precisam de meios para o cultivo. Precisam ser vistos com mais afeição, afirm de que possam reuider mais com menos esforço.

Foi nessa figura componesa que êste jornal encontrou o título mais digno e realista. Título expressivo e honroso, porque faz lembrar um grande espírito de laboriosidade e humildade, daquel que pouco espera de si, embora dê tud de si.

Êste título traduz uma espécie de gratidão e reconhecimento ao laborioso homem do campo: "O LAVRADOR"

Anexo II

Anexo II
Depoimento
Entrevista Pedro Barros

Roteiro de entrevista com Professor Pedro Ferreira Barros

Data da entrevista: 28/11/2008

Horário: Manhã

Local: Faculdade de Educação- Universidade Federal do Ceará

Entrevistadora: Mirelle Araújo da Silva

Dados do Entrevistado

Nome completo: Pedro Ferreira Barros

Data de nascimento/Local: Nasci em 1947 em Ipaumirim - Ceará.

Profissão: Há trinta anos que eu exerço a profissão atual sou Professor Universitário.

I PARTE

ENTREVISTADORA: Podemos iniciar essa entrevista abordando um pouco sobre a sua trajetória familiar, a sua ligação com o meio rural, com Juazeiro do Norte?

ENTREVISTADO: Bom, eu nasci em zona rural. Eu sou filho de pequeno proprietário rural. Toda a família de meu pai pertence à zona rural, são pequenos proprietários, e,

toda a família de minha mãe também. Meu pai era do município de (da região antigamente Lavras, atualmente Ipaumirim que era distrito e minha mãe na região vizinha que era Icó, Umari e Baixio. Então as minhas origens dos dois lados são rurais. E, minha mãe casando veio da região de Icó para a região de Ipaumirim. A gente continuou em zona rural, mas era um sonho tanto para o meu quanto para minha mãe tirar os filhos daquele meio. Eles achavam que a vida era muito difícil em zona rural e percebiam a partir da compreensão que eles podiam ter. Os dois liam e escreviam precariamente. As escolas que eles freqüentavam eram escolas do “meu mestre” que os pais contratavam e colocavam em casa. E freqüentava e estudava quem quisesse, mas eles compreendiam que a educação era o caminho, a alternativa que eles teriam como pais como pais responsáveis para garantir um futuro melhor para os filhos. A propriedade e isso eles tinham aprendido pela própria experiência que a cada geração as propriedades vão sendo pulverizadas. As propriedades dos meus avós já foram divididos por dez filhos, mais ou menos. Então, no caso da família do meu pai quanto da minha mãe e eles percebiam que o patrimônio que o meu pai tinha também seria dividido por oito filhos que ele tinha. Então, cada um não teria quase nada em termo de propriedade, não havia futuro, não havia perspectiva e tanto meu pai quanto a minha mãe o grande sonho, a grande utopia era dá educação para os filhos. E para isso ela inicia a educação dos filhos em casa, essa educação tem que ser continuada na escola e são aquelas escolas rurais, multisseriadas e nessas escolas a criança só avançava até terceiro ano. Na verdade, era mais terceiro livro de leitura e não havia seriação. Havia uma inconstância muito grande mas escolas quando mudava de professor, então professor querendo mostrar mais serviço que o anterior, as vezes rebaixava os alunos para as séries anteriores e dizia que o aluno não sabia. Então, essas escolas praticamente faziam parte de um sistema não eram acompanhadas. As escolas rurais multisseriadas não eram acompanhadas nem pelo município, nem pelo Estado. Minhas irmãs completando dez anos já foram encaminhadas para casa de tios na cidade para que pudessem cursar a escolaridade regular e só assim elas poderiam dar continuidade aos estudos. De sorte que em 1952 meu pai já estava providenciando a mudança de toda família para a cidade para que todos pudessem estudar e não ficassem incomodando parentes com essas crianças.

ENTREVISTADORA: Mas vocês tinham parentes em Juazeiro?

ENTREVISTADO: Não. Nós tínhamos parentes em Baixio que era uma cidade muito pequena e só. E Juazeiro foi uma grande aventura. Eu não cheguei a conhecer meu pai, as idéias dele, porque quando ele morreu eu tinha cinco anos. E baseado em que, fundamentado em que... meu pai quis mudar para o Juazeiro. Eu tenho a idéia de que ele era devoto de Padre Cícero. Eu tenho uma irmã que nasceu em 1590, ele fez questão de batizar no Juazeiro e que Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores fossem os padrinhos. E, ele queria ir para o Juazeiro... eu acho que toda a região, todo o sul do Ceará já se conhecia a prosperidade de Juazeiro, o celeiro que o Cariri e Juazeiro representava o potencial de acolhida que Juazeiro tinha dessas populações que tentavam uma vida melhor, que ambicionam que tinham a utopia de conseguir se libertar. Eu chamei minha dissertação de mestrado de *Saga do nordestino* que é mudar, é migrar, é está sempre

procurando uma vida melhor. Então, em 1952 meu pai tentava em Juazeiro, alugou casa e providenciou tudo para a mudança, mas na volta ele morre. Minha espera mais um ano se organizando, ela era dependente dele, como é da cultura nordestina. Então em um ano ela se organizou, se mudou para Juazeiro para que a gente estudasse. Então ele morreu em 1952 e em 1954 em março a gente estava em Juazeiro se matriculando nas escolas.

II PARTE

Vivência do entrevistado como aluno da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte.

ENTREVISTADORA: Qual o ano do seu ingresso na escola Normal Rural de Juazeiro do Norte?

ENTREVISTADO: Nós chegamos em Juazeiro em 1954. O pessoal de mais idade como minhas irmãs se matricularam, acho que no exame de admissão para ingressar no ginásio. Elas já tinham repetido o terceiro e quarto ano mais de uma vez. Agora os mais novos como eu que tinham sete e oito anos que nunca tínhamos freqüentado escola. Então, a gente tentou conseguir escolas, a gente teria que freqüentar o Grupo, antigamente se chamava o Grupo de Curso Primário era feito em Grupo. A gente teria que ir para um Grupo. Então 1954 foi um processo de adaptação, eu lembro que era tudo muito diferente, tudo muito difícil não só para mim, mas para a minha família toda. Nós tínhamos uma cultura muito diferente da cultura da cidade. Nós vivíamos numa comunidade cercada de parentes, as pessoas se conheciam bem, os relacionamentos eram todos pessoais. Então quando nós chegamos na cidade, nós não conhecíamos ninguém e não éramos conhecidos por ninguém. Da mesma forma que a gente estranhava a cultura deles, os hábitos, os valores, eles também estranhavam os nossos. Então, 1954 foi um período de adaptação e eu por várias escolas. Inclusive por salas multisseriadas de escolas particulares, o professor tinha sua própria escola na sala de sua casa. E em 1955, eu e meus irmãos mais novos nós fomos matriculados na Escola Normal que era a maior escola de Juazeiro que era a melhor escola de Juazeiro. Haviam três boas escolas em Juazeiro na época, era o ginásio santa Teresinha, colégio estritamente feminino, o Ginásio Salesiano que era masculino e a Escola Normal que era uma escola mista. E foi para a Escola Normal que nós fomos, as minhas irmãs já estava lá e nós fomos matriculados na Escola Normal.

ENTREVISTADORA: Vocês entraram por meio de bolsa de estudo?

ENTREVISTADO: A escola era mantida pelo Instituto Educacional Moreira de Sousa, havia uma parceria com o Estado, mas nós pagávamos a escola, os alunos pagavam a escola. A Escola Normal era uma escola particular. Eu acredito... hoje eu não recordo eu não sei afirmar se havia muita diferença de preço entre escola Normal, Ginásio Santa

Teresinha e Salesianos, mas como éramos vários irmãos lá a gente tinha desconto... era uma escola particular até 1956, quando o Curso Ginásial foi implantado e encampado pelo Estado. Então, o meu ginásio eu já fiz numa escola estadual que era o Ginásio da Escola Normal Rural, mas o primário era o Grupo Rural Modelo da Escola Normal Rural mantida pelo Instituto Educacional. E minha irmã mais velha que estudava lá fazia o curso complementar e fez o Normal também foi pago.

ENTREVISTADORA: Que séries você cursou?

ENTREVISTADO: Em 1955 fui matriculado no terceiro ano por falta de vagas no segundo no terceiro não tinha vagas, foram matriculados eu e minha outra irmã. Nós saímos reprovados. Foi um período de adaptação, nós não sabíamos como era uma escola regular, salas seriadas. E no ano de 1956 nós repetimos o terceiro ano. Em 1957 nós fizemos o quarto. Ela falece em outubro desse ano. E eu em novembro fiz o exame de admissão e 1958 fiz a primeira série ginásial e em 1959 a segunda série. Em 1961 eu tinha me submetido a um exame que contemplaria os aprovados com uma bolsa do Estado, uma bolsa de educação. E em 1960 eu mudei para o Colégio Salesiano, era um sonho estudar naquela escola. Essa escola tinha uma áurea de elite, num sei se era porque era exclusivamente masculina, porque tanto a Escola Normal como a escola eram pagas, talvez por isso. O Colégio Salesiano e o Ginásio Santa Teresinha parecia pra gente escola de elite... elite masculina e elite feminina. Eu percebi depois já cursando o ginásio na Escola Normal e quando estava no Salesiano é que a juventude, né... crianças e adolescentes nessas escolas faziam restrição a Escola Normal pelo fato dela praticar co-educação. É como se fosse uma coisa inferior, de qualidade inferior ministrar educação para homens e mulheres juntos. Eu acho que ainda aquela herança dos jesuítas de períodos anteriores quando as escolas tinham como filosofia a compreensão de se educar homens e mulheres separados.

ENTREVISTADORA: Então nesse aspecto a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte inovava?

ENTREVISTADO: Era ...a escola inovava. Eu me recordo de reflexões que eu fiz por escrito e coloco isso que a escola... Eu freqüentei as duas escolas não vi em termos de conteúdo, superioridade no Colégio salesiano, nem mesmo em matéria de religiosidade que era uma escola confessional. A Escola Normal trabalhava muito mais os conteúdos religiosos, a questão da religiosidade. Eu acho que a escola Normal, a equipe de professores dispensava o tratamento diferente, a escola estava mais próxima da realidade, da sociedade e a gente se sentia melhor. O Salesiano era como um ambiente criado, um pouco falso. E eu acredito que na cabeça dos meninos do Salesiano que aquele era um ambiente para fomentar o machismo que era uma compreensão de vida... como é que a gente diria... era uma compreensão falsa da realidade. Na realidade, homens e mulheres estão juntos. Em zona rural, apesar de eles terem papel muito diferente na sociedade de haver uma divisão de trabalho clássica para homens e mulheres... as mulheres não são tão desvalorizadas quanto na cidade. Então, eu acho que o Ginásio Salesiano, a educação lá, o processo lá alimentava o machismo que o homem era superior. Talvez por isso a gente, as crianças e adolescentes, a juventude achasse

que era uma escola de elite, porque no nordeste ser homem significa ser superior. Infelizmente!

ENTREVISTADORA: E até é perceptível no Jornal *O Lavrador* que as mulheres sejam um pouco preparadas para aceitar essa realidade também. A gente ver muito esta questão de puericultura, de como cuidar da criança, como cuidar da casa e ela vai se preparando para essa realidade.

ENTREVISTADO: É. A gente percebia desde criança que nem todas as meninas da Escola aceitavam bem, mas realmente a Escola preparava a mulher para o casamento. Eu me lembro de álbuns para noivas que as meninas faziam no curso normal e álbum de puericultura, ensinando a cuidar de criança. É como se fosse estivesse preparando para esta função, para apropriar para ser dona de casa, muito mais do que professora. Naquele tempo não havia jardim de infância a criança era alfabetizada em casa e quando ingressava na escola era aos sete anos. Não havia escolinha, quer dizer elas não estavam sendo preparadas para creche e nem para educação infantil, pré-escolar. Na verdade elas estavam sendo preparadas era para ser dona de casa.

ENTREVISTADORA: Como era percebido o ideário dos princípios do Ruralismo Pedagógico na teoria e na prática do seu cotidiano escolar? A gente escuta muito esse discurso e fica se perguntando como isso acontecia no dia-a-dia, na sala de aula.

ENTREVISTADO: Enquanto eu era aluno da Escola, eu era muito novo e eu acho que a Escola com toda a sua filosofia, com todas as suas rotinas não deixam a gente perceber, não desenvolve na gente essa capacidade de refletir sobre o que a gente faz. Então a gente simplesmente fazia o que era determinado e até gostava daquilo. Mas depois longe da Escola eu começo a refletir por uns anos que tem bastante significado para mim, porque a minha construção como pessoa se inicia aí. Refletindo sobre isso, eu percebo que havia um ufanismo muito grande. A Escola que foi criada para preparar o homem do campo, pelo campo e para o campo na verdade, não fazia isso. Eu vim do campo, era um sonho meu de criança e até o fim da adolescência de voltar para o campo, mas na Escola a gente tomava um banho de urbanidade. Não de urbanidade no bom sentido, a urbanidade hoje tem um sentido de viver em coletividade. A urbanidade lá... era no sentido de se valorizar a cidade.

ENTREVISTADORA: Isso era contrario ao Ruralismo, ao que era “pregado”?

ENTREVISTADO: Havia um hino que a gente cantava cada vez que ia para o campo e a gente ia para o campo duas vezes por semana. O campo era uma horta, um espaço de terra que a escola tinha em frente do prédio principal. Não era muito grande, para a criança parecia maior... a gente cantava o Hino Rumo ao Campo. Então eu lembro que esse Hino dizia “*Preferir ao rumor da cidade o labor que engrandece a nação.*” Quer dizer, em nível de discurso a vida rural, o trabalhador do campo, as atividades do campo eram valorizadas, mas na prática dentro da Escola e eu percebo isso hoje depois de me esforçar numa reflexão sobre aqueles anos, sobre aquela experiência. Hoje eu percebo que na verdade a gente era discriminado, quem veio do campo era discriminado. Os

valores que nos trazíamos do campo eram menosprezados, não de forma consciente, programada, mas as pessoas da cidade estranhavam nossos hábitos e nossos valores. Nós éramos estranhos, assim como a gente achava estranhas as coisas da cidade e demoramos a nos desenraizar do campo e começar a adquirir essa identidade de cidadão. Eu lembro que achava que tinha problema de adaptação em Juazeiro. Eu era uma pessoa pouco sociável e quando eu mudei e aos dezoito anos fui morar em São Paulo. Eu não gostava da cidade de Juazeiro eu não gostava de sair, não gostava de descer, de frequentar clube... essas coisas. Eu me sentia constrangido em Juazeiro. E em São Paulo eu não sentia isso e eu percebi que onde eu morava que era no alto dos prédios, em décimo quarto, décimo segundo andar... Eu olhava para a cidade e identificava os prédios com árvores. Quer dizer, em São Paulo eu me sentia diferente, eu identificava a selva de pedra com a selva de vegetais, coisa que Juazeiro eu não consegui fazer. Eu me sentia mal em Juazeiro por estar num ambiente de cidade.

ENTREVISTADORA: Mas em relação a essas práticas, o que você lembra... algo como ir à terra. O que é assim de bem específico que vocês faziam na escola?

ENTREVISTADO: Olhe, nós tínhamos... No curso primário eu fiz três anos no Grupo Rural Modelo. Então nós tínhamos a professora que era polivalente e nos acompanhava todo dia. Mas, duas vezes por semana a gente tinha aulas de atividades rurais que era acompanhada por outra professora. Ela nos repassava os conteúdos no quadro, nós copiávamos no caderno e íamos para o campo. Eu não sei porque éramos pequenos, crianças... eu terminei o primário com dez anos. Depois no ginásio eu fiz a primeira série e a segunda, terminei com onze para doze anos. Então, as atividades que a gente desenvolvia era aguar canteiros e a gente encontrava prontos. Eu não sei quem plantava, não tinha a curiosidade de procurar saber. Aguava os canteiros... na época que passei por lá de 1955 a 1961 tinha um espaço que era chamado de pocilga, de galinheiros e eu sei que antes desenvolveram essas atividades. Havia áreas de árvores frutíferas que chamavam pomar e a gente ia limpar, capinar, ou então aguar... os maiores capinavam, os menores aguavam as plantas e tudo. Para a gente era uma atividade de lazer sair da sala de aula, ficar no campo, a liberdade era maior. A professora era muito boa, muito compreensiva, não havia cobrança de conteúdo. Então, era uma alegria! As atividades principais eram essas aguar, capinar e só. Ah... e a gente via sempre um ou dois homens que eram também responsáveis pela horta.

ENTREVISTADORA: As professoras de lá eram todas formadas pela Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte?

ENTREVISTADO: Todas. Na época que eu estudei todas as professoras. A única que eu tenho dúvida é Tarsila Cruz, não sei se foi formada lá. Não vi atualmente nos registros, não lembro de ter visto o nome dela. Mas, as outras todas eram formadas de lá. A Escola foi criada em 1934 e em 1937 formava a primeira turma. Então todas eram de lá.

ENTREVISTADORA: E a relação dos alunos com essas professoras?

ENTREVISTADO: A relação era muito boa. Nós alunos, nós tínhamos muito medo de Dona Amália, medo de autoridade. Dona Amália era uma pessoa que tinha uma figura muito imponente, era uma mulher alta, forte e muito incisiva. Então nós tínhamos muito medo e acredito até que as professoras tinham também. Eu escuto relatos, bem depois, de alunos que contam casos de professores com medo de Dona Amália. Então como elas tinham sido alunas, eram como se dizia crias da casa. Eu acho que elas tinham um respeito muito grande como nós tínhamos. Todos temiam muito Dona Amália. Tinham muito respeito. Dona Amália... eu sei de casos de ex-alunas casadas que quando Dona Amália passava na rua, levantava e mandava os filhos levantar quando Dona Amália passava na calçada.

ENTREVISTADORA: Qual a lembrança que você tem dela? Ela andava pela escola e fiscalizava?

ENTREVISTADO: Eu tenho boa recordação de Dona Amália. Boa recordação de todas as professoras da Escola. Embora, eu sentisse a discriminação, o pessoal mexesse comigo, as outras crianças porque percebiam que eu era uma espécie de bichinho do mato, falava errado e tudo. Mas, as professoras não, nem tanto. Eu guardo uma boa recordação de todas elas. De mulheres muito bonitas, muito bem vestidas, bem penteadas. E lembro delas sempre rindo. Não lembro de atritos entre professores e alunos. E de Dona Amália... não lembro de Dona Amália circulando, mas lembro de reuniões... Dona Amália aproveitava a entrada na Escola de manhã bem cedo era feito em fila, quando terminava o recreio nós fazíamos fila para ir à sala. E quando terminava aula nós íamos para o pátio e fazia fila para sair da Escola. Então, essas ocasiões era que Dona Amália aproveitava para se comunicar com os alunos. Quando eu fiz o ginásio tinha trabalho de cunho didático... tinha dez a onze anos eu lembro das falas de Dona Amália. Os alunos, as crianças, os adolescentes eram muito vigiados na cidade. Então, o pessoal quando via uma aluna ou um aluno fardado da Escola Normal na rua fazendo alguma coisa errada, falava para Dona Amália e ela não sabia quem era porque não recebia o nome, mas naquela ocasião lá... ela contava o que aconteceu, deixava ver que estava errado. Eu me lembro dela dizendo que ia descobrir, que ela sabia do aconteceu porque ela era pajé e sabia de tudo que acontecia. Eu tenho uma boa recordação dela. Recentemente, eu vejo pessoas que passaram pela Escola já na década de 1970 e Dona Amália ainda era diretora contando casos e mágoas com a Dona Amália... achando que ela discriminava. Eu não lembro disso. Eu lembro que Dona Amália uma vez foi à Europa e quando voltou trouxe medalha para todos os alunos da Escola. Reuniu todo mundo no Auditório e nós subimos o palco, ela tava lá em cima, ela beijou cada um e entregou uma medalha que ela trouxe de Roma. Então, essa é a impressão que eu tenho de Dona Amália. Que era autoridade... minha mãe também era autoridade em casa. E toda senhora era autoridade na década de 1950 e 1960. Então, isso não é grande novidade. Eu até quando escuto esses casos que contam de Dona Amália, o pessoal dizendo que ela discriminava e tudo. Eu fico pensando... coitada de Dona Amália ter ficado na Escola até a década de 1970, porque a sociedade mudou muito. Dona Amália com certeza não mudou muito, mas a sociedade mudou muito. Então, as crianças eram diferentes das crianças de meu tempo. Essa questão de respeito, esses valores que a

gente tinha e a educação que a gente recebia no lar não era a mesma. Houve uma implosão dentro das escolas em 1970 e na sociedade também os valores, o relaxamento do controle social.

ENTREVISTADORA: O senhor pegou um período em que ela ficou afastada da Escola. Ela ficou afastada de 1960 a 1962. Como que foram os comentários?

ENTREVISTADO: Ela foi afastada em 1960. Eu era muito novo e eu penso assim que a minha idade mental não acompanhava a minha idade cronológica, eu era bastante ingênuo. Mas, eu lembro que nós fomos a rua, nós fizemos passeata. Haviam os rapazes, eu fazia a primeira série, o pessoal da terceira e quarta série encabeçou o movimento e a gente foi a rua e gritamos. A gente foi até o Centro que era perto. Em sinal de protesto. Até hoje eu não sei bem... eu sei que por questões políticas Dona Amália foi afastada, não é. Mas, nunca ouvi ninguém conversando claramente sobre isso... porque Dona Amália teria sido afastada? Eu conheço hoje os relatórios que ela escreveu quando retornou. Ela mesma em seus documentos, ela não diz o motivo. São questões alheias...

ENTREVISTADORA: É interessante que o documento que sai dizendo do afastamento dela não explicita o porque... só fala que por alguns motivos ela foi afastada e quando ela volta ela usa até o termo... que ela foi recebida com festa e com verdadeiro ato de desagravo. Então, já deixa assim um pouco dessa impressão de que foi algo errado e depois foi corrigido. Eu acredito que para ela tenha sido um golpe muito forte ter sido afastada já que ela tava desde 1934 e depois ter que sair. E realmente é algo que não é muito comentado.

ENTREVISTADO: É uma questão política, mas não uma questão ligada a ação de Dona Amália. Talvez, Dona Amália tenha sido atingida ... para atingir outras pessoas da cidade e não propriamente Dona Amália. Ela era muito querida realmente nessa época do afastamento... eu lembro... a Escola era uma Escola de elite também, não é. Lá estava a classe média alta, os comerciantes, filhos de comerciantes, filhos de médicos, filhos de profissionais liberais todos gostavam muito de Dona Amália. Ela e os professores... professor também naquela época tinha bastante prestígio, era bastante valorizado e eles faziam parte desse mesmo segmento. E eu me refiro aos profissionais liberais. Dona Amália conhecia bem aqueles alunos, porque conhecia a família. Naquele tempo Juazeiro era relativamente pequena e quem era de lá como Dona Amália via essas famílias crescerem e quem é de fora ela acompanhou a chegada. Aí com o coração dessas pessoas e aí com o coração dessas pessoas na sociedade. Eu falei inicialmente que era zona rural que era diferente, mas na cidade... cidade relativamente pequena como Juazeiro, também existe um sistema de relações que na época nas cidades grandes, depois que o capitalismo avança bastante mais recentemente. Então, eu acho que todo aquele pessoal sentiam que pertenciam ao mesmo segmento. Havia uma identidade.

ENTREVISTADORA: Falando em Juazeiro me veio na lembrança que umas das indagações que sempre se faz é... Porque ser Juazeiro do Norte o local a acolher a

Escola Normal Rural? Assim, depois refletindo... sendo um estudioso também da Escola. Qual é a tua opinião sobre porque Juazeiro ter sido escolhido como sede da primeira Escola Normal do Brasil?

ENTREVISTADO: Já me despertou curiosidade em relação a isso, mas eu ainda não consegui uma explicação. Por um lado eu penso que é porque Padre Cícero com os ideais de fazer uma educação profissionalizante... percebendo que a cidade crescia muito e muita gente vinha de fora. E aí encaminhar esse pessoal, dá ocupação para essas pessoas, fazer a inclusão econômica dessas pessoas, e social que é uma decorrência. Padre Cícero pensava muito em ensino profissionalizante, ele tinha essa preocupação. E eu penso que embora isso não tenha sido escrito que em Juazeiro e também Dona Amália... eu acho que uma pessoa que foi a grande depositária do ideário de educação de Padre Cícero. Eu penso que Dona Amália se interessou e lutou pra que esse projeto viesse, os relatos, as informações escritas contam que quando o Estado criou por lei a Escola... Dona Amália estava em Fortaleza e que ela teria se interessado daqui e viesse para Juazeiro. Eu acho uma coisa meio paradoxal porque Juazeiro é o município cearense que tem menor região rural. Quer dizer, o Crato tem uma imensidão de território rural. Então, há alguma coisa que eu acho que ainda não está bem conhecida, porque veio para cá o instrutor de educação, o Moreira de Sousa. Eu não tenho informação precisa sobre o relacionamento dele com Dr. Plácido Castelo que era juiz em Juazeiro e que foi a pessoa a quem Dona Amália comunicou e foi a pessoa que conta os relatos que juntou a sociedade juazeirense com o seu prestígio de magistrado e conseguiu fazer com que essas pessoas se dispusessem a participar financeiramente criando o Instituto que teria que fazer parceria com Estado. O Estado só não tinha condição de manter aquele projeto.

ENTREVISTADORA: Era um projeto inovador... essa questão de ter biblioteca, tinha os órgãos escolares.

ENTREVISTADO: Era um projeto bastante ousado, eram idéias que foram gestadas em São Paulo. Eu acredito que modelo realmente veio de São Paulo e essas idéias de educação rural, de ruralismo pedagógico era uma idéia que estava em bastante ebulição em São Paulo, quer dizer Juazeiro avança. O Juazeiro dizem que é a primeira Escola Normal Rural do Brasil. Juazeiro se torna ponta de lança na execução de ideais que eram bastante... de idéias que estavam em efervescência em São Paulo e não aqui no nordeste.

ENTREVISTADORA: Qual seu ponto de vista sobre o fechamento da Escola Normal Rural? Você lembra? Você estava em Juazeiro nesse período?

ENTREVISTADO: Veja, o ruralismo pedagógico... outra questão que me implica é o porque fazer a educação rural, porque essa preocupação de educar o homem do campo “pelo campo e para o campo” em pleno auge da revolução burguesa, se é que nós podemos falar de revolução. Em 1930 a gente sabe que a burguesia comercial e industrial tá tomando o poder no Brasil, segundo alguns estudiosos a quem questione isso. Então, parece assim que o ruralismo pedagógico é uma resistência dessa

aristocracia rural que até então dominou o poder. Então, cria em Juazeiro uma escola normal rural que eu diria que não teria muita sustentação a partir de um contexto, não seria em Juazeiro para se criar essa escola. Porque não tem área territorial rural, é muito pequena. Agora veja, em relação ao fechamento... eu acho que esse projeto e esse ideário do ruralismo pedagógico foi mantido durante uns quarenta anos... de 36 a 76 são quarenta anos. Dona Amália e a sua equipe. Padre Cícero começa a criar uma mentalidade que Dona Amália com a Escola Normal consegue consolidar e manter durante os quarenta anos. Eu sei dos relatos que Dona Amália ficou muito chateada quando em 1976 deslocaram o ensino de segundo grau, o ensino médio da escola normal para um prédio novo. Adauto construiu era governador, construiu uma escola nova e para lotar... para colocar uma escola que é era bastante distante do Centro da cidade e naquele tempo era periferia. Simplesmente levaram os alunos da Escola Normal. Como a Escola, a burocracia ainda não estava regularizada os alunos continuavam recebendo os certificados da escola Normal. Dona Amália ficou muito magoada porque a escola dela, entre aspas, tinha sido transformada numa escola de grande grupo, numa escola de ensino de primeiro grau somente. E, eu acho que a transformação da Escola, o fim da educação ruralista aconteceu em consequência da modernização, do crescimento de Juazeiro... o crescimento populacional, não só de Juazeiro, da democratização se é que a gente pode chamar de democratização pelo menos foi democratizado o acesso à escola. Então muito mais gente podia ir à escola, houve como que uma implosão das escolas, um crescimento muito grande. Eu já comentei antes que também os valores e os controles sociais, a sociedade não consegue mais fazer com a mesma eficácia. Então, o que aconteceu foi que leis criadas no sul do país, no sudeste, mais adaptadas e mais adequadas àquelas regiões foram impostas ao Brasil inteiro e inclusive para Juazeiro. Então, o ensino rural é extinto para se criar a profissionalização no nível de segundo grau e a preparação para o magistério era feito em cursos com a nova formatação que chamavam o Curso de Habilitação para o Ensino de séries iniciais. Outra coisa é que o cearense, o juazeirense a gente lá no Cariri, o Crato que se diz capital da cultura. Também a gente vê é que tem a memória muito curta. Esse período da década de 1970 havia uma busca, um anseio muito grande por modernidade, pelo novo. Então, as coisas mais tradicionais, as coisas do passado, ninguém avaliava se eram boas e deviam ser mantidas. A idéia mais era descartar como velhas para aderir ao novo. A idéia de que todo novo é melhor. É a falta de reflexão mais séria. Eu acredito que aconteceu mais ou menos isso. Eu não diria que o projeto rural devesse ser mantido, principalmente nas condições de abandono que a educação já estava na década de 1970. Teria que ser revitalizado, se é que era bom e merecia continuar... teria quer ser revitalizado aquele projeto e readaptado as condições da época. Eu penso que o que determinou a extinção do curso foi a interpretação que se faz da 5692. Eu lembro que eu já era professor universitário quando o Governo Federal, o MEC cria esse curso de habilitação para curso de licenciatura plena do ensino fundamental. Porque até esse momento não havia nenhum curso de nível superior preparando para a educação das séries iniciais do ensino fundamental. O curso de pedagogia não tinha essa finalidade. Então, quando criaram esse curso eu lembro de professores ligados ao departamento e ao curso de pedagogia da URCA entenderem que

o curso de pedagogia tava sendo extinto. Esse não era o meu entendimento. O curso não estava sendo extinto. Estava sendo criado um novo curso com a finalidade principal de formar professores para as séries iniciais do ensino fundamental. Porque não havia até o momento um curso preparando para isso. Então, veja a Lei 5692 quando instituiu a profissionalização a nível de segundo grau, ela tenta criar junto com outras profissões a formação para o magistério. Então, projetos como o da Escola Normal, poderiam ter sido mantidos. Aquilo não significava que normal rural estava sendo extinto. Eu não conheço uma lei extinguindo o ensino normal rural. Agora novamente veja... em 1972 houve essa interpretação da lei. Eu também não garanto que esse meu juízo é o correto, é uma interpretação. Eu posso está enganado, pode me faltar informações, desconhecer informações. Mas, veja a minha avaliação se baseia também no fato de que em 1996 quando sai a tal de Lei de Diretrizes e Bases, por exemplo, o Moreira de Sousa que era a antiga Escola Normal a diretora entendeu que o Curso Normal estava sendo extinto e simplesmente parou de matricular alunos na habilitação para o magistério. Eu, assumi... quando eu me candidatei a diretor nessa escola no processo eletivo naquele ano de 2002 estava saindo a ultima turma do normal. Eu fui atrás da lei e achei que a escola, a tradição da escola era formar professores, não havia curso naquela ocasião formando para o magistério da séries iniciais. Uma promessa minha de campanha era reimplantar o curso normal e eu fui ver que ele nunca tinha sido extinto. Inclusive, em Fortaleza o Instituto de Educação mantinha o Curso normal. Mas, no interior todas as escolas extinguiram o curso normal. Por entender que não havia mais tempo a dar para a profissionalização. Então, talvez tenha acontecido à mesma coisa em relação à Escola Normal, falta de força, falta de idéias que mantivessem o curso. Atualmente a Escola Moreira de Sousa o governador, o Governo do Estado está querendo implantar lá, um projeto de ensino profissionalizante. Eu não sei por que o Moreira de Sousa foi escolhido, uma escola que tem toda uma tradição na cidade de escola, de ensino rural. A gente tentou e eu sei muitos pesquisadores que estão tentando resgatar a memória e a história dessa escola, a memória e a história do ensino normal. Há uma preocupação muito grande atualmente com a questão da formação do professor. Então, tanto os professores normalistas que principalmente eles... Praticamente nós temos, principalmente pelo interior. Quanto a formação de professores a nível superior. Então, veja há uma preocupação muito grande com isso e é um tema que está sempre em pauta principalmente na academia. Então veja a secretaria do Estado através da secretaria de educação quer implantar cursos profissionalizantes. Seriam cursos de informática e em tempo integral. Seriam cursos de informática e eu não lembro exatamente mais é para o lado tecnológico. Não sei se curso de guia de turismo também lá. Então, está havendo uma reação muito grande que o pessoal da comunidade escolar na qualidade contra isso. Esse projeto... que é uma mudança muito grande na escola e é uma mudança que como as anteriores não passa por um processo de discussão dentro da escola e nem dentro da comunidade. Então são mudanças que são impostas de fora e a comunidade que tem que se adequar.

III PARTE

Jornal *O Lavrador*

ENTREVISTADORA: Em relação ao periódico *O Lavrador*. Você tem alguma lembrança por mais que tenha estudado lá novinho desse jornal circulando, se vocês recebiam? Quais são as suas lembranças?

ENTREVISTADO: Depois de adulto, hoje eu olho para o passado e acho assim que o jornal foi um marco muito importante da Escola. Além, desse nome que a Escola tem que a gente em Juazeiro nas gerações passadas fala com muito orgulho *Escola Normal-a primeira do Brasil* nem todo mundo percebe esse marco que a Escola tinha que era aquele jornal. A Dona Amália encaminhava o jornal *O Lavrador* para todas as estâncias educacionais e ela tinha a acesso a todas as estâncias no Ceará e Pernambuco. Principalmente o Estado do Ceará e o sul Cariri tinham muita ligação com Pernambuco e com Recife e no Rio de Janeiro. Então o jornal era distribuído no Brasil inteiro. As Semanas Ruralistas de Juazeiro o pessoal vinha do Rio para a Semana Ruralista. Então, havia uma interação entre a Escola Normal, os setores educacionais do Rio, em Recife e em Fortaleza. Então, o jornal era algo muito importante na Escola por oferecer espaço para os alunos. Às vezes eu me questiono, se a educação que a Escola ofertava não era uma educação muito reprodutiva da sociedade, de reproduzir em grande escala que aquelas professoras eram moldadas pelo modelo que só Dona Amália tinha. Mas, quando eu olho para o jornal que era feito por alunos da Escola devia ter assessoria, eu não tinha conhecimento. Quando eu passei por lá era muito novo e eu pergunto a outras pessoas... talvez existam muito poucas pessoas que tenha informação de como o jornal era feito. Mas as matérias eram assinadas por alunos e eram feitas por alunos. Por que eu lembro de meu tempo... eu não tinha um interesse e aí eu tenho que admitir que Dona Amália era elitista. Ela tinha um trato diferente, eu estou olhando da minha posição de filho de pequenos proprietários rurais que sempre me identifiquei com o pobre, eu não tinha um nome de família e isso era muito importante para a sociedade daquela época e ainda hoje no interior é uma marca. Então eu lembro, que todos os feitos da Escola e nos registros de Dona Amália quando era aquele pessoal do segmento que constituía de profissionais liberais, comerciantes e etc. Dona Amália registrava o nome do aluno e eu lembro de encenações quando Virgílio esteve lá, o governador... eventos muito importantes da Escola que minhas irmãs participavam. Uma irmã minha com nove, dez anos declamou a poesia de Rachel de Queiroz para o visitante, mas o nome dela não aparece. Tinha outra irmã minha pequenininha com seis anos ou cinco que nessa época a Escola Normal tinha pré-escolar, também encenou uma peça em um evento desses e o nome dele não aparece. E chamou a atenção de todo mundo porque ela era pequenininha e representava com muita desenvoltura, mas o nome não aparece. Agora o nome de Seu Antonio Bastos Mota, filho de Walter que era juiz de Direito aparece, dos Van Den Brule que era filho daquele conde aquele personagem ligado a história de Juazeiro e ao Padre Cícero aparece sempre, os filhos de Dr. Mozart, os Belém de Figueiredo... infelizmente não tiveram...né... mudaram de Juazeiro... Dr. Ildegardes que era filho de Dr. Belém, os filhos dele acho que já nasceram fora de Juazeiro e as filhas Zuila e Zuleide não casaram, não tiveram prole. Então, Dona Amália registrava esses nomes e outros não. Esse pessoal que aparecia nos jornais e com certeza participava. Agora a

gente que veio de fora que não tinha muito significado e que o nome não agregaria nada ao jornal, talvez ela deixasse de lado. Mas há casos como essa minha irmã que pequenininha representou a peça ela tem artigos publicados no jornal já na década de 1970 e outras pessoas também que eu conheço em Juazeiro e que eu vejo as matérias publicadas no jornal. Agora eu não sei te dizer como era feitura do jornal, eu só sei que era um espaço que podia ser usado para a emancipação de quem tivesse essa índole e essa ambição de se emancipar. Eu conheço casos de mulheres que passaram que passavam por lá como a Madre Neli Sobreira terminou o curso normal se candidatou a vereadora e foi eleita em 1946. Em 1947 quando termina o mandato ela resolve entrar para a vida religiosa contra a vontade da família e como religiosa foi uma grande educadora e tem uma obra social ainda hoje em Juazeiro. Quer dizer, é uma mulher que se emancipou que as vezes a gente pensa que Dona Amália era muito elitista e fazia uma educação muito reprodutivista e que colocava na cabeça daquelas mulheres a subserviência. Dona Amália até pela postura dela, a imagem dela, o papel dela, o desempenho dela dentro da escola eu não afirmaria que ela era uma mulher machista, mas as mulheres... minha mãe também ... eu acho que minha mãe não é machista, mas minha mãe ainda hoje ela deixa transparecer valores da sociedade que é muito importante, é de grande valia ter um homem dentro de casa, na casa tem que ter um chefe do sexo masculino tem que ser um homem. Então, Dona Amália mesmo sendo uma mulher que tinha bastante autonomia podia estar reproduzindo a frente da direção da Escola, o machismo, relação machistas dentro da Escola.

ENTREVISTADORA: Eram todos os alunos que recebiam os jornais?

ENTREVISTADO: Todo mundo tinha acesso ao jornal. A circulação do jornal era democrática. Todos tinham acesso ao jornal. Era distribuído. Hoje eu penso assim que podia ter bastante número de jornais em casa pra gente, mas a gente não valorizava. Acho que nem lia todo, geralmente aluno resiste um pouco às coisas da escola. Nós não valorizávamos o jornal. Hoje, como educador eu valorizo demais, eu fui diretor e vi a dificuldade de a gente tinha de criar um instrumento informativo. Até mesmo na universidade que eu sou professor. Então, eu acho e por isso que eu digo que um grande marco da escola era aquele jornal. E com certeza os alunos ficavam com uma grande contribuição. Eu não conheci a Escola, Mirelle, por exemplo, de 1940, de 1930... Eu acredito que aquela escola foi muito diferente do eu conheci, porque a partir de 1960 já começa a mudança muito rápida e muito grande na sociedade e isso provocou realmente uma mudança também na Escola. Os valores mudam muito e vai haver um distanciamento dessa sociedade de 1970 daquela sociedade em que a Escola foi construída e qual a escola estava adaptada. Eu acredito que a maioria dos números de jornais é da década de 1930 e 1940. Na minha época já não havia regularidade nas tiragens.

ENTREVISTADORA: Inclusive tem uma lacuna enorme entre 1958 a 1961.

ENTREVISTADO: Em que Dona Amália esteve afastada. Eu vi o relatório dela quando voltou contando do estrago que foi feito. Realmente, eu fui aluno do padre Coutinho... ele já tinha bastante idade como professor nosso a gente achava que ele já

tinha bastante idade era o professor de latim. O Padre Murilo chega nessa ocasião, já ocupando a regência do latim. Eu não conheci Padre Murilo como professor de português, conheci como de latim porque o Padre Coutinho acho que já estava se aposentando parece que ele tinha dificuldade auditiva. Então, ficava difícil trabalhar com o latim. Mas, veja depois o Dr. Dion ele era um veterinário que era pessoa que ficou também um ano na direção da escola. Nesse intervalo em que Dona Amália foi afastada o Padre Coutinho ficou um ano e se eu não me engane, não me falhe a memória renunciou e assumi o Dr. Dion. era genro de Dr. Feitosa que foi prefeito de Juazeiro por volta de 1946 e acho que teve outro mandato no fim da década de 1950. Então, o Dion eu não lembro o nome dele todo no momento, mas ele foi quem ficou diretor no outro período. No termino desses três anos em que Dona Amália esteve afastada. Então, não se pode comparar a competência gerencial dessas pessoas com a de Dona Amália que a vida inteira respirou educação e aquilo era a vida dela.

ENTREVISTADORA: Pedro, muito obrigada pela tua colaboração com a pesquisa.

ENTREVISTADO: é um prazer poder contribuir.